

Precariedade e baixos salários contrastam com expansão e lucros

A classe do Ritz



Propriedade dos abastados Queiroz Pereira, gerido pela *Four Seasons*, que ocupa o topo na hotelaria mundial, o Hotel Ritz de Lisboa usufrui do bom momento que atravessa o sector. Os trabalhadores, pelo contrário, são confrontados com permanentes ataques a direitos conquistados há décadas, enquanto a precariedade cresce e os salários são contidos a níveis extremamente baixos.

Págs. 5 e 6

Centenário
do nascimento de

Bento de Jesus Caraça

Págs. 13 a 20



Eleições autárquicas

Candidaturas CDU

António Filipe é o candidato da CDU à presidência da Câmara da Amadora, apresentado ontem por Carlos Carvalhas. A preparação das autárquicas continua, com encontros das estruturas regionais e concelhias da CDU.

Págs. 11 e 32

27.º aniversário

Viva o 25 de Abril!

Como já é tradição, o aniversário do 25 de Abril é comemorado por todo o País. Em Lisboa, um desfile popular parte do Marquês de Pombal em direcção aos Restauradores.

Pág. 24

Avante! sai a 25

O nosso jornal vai sair a 25 de Abril, quarta-feira, antecipando de um dia a data normal da sua distribuição. Tal permitirá a algumas organizações promover a sua venda militante nas várias iniciativas comemorativas da Revolução.

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª A - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lúcia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presência

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Continentes e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00

EUROPA
50 números: 23 000\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



António Filipe, candidato da CDU na Amadora

Resumo

11 Quarta-feira

Mário Fernandes, presidente do Instituto da Navegabilidade do Douro, demite-se na sequência das conclusões do relatório da queda da ponte de Entre-os-Rios • As centrais sindicais exigem uma revisão salarial que permita repor o poder de compra dos trabalhadores • Israelitas e palestinos reúnem-se na residência do embaixador dos EUA em Telavive para discutir questões de segurança • O Partido dos Trabalhadores brasileiro decide apresentar de novo o seu presidente honorário, Luís Inácio «Lula» da Silva, como candidato às presidenciais nas eleições de 2002.

12 Quinta-feira

O director distrital de Finanças do Funchal, Carlos Brazão, diz que vai recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo da decisão do ministro das Finanças que o demitiu das suas funções • O encontro entre os israelitas e os palestinos em Telavive decide aligeirar o bloqueio aos territórios e agendar nova reunião • O «mayor» de Cincinnati, no nordeste dos EUA, declara estado de emergência e recolher obrigatório na cidade devido à onda de violência provocada pela morte de um jovem negro às mãos da polícia.

13 Sexta-feira

Os autarcas da Câmara de Ponte de Lima e de duas juntas de freguesia do concelho decidem tapar os buracos de uma estrada nacional • O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, afirma que a comunidade internacional está disposta a contrariar os «extremistas» croatas na Bósnia-Herzegovina • Duas mulheres e um homem do grupo Greenpeace são presos depois de se manifestarem frente ao rancho do presidente norte-americano.

14 Sábado

O governo turco apresenta um programa de reformas económicas e apela à população para fazer «sacrifícios» • A aviação israelita bombardeia o sul do Líbano • O enterro do jovem negro morto pela polícia americana decorre sem incidentes • Balanço da operação «Páscoa 2001» aponta

para a morte de 13 pessoas • A Concelhia de Alenquer da CDU considera que a estrada variante à vila é um «remendo em calças rotas» que não resolve os problemas de trânsito no principal eixo urbano do município.

15 Domingo

O novo presidente da República Democrática do Congo, Joseph Kabila, nomeia o seu próprio governo marcado pela ausência de algumas das principais figuras do regime anterior • O primeiro-ministro inglês, Tony Blair, é pressionado por várias personalidades do Partido Trabalhista para marcar eleições legislativas para 24 de Maio • ETA acusa a Igreja de estar a «perder a neutralidade» e de estar a trabalhar «apenas para um dos lados».

16 Segunda-feira

Uma fonte do Ministério da Defesa diz ao DN que a hierarquia militar quer manter a presença dos capelães nas estruturas das Forças Armadas • A quase totalidade do corpo dos Bombeiros Voluntários de Algés rescinde o contrato de trabalho como forma de protesto contra a entrada de Nuno Costa, o novo comandante dos bombeiros de Algés • Pela primeira vez desde 1982, Israel lança um ataque contra uma posição militar síria no Líbano • O antigo presidente filipino Joseph Estrada entrega-se à justiça depois do Tribunal especial de anticorrupção ordenar a sua detenção.

17 Terça-feira

O ministro da Defesa, Castro Caldas, reafirma que o concurso para aquisição de novos submarinos para a Marinha «está de acordo com o planeamento» • Cinco mortos, dezenas de feridos e zonas autónomas da Faixa de Gaza novamente ocupadas por tanques é o resultado das operações do governo israelita contra o povo palestino • Alguns deputados do PAICC demarcam-se da posição oficial do partido e manifestam-se contra a moção de censura ao novo governo • A multinacional fabricante de equipamentos de telecomunicações Ericsson anuncia o despedimento de mais 30 mil funcionários.

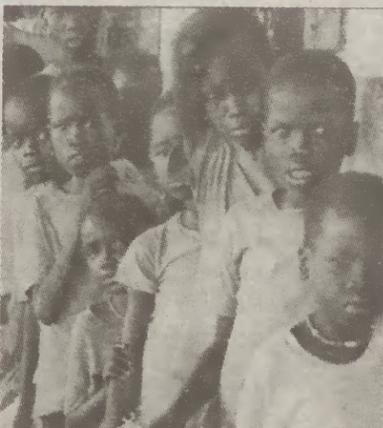
Aconteceu

Páscoa acidentada

As férias da Páscoa continuam a provocar acidentes, muitos deles por excesso de velocidade e pouco respeito pelo Código da Estrada. Os «aceleras» são os maiores responsáveis por efectuarem ultrapassagens indevidas e a prática de outras irregularidades em áreas que não se encontram sob vigilância policial.

No decorrer destes três dias de férias, a Brigada de Trânsito registou 818 acidentes e 278 pessoas com ferimentos ligeiros. Embora na globalidade se tenham assinalado menos acidentes do que em 2000, a realidade é que estes são mais violentos e com consequências mais graves: morreram vinte pessoas.

O que com efeito mereceu respeito por parte dos automobilistas foi a redução da taxa de alcoolémia imposta pelo Governo. Os condutores parecem ter optado pelo consumo de água ou sumos em vez da tradicional cerveja.



O MV Etireno atraca em Benin

O navio nigeriano MV Etireno atracou na passada terça-feira em Benin terminando desta forma a caça internacional ao navio que transportava de 100 a 250 crianças para o Gabão.

Estas crianças destinavam-se a serem vendidas como escravas a proprietários de plantações de algodão e cacau, onde iriam trabalhar em condições desumanas, sendo as meninas, na sua grande maioria, exploradas no mercado da prostituição.

Depois de efectuadas as buscas ao navio, a ministra da Protecção Social de Benin, Ramatou Baba Moussa, informou que a bordo do navio apenas se encontravam sete crianças acompanhadas das suas mães, não tendo revelado mais detalhes sobre a possível existência de um segundo navio além do MV Etireno.

Porém, agências humanitárias em Cotonu mostravam-se preocupadas e não excluíam a hipótese de as crianças terem sido lançadas ao mar pelo capitão do navio, tendo esta situação sido bastante praticada no passado.



ABERRI EGUNA 2001

As comemorações do Aberri Eguna, efeméride nacionalista que celebra a Pátria Basca, decorreram no passado domingo, por todo o País Basco e Navarra, com dezenas de concentrações e comícios locais e com uma grande manifestação convocada pelo Euskal Herriarrok (EH), a formação política da esquerda independentista. Também o Partido Nacionalista Basco (PNV) e a Eusko Alkartasuna (EA) assinalaram o Aberri Eguna com comícios em Bilbao e Guernika, contando ambas as realizações com a presença de Juan José Ibarretxe, chefe do Governo Basco.

Em Iruñea, a capital histó-

rica de Euskal Herria (Pátria Basca), várias dezenas de milhares de pessoas manifestaram-se pela consolidação do processo de soberania basca e pelo direito à plena nacionalidade e autodeterminação dos bascos, afirmando a disposição de reforçar a luta pela independência e reclamando a amnistia para os presos políticos.

No comício de encerramento do Aberri Eguna em Iruñea, Arnaldo Otegi, em representação do Euskal Herriarrok, apelou à unidade em torno do processo soberanista e à defesa e incremento das instituições bascas, disponibilizando para tal o apoio do EH.

Tragédia em dia de futebol

No decorrer de um jogo de futebol que opôs as duas equipas mais populares da África do Sul, os Kaiser Chiefs e os Orlando Pirates, morreram pelo menos 47 pessoas.

O acidente, divulgado pelo canal público de televisão SABC, aconteceu quando uma

multidão tentou entrar sem bilhete no estádio que já se encontrava superlotado. A polícia calculou que se tenham apresentado no estádio mais de 120 mil pessoas para assistirem ao jogo.

Ainda de acordo com a SABC, a maioria das vítimas morreu espe-

zinhada ou esmagada dentro e fora do estádio Ellis Park, depois de a multidão ter entrado em pânico por terem sido forçadas as entradas no recinto.

As mulheres e as crianças constituíram o maior número de vítimas mortais desta tragédia.

Encontradas estrelas magnéticas

As primeiras estrelas magnéticas fora do sistema solar foram encontradas por uma equipa de astrónomos austríacos, em parceria com uma especialista argentina.

Estes cientistas descobriram os novos astros a uma distância de 180 mil anos-luz na maior

galáxia vizinha da Via Láctea, a Grande Nuvem de Magalhães.

Estes astros demonstram ser extremamente quentes, atingindo na sua superfície uma temperatura de dez mil graus centígrados; ou seja, o dobro da temperatura do Sol. Destacam-se igualmente por

possuírem um campo magnético muito forte, 30 mil vezes superior ao da Terra.

As estrelas magnéticas possuem igualmente a característica de na sua superfície se encontrar frequentemente elementos químicos como o níquel, o crómio e o estrôncio.

Crónica Internacional

• Carlos Aboim Inglez

Episódios?

Mal eleito (mal, de facto...) presidente dos EUA, logo Bush Júnior começou a fazer voz grossa *urbi et orbi* como se fosse o Senhor do Mundo. Apagou um tanto o seu apregoado pendor «isolacionista». Introduziu uma maior dose de «unilateralismo» declarado no aparente «multilateralismo» clintoniano. Uma série de «episódios erráticos», como alguns querem, ou já acentos graves numa nova política externa, ainda em transe de elaboração? Será talvez cedo para responder, mas convém todavia tomar boa nota.

Logo, logo, Bush retomou com alarde provocatório os bombardeamentos ilegais ao Iraque; e, simultaneamente, acoberta os desmandos do ultrafalcão israelita Sharon na sua escalada criminoso contra os palestinianos – usando mesmo o veto no Conselho de Segurança para impedir a resolução que aprovava o envio duma força internacional de observação para a região. Nem num caso nem noutro os países árabes lhe deram o amén. Forçando o avanço do programa da nova «guerra das estrelas», contra a oposição da Rússia e da China e reticências da França e outros aliados, Bush relança a escalada armamentista e o reavivar da ameaça da guerra nuclear. Indiferente a todo o mundo, renege despudoradamente o Protocolo de Kyoto porque, diz, não serve os interesses económicos dos EUA. A expulsão de 50 alegados espões russos dos EUA, logo retomada na mesma medida pela Rússia, reaviva práticas da dita enterrada guerra fria. À Jugoslávia, exangue pelos bombardeamentos de há 2 anos, ordena uma inadmissível chantagem: Milosevic para a cadeia, já! e depois algo se há-de encontrar para o inculpar. Finalmente, no mais recente e mediático episódio, o incidente com o seu avião espão nos mares do Sul da China.

Os EUA não podem impor a sua vontade ao mundo

Al de Abril, o ultra-sofisticado EP-3, em voo de «rotina» de espionagem pelas costas da China, choca e derruba um caça chinês e aterra sem pedir permissão numa base militar da ilha de Hainan. De imediato Bush dita as suas ordens: 1) regresso imediato da tripulação; 2) não tocar sequer no avião, considerado «território soberano» dos EUA. Claro que a China não obedeceu. Só após 11 dias de aturdidas negociações, não apenas semânticas, os 24 tripulantes foram libertados, depois de o mero **regret** inicial ter sido substituído por, duas vezes, o mais substancial **very sorrow**. E o inviolável avião-espão, já amplamente devassado, continua ainda pousado no soberano território da China. Uma delegação dos EUA vai agora prosseguir conversações em Pequim. Jiang Zemin, entretanto em digressão pela América Latina (Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, Cuba, Venezuela), já declarou que «o incidente não está terminado». Há muitas questões em jogo. Não das menores, a provocatória

intenção de fornecer a Taiwan o avançado sistema de radar Aegis; mas também um comércio bilateral de 115 mil milhões de dólares, em 2000, nada despiendo para uma economia à beira da recessão como a dos EUA.

Após a libertação dos tripulantes do avião-espão, um conceituado articulista americano escreveu no *New York Times*, de 14.04.01: «A lição desta crise não pode ser esquecida por Bush. Apesar de todo o seu poder, os EUA não podem impor a sua vontade ao mundo. O unilateralismo tem limites e custos.» Não sabemos se, na laboriosa e ao que parece controversa reelaboração política externa americana em curso, tal lição será tida em devida conta. Porque os episódios referidos não são tão erráticos como alguns pretendem. Apontam para a persistência, com Bush Júnior, do que já com Clinton, aliás na continuidade de Bush Sénior, sempre foi fundamental na política externa americana: a sua arrogância imperialista, a sua ambição hegemónica, a sua falta de escrúpulos. A sua perigosidade.

Sim, é um facto: apesar de todo o seu poder, os EUA não podem impor a sua vontade ao mundo. Mas terá que ser o mundo, os estados soberanos e os povos do mundo, que terão de impor aos EUA a conformação com essa realidade. Porque por si mesmo o imperialismo americano não se reforma.

Editorial

BENTO DE JESUS CARAÇA

Assinalamos, nesta edição do «Avante!», o centenário do nascimento de **Bento de Jesus Caraça** e sublinhamos, com grande e legítimo orgulho, a sua condição de **militante comunista**. Não para capitalizar louros – que dispensamos e rejeitamos por natureza e princípio. Muito menos invocando qualquer direito de exclusividade na homenagem a um vulto maior da vida científica, cultural e política do nosso país – antes considerando, até, que um Governo que deixa passar em claro tal efeméride, é um Governo que governa abaixo de zero. Fazemo-lo, então e em primeiro lugar – enquanto órgão central do Partido que foi o de Bento de Jesus Caraça – no cumprimento de um acto de justiça; fazemo-lo, igualmente, para deixar expressa, mais uma vez, a «clara certidão da verdade» acentuando que a vida e a obra de Bento de Jesus Caraça são inseparáveis do seu ideal político. Fazemo-lo, ainda, reafirmando a rejeição frontal de sucessivas e espúrias tentativas de apropriação do pensamento e da postura política dessa figura notável por parte do bando de abutres de

manto misticatário da «ordem natural das coisas» – é uma consequência da derrota das tentativas de construção de sociedades novas: livres, justas, fraternas, solidárias, isto é, libertas de todas as formas de opressão e de exploração.

Analisar e procurar detectar as causas dessa derrota, tendo sempre em conta o significado dessas experiências na história de humanidade, os passos em frente que elas proporcionaram, os avanços civilizacionais delas decorrentes e as perspectivas futuras que abrem, é tarefa prioritária das gerações actuais de comunistas. Porque nessa análise, nesse significado, nesses passos em frente, nesses avanços, nessas perspectivas estão as sementes do futuro por que lutamos, estão as fontes de força e de confiança no êxito dessa luta.

Em 1933, escreveu Bento de Jesus Caraça: «Houve quem dissesse um dia que as gerações dos homens são como as das folhas, passam umas e vêm outras. Está na nossa mão o desmentir o significado pessimista desta frase.» Assim fazemos, procurando «construir para o futuro pela resolução, em bases largas, dos problemas que nos estão postos», procurando conhecer com rigor a natureza e o volume das dificuldades e dos obstáculos que se nos colocam, conferindo sempre à nossa intervenção a sua dimensão humanista e revolucionária – e sabendo que essas são condições indispensáveis para cumprirmos a nossa tarefa colectiva, que não «trairemos», que não viremos um dia a ser «arredados com o pé, como se arreda um montão de folhas mortas».

Aos que tudo fazem para nos empurrar para a capitulação e a desesperança, para o beco sem saída das «ilusões perdidas»... respondemos com a afirmação da nossa condição de comunistas, de homens, mulheres e jovens que, incessantemente, procuram saber «donde vêm, onde estão e para onde vão» e que, por isso mesmo, não desistem de sonhar e de lutar, com todas as suas forças, inteligências, saberes e coragens, pela materialização desse sonho. Aos que – vencidos da vida, cansados de lutar, rendidos à ironia estúpida dos detractores dos «amanhãs que cantam», enredados nas malhas perversas das «ilusões perdidas» – procuram disfarçar essa sua postura com um pretensioso discurso «moderno», respondemos que a «modernidade» do seu discurso «pós-comunista» tem a idade do capitulacionismo e que muitos são os *amanhãs que já cá cantam*...

Quanto às «ilusões perdidas», remetemo-las para Bento de Jesus Caraça: «As ilusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir; perdidos são aqueles períodos da história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta, sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída uma sombra uniforme sobre o pântano estéril da vida sem formas. Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande, que nos ultrapassa e nos requer. Sem ilusão, nada de sublime teria sido realizado, nem a catedral de Estrasburgo, nem as sinfonias de Beethoven. Nem a obra imortal de Galileo.»

“A vida e a obra de Bento de Jesus Caraça são inseparáveis do seu ideal político”

serviço, ou daquela outra espécie de predadores para os quais os comunistas só são bons e louváveis depois de mortos, ou daqueles que, em bicos de pés e recorrendo ao verbalismo oportunista, procuram camuflar a sua lastimável condição de «folhas mortas».

O exemplo de Bento de Jesus Caraça, a sua vida, a sua obra, a sua intervenção pedagógica e política, a sua postura vertical e coerente assumem um significado e uma importância particulares no tempo que vivemos – neste tempo complexo e difícil e que coloca exigências incontornáveis ao «homem culto»: que lhe impõe a lúcida compreensão da marcha da História e do papel que lhe cabe, individual e colectivamente, enquanto construtor do futuro; que convoca a sua inteligência, a sua coragem, a sua determinação resistentes; que lhe exige uma confiança serena e persistente na força da luta ancorada nos ideais humanistas; que o obriga, em suma, a procurar saber «donde veio, onde está, para onde vai».

A nova ordem mundial dominante – com o seu conteúdo totalitário, assente na opressão e na exploração dos trabalhadores e dos povos, sustentada pela força do poder económico, político, militar dos donos do mundo e por uma intensa ofensiva ideológica que, através de mil caminhos, procura esconder a realidade nua e crua sob o

Actual Caçadores de prémios

• Jorge Cordeiro

Para os que julgavam idos e distantes os tempos dos caçadores de prémios, enquanto agentes tolerados da justiça americana do antigo Oeste, o processo de detenção de Milosevic e o papel do TPI e da sua Procuradora vieram desfazer tal ideia. A história aí está repetida com novos protagonistas, é certo, mas no mesmo estilo e com os mesmos papéis distribuídos.

O que impressiona não é a atitude imperial dos Estados Unidos e a sua convicção de que não há nada que se não resolva a troco de um punhado de dólares mas, sim, a aceitação por parte das autoridades de Belgrado dos ultimatos da Casa Branca em troca da promessa de um saco de notas. E se já hoje não é possível disfarçar que a prisão de Milosevic, para responder perante as autoridades do país segundo as mesmas, corresponde não a um acto soberano mas sim a um gesto de rendição política e económica, mais legítimo se torna acreditar que com o aumento do valor da recompensa

maiores se tornam as probabilidades da sua entrega ao TPI.

O que indigna não é a pretensão dos Estados Unidos ao papel de polícia do mundo mas sim a confirmada manipulação do TPI para os crimes da Jugoslávia ao serviço da sua política e dos



seus objectivos. As declarações da procuradora do TPI, Carla del Ponte, em início de Março de ameaça às autoridades de Belgrado; a decisão articulada do Congresso norte-americano de estabelecer o prazo de 31 de Março para que o governo jugoslavo desse sinais de colaboração em troca de uma ajuda de cem milhões de dólares; os apelos directos da procuradora a que os Estados Unidos agissem directamente na captura de Milosevic; a ameaça de imposição de condi-

ções duras ou de cooperação financeira imediata conforme a atitude das autoridades jugoslavas - são expressão de uma indesmentível instrumentalização deste organismo.

O que choca é ver como as novas autoridades de Belgrado se vergam perante o aceno de uma "ajuda" económica destinada à reconstrução do país, um valor risível se comparado ao volume da destruição que os agora transformados em benfeitores impuseram à Jugoslávia, em vez de exigirem dos Estados Unidos e da União

Europeia a justa reparação financeira pelos prejuízos causados pelo acto deliberado de destruição das bases essenciais do seu aparelho produtivo.

O processo de Milosevic não é mais do que a expressão de uma estratégia de criminalização, selectiva e arbitrária, de todos quantos ousam opor-se ao domínio dos Estados Unidos num mundo em que se banalizam as violações do Direito Internacional por parte dos dirigentes da Nato, ou a seu mando.

Marretas

• Carlos Gonçalves

Desde que Guterres colou o eufemismo «marretas» a uns senhores que no seu Partido estariam a inviabilizar uma putativa «renovação», o termo tornou-se recorrente, mas nem por isso perderam actualidade algumas reflexões.

A primeira é que esta novidade discursiva vem num quadro de grandes dificuldades do PS e do Governo, há muitos meses num plano inclinado de crises políticas, numa vertigem de queda de ministros digna do «Guiness», de que se tem salvo pela emergência de cada nova crise. Daí que a radicalidade semântica de Guterres surja como um sketch teatral na procura desesperada do «facto político» que, na política espectáculo, consiga mistificar a política real e esconjurar a crise.

Porque marretas de facto - segunda reflexão - são as políticas essenciais e estruturantes que o Governo prossegue, com um sentido de classe que continua até hoje as orientações do PSD, e que aliás Guterres mantém na sua moção ao Congresso.

E até ver o Congresso do PS - terceira reflexão - continua sem novidades no plano das ideias e propostas e à deriva: de «congresso de fractura», falhado por falta de «oposição», para «congresso de afirmação», em que Guterres será recandidato a Primeiro-Ministro - que outra coisa

poderia ele dizer agora(?), e em que Jorge Coelho será de facto o «número 2»

que já é. Um Congresso com sonantes retóricas «de esquerda», mas com orientações marretas e viradas à direita e «renovação» QB para mistificar a troca de alguns velhos socialistas por uns tantos boys do Governo.

Porque esta Direcção do PS - quarta reflexão - releva não as políticas reais e o serviço da coisa pública, mas sim o marketing político e a imagem, para, como avisa Coelho, não «voltar ao Rato». E não hesitam em juntar-se «ao que está a dar» para salvar a pele do «líder» e os interesses. Só assim se entende que Coelho e Guterres digam ou soprem cobras e lagartos contra o Governo nas reuniões do PS - cultura de indecisão, falta de coragem, paralisação das reformas, ministros vaidosos, gabinetes inacessíveis, etc. No fundo, uma manobra do tipo «matar a mãe para ir ao baile do orfanato» como fez Cavaco em 1995 e Guterres em 1997, quando disse «o PS só tem feito asneiras». Isto é, culpa-se o PS e o Governo para salvar o «Chefe» e segurar o poder.

Só que, por este andar, não há cosmética ou coreografia que valha ao Governo, até porque certas politiquices «são muito pouco profissionais» e marretas.



Por debaixo do tapete

• Aurélio Santos

Entre dois a três milhões de pessoas, em Portugal, vivem abaixo do limiar da pobreza: estes dados do Eurostat fizeram manchete na imprensa portuguesa durante a semana passada. Uma percentagem (22%) que nos assegura a medalha de ouro da pobreza na União Europeia.

A que país se referem então as exultantes declarações de «aproximação à Europa» e as promessas de passar ao pelotão da frente?

Mas este número levantou-me outra dúvida: como se explica então «o mais baixo índice de desemprego» proclamado pelo Governo como prova de prosperidade social?

A contradição deu-me vontade de espreitar para baixo do tapete: sabe-se que é para aí que certas donas de casa costumam varrer o lixo, para conservar as aparências. E recordei a propósito leituras recentes sobre a situação social nos Estados Unidos, apresentados nos últimos anos como «modelo» a seguir pela Europa.

Também aí são exibidas como

prova de alto crescimento económico taxas de desemprego verdadeiramente irrisórias, muito abaixo dos 5% em certos períodos. Ao mesmo tempo, segundo os relatórios do PNUD, os E.U. conseguem a proeza de contar com perto de 35 milhões de pobres, cerca de 20% da população. Mas estes números não reflectem outro factor fundamental da economia americana: a precariedade do emprego, que atinge mais de 80% dos trabalhadores, com os períodos de desemprego parcial e a consequente insegurança que permite ao patronato esmagar o nível de salários.

Um ex-secretário do Emprego dos E.U. levantou outra ponta do tapete numa entrevista dada há tempos ao jornal «Le Monde»: «Há nos E.U. 12 milhões de «working poors» [trabalhadores pobres] que trabalham a tempo inteiro e não ganham o suficiente para sair da miséria.» E explicava o segredo do «milagre» econó-

mico americano: muitos empregos com baixos salários, muita insegurança no emprego, manutenção de uma massa de assalariados que empobrecem trabalhando e... permitindo boa «competitividade» e fortes lucros às empresas, com base nos quais se tecem os índices de «desenvolvimento económico».

Debaixo do tapete encontra-se também toda uma douta teoria económica, vigorosamente recomendada por OCDE, FMI, Banco Mundial e anexos, ensinando sabiamente que nada é melhor do que manter as pessoas numa situação de expoliação legal para lhes impor quaisquer condições de trabalho, por mais expoliadoras que sejam.

Afinal a pobreza não é estigma genético só de países subdesenvolvidos ou «do Sul». Manifesta-se em todo o lado onde o capitalismo exerce o seu domínio.



Frases

“A OCDE não tem dúvidas que o Executivo [português] remou ao engano: cobrou mais impostos e usou esse dinheiro em despesas correntes. Não poupou nem investiu, gastou.”

(Francisco Azevedo e Silva, *Diário de Notícias*, 11.04.01)

“Do mesmo modo que o «blairismo» não passa de uma simples variante do «thatcherismo», em Inglaterra, também o «guterismo» não passa de uma simples variante do «cavaquismo» em Portugal”

(Alfredo Barroso, *Expresso*, 13.04.01)

“O Governo de Guterres vai ficar na história. É incapaz de prever ou de prevenir. Tem sérias dificuldades em imaginar o real. É absolutamente destituído de talento para construir. Soube, é certo, terminar as obras de Cavaco Silva. Mas, se excluirmos a volúpia de um aeroporto, não se lhe conhece nenhum ímpeto inovador. Nem reformador”

(António Barreto, *Público*, 15.04.01)

“A filosofia que manda conceber a sentença judicial como uma forma de punir sem preocupação de recuperar leva directamente à pena de morte e à prisão perpétua. Será que é isto que está a germinar no ovo da serpente? (...) Agora é olho por olho - até ficarem cegos de todo!”

(Óscar Mascarenhas, *idem*)

“A nossa velha tradição política sempre privilegiou um conceito de efectividade da Justiça mais radicado na perfeição abstracta das leis do que nos meios que possibilitam a sua eficácia real”

(António Cluny, *Público*, 13.04.01)

“Daí que, se se justifica a actualidade do recente discurso político sobre o problema da eficácia [da Justiça], nada mudará efectivamente se não se alterar a cultura política e judiciária que deu corpo ao actual sistema”

(*idem*, *ibidem*)

“Precisamos do dinheiro [do Euro/2004] para reformas sérias. Não precisamos de nove estádios à altura da «Europa»”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 14.04.01)

“Por amor de Deus, não sejam hipócritas. Se querem de facto reduzir a morte nas estradas ataquem de vez o escândalo do ensino de condução. Muitas cartas são verdadeiros passaportes para a morte. Dos próprios e de quem tiver o azar de os apanhar pela frente”

(António Ribeiro Ferreira, *idem*)

“A essência do problema [da morte nas estradas] (...) é a falta de fiscalização (...) Não admira que o sentimento de impunidade seja geral (...) Um assassino entre os milhões de assassinos, que por aí andam a 150 ou 160 à hora, calcula que, em boa lógica, está praticamente a salvo. Só o apanham por azar”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 15.04.01)

“Fazer ditados, escrever tabuadas, escrever dez vezes as palavras difíceis é certamente menos divertido que saltar à corda, mas são certamente ainda menos divertidas as consequências de se ser semianalfabeto o resto da vida, sobretudo quando não se nasceu numa família social ou culturalmente privilegiada que colmata no dia-a-dia estas lacunas ou paga a quem o faça”

(Helena Matos, *Público*, 14.04.01)

Precariedade e baixos salários contrastam com expansão e lucros firmes

Propriedade dos abastados Queiroz Pereira e gerido pela *Four Seasons*, que ocupa o topo na hotelaria de luxo mundial, o Hotel Ritz de Lisboa usufrui do bom momento que atravessa o sector. Os trabalhadores, no entanto, são confrontados com permanentes ataques a direitos conquistados há décadas, enquanto a precariedade cresce e os salários são contidos em níveis extremamente baixos.



Responder com a luta foi a melhor opção que os trabalhadores e os seus representantes decidiram tomar para defenderem os direitos conquistados e exigirem salários justos

A classe do Ritz

A família Queiroz Pereira é conhecida pelas posições importantes que detém no sector dos cimentos e como tradicional aliada do grupo Espírito Santo. Figura na lista dos mais ricos de Portugal e controla a propriedade do Hotel Ritz através da sua participação na Sodim.

Desde 1 de Janeiro de 1998, a gestão do Ritz está concessionada à *Four Seasons*, onde detém fortes interesses o príncipe saudita Al Waleed Bin Talal Bin Abdulazis Al Saud, que desde 1997 vem a subir no *ranking* dos mais ricos do Mundo (em 2000 a revista *Forbes* atribuiu-lhe o sexto lugar). A multinacional explora 51 estabelecimentos em 23 países e quer manter-se nos lugares de topo da hotelaria de luxo. Segundo informações da própria cadeia, nas suas unidades

trabalham 25 300 pessoas, mas a *Four Seasons* apenas emprega directamente 315 (dados de 1999).

Joaquim Dias, Rodolfo Caseiro, António Queridinho, Alfredo Soares, José Tomé e Mário Oliveira, cuja actividade, no PCP e nas estruturas representativas dos trabalhadores, está ligada à hotelaria e ao Ritz, salientaram ao *Avante!* o grande contraste entre, por um lado, os resultados económicos e financeiros do sector – onde o «cinco estrelas» lisboeta é um ponto de referência – e, por outro lado, o agravamento das condições e relações de trabalho.

Um «boom» desigual

«O sector está em crescimento, felizmente também para os trabalhadores», diz

Rodolfo Caseiro, presidente do Sindicato da Hotelaria do Sul, referindo a constante subida de receitas e as elevadas taxas de ocupação, tanto no Ritz, como na generalidade dos hotéis. «São resultados que têm ultrapassado as previsões patronais», e que contrariaram alguns receios de que, ao «boom» da Expo'98, se poderia seguir um período de recessão.

Afinal, 1999 foi ainda mais rentável que o ano da exposição mundial.

O peso do sector da hotelaria e restauração, no PIB português, passou, nos últimos 3 anos, de 8 para 10 por cento, surgiram mais empresas e também cresceu o número de trabalhadores. «Mas essa expansão não tem correspon-

dência nos salários e condições de trabalho», protesta o sindicalista comunista.

Joaquim Dias, que acompanha a organização do PCP no sector ao nível do distrito de Lisboa, cita alguns dos problemas que são levantados nas reuniões das células comunistas e nos contactos com trabalhadores: as médias salariais são baixas, o trabalho precário alastra, os

Em época de vacas gordas, há no Ritz trabalhadoras que recebem 450 escudos por hora

ritmos de trabalho intensificam-se, as carreiras profissionais e os direitos conquistados são postos em causa por práticas discriminatórias e por diversas formas de pressão sobre quem trabalha nos hotéis e restaurantes. No Ritz, afirma – e os presentes na conversa confirmam –, há quem trabalhe 24 horas con-

secutivas, com salários extremamente baixos. Nos períodos de «pico», chega a haver cerca de uma centena de trabalhadores que, embora cumprindo muito mais do que o horário normal, não recebem qualquer remuneração pelas horas extraordinárias.

Além dos contratos a prazo, há ainda pessoal colocado em regime de aluguer de mão-de-obra. Dezena e meia de trabalhadores contratados através da Select recebem 450 escudos por hora, se forem mulheres, ou 575 escudos, no caso dos homens. «Trabalham de sol a sol, nos andares, nas mesas, na copa, na cozinha», relata Alfredo Soares, notando que os precários executam tarefas que correspondem a postos de trabalho permanentes.

A política de baixos salários e de precarização do emprego, que contraria o

objectivo de assegurar uma elevada qualidade de serviço, tem encontrado como principal obstáculo a luta dos trabalhadores. «Mantém-se a tradição de uma estrutura forte e dinâmica» no sector, refere Rodolfo Caseiro, recordando lutas travadas nos últimos 3 anos e onde o pessoal do Ritz «teve sempre um papel determinante».

A firmeza na resistência, por parte dos trabalhadores, é também valorizada por Joaquim Dias. Este membro do Comité Central do PCP faz questão de sublinhar o «quadro tão desfavorável» em que a luta é travada, com condições que já eram difíceis nos tempos em que governava Cavaco Silva e que, contra promessas de uns e justas exigências de outros, acabaram por se agravar com os governos de Guterres. ▶

Uma história com mais de 40 anos



Numa modesta página disponível na Internet, em versão inacabada e desactualizada, a Sodim conta-nos a história do seu hotel. Em <www.sodim.pt/hotelritz.htm> está a versão completa, mas deixamos aqui alguns nacos de prosa com forte sabor a passado...

Começa-se por referir que, «inaugurado em 25 de Novembro de 1959, o Hotel Ritz de Lisboa teve a sua génese no início dos anos 50, quando um grupo de empresários portugueses, liderados por Ricardo Espírito Santo Silva e Manuel Queiroz Pereira, respondeu a uma necessidade da cidade de Lisboa, apresentando ao Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, o projecto da construção de uma unidade hoteleira de grande luxo».

Tinha sido constituída, em 28 de Agosto de 1953, a Sociedade de Investimentos Imobiliários SODIM, com um capital social de 30 mil contos e dez sócios (cada com uma quota de 3 mil contos): António de Medeiros e Almeida, António Manuel de Almeida, Caetano Sanguinetti Beirão da Veiga, José Eduardo de Barros

Guedes de Sousa, José Ribeiro de Espírito Santo Silva, Manuel Cordo Boullosa, Manuel Teixeira de Queiroz Pereira, Ricardo Ribeiro do Espírito Santo Silva, a Bensaúde & Comp. Lda. e a Empresa Geral do Fomento.

A ideia de construir um grande hotel de luxo «foi acarinhada desde a primeira hora» e «acabou por receber um forte impulso com a venda por parte do Estado português de um terreno de 13 mil metros quadrados, no centro de Lisboa, junto ao Parque Eduardo VII».

Ficamos a saber que «após a morte de Ricardo Espírito Santo Silva a direcção do projecto foi integralmente assumida por Manuel Queiroz Pereira, que visitou diversos hotéis estrangeiros para conhecer o que de melhor existia na altura».

Na construção «foram utilizados materiais de primeira qualidade, entre os quais 15 mil toneladas de mármore». «Nenhum pormenor foi descurado – todas as portas são em mogno americano e as que servem de ligação entre os quartos têm dez centímetros de espessura, para assegurarem um completo isolamento acústico.»

A classe do Hotel Ritz

Arte de pressionar

Com vínculos efectivos ou precários, a generalidade dos trabalhadores do Ritz é sujeita a pressões várias das chefias, para aceitar a polivalência de funções ou até a rescisão de contratos de trabalho a troco de indemnizações inferiores ao mínimo legal.

«Dizem que os trabalhadores estão velhos e que não querem cá ninguém com mais de 45 anos», acusa Alfredo Soares, que foi controlador de *room-service* durante 21 anos e, há 3 anos, foi compelido a ir para telefonista – alegando os responsáveis do hotel que se tratava de uma promoção!

No Ritz há 34 anos, José Tomé é empregado de mesa e também sentiu na pele a mudança para a *Four Seasons*: tiraram-no do restaurante, propondo-lhe uma «promoção» que implicava a ida para o *snack* e a perda do vínculo ao hotel. Recusou, foi colocado no *room-service* e é frequentemente solicitado para tarefas que não se enquadram na sua categoria profissional. Também é chamado para o restaurante, como sucedeu no Natal e Ano Novo. «Cada vez que vou pedir um dia, dizem-me que não pode ser, porque estou requisitado para o restaurante», atitude que configura uma «perseguição psicológica», por assumir com brio as responsabilidades de representante dos trabalhadores, para que foi eleito pelos seus camaradas de trabalho.

Electricista, com 30 anos de serviço no Ritz, situa o início do «assédio» com o objectivo da rescisão de contratos no período logo após a decisão – tomada pelo I Governo constitucional, com Mário Soares em primeiro-ministro e Luís Filipe Madeira no Turismo – de pôr termo à intervenção do Estado e entregar de novo o hotel à Sodim. «Em vez do trabalho com respeito pelas categorias profissionais e pelos direitos, começaram a dividir os trabalhadores em precários e efectivos» e deixaram de ser respeitados os direitos colectivos, particularmente no que diz respeito à informação prestada sobre as condições de trabalho e o cumprimento de direitos como férias e subsídio de férias, horários de trabalho e folgas, horas extraordinárias...

Com um leque salarial que vai de 119 contos até mais de 1400, são largas as possibilidades da administração para, à margem da lei e da contratação colectiva, implementar práticas de dis-

criminação salarial. Para além do desrespeito pelas categorias profissionais, os nossos entrevistados referem que, mesmo numa categoria profissional idêntica, são praticados salários diferentes.

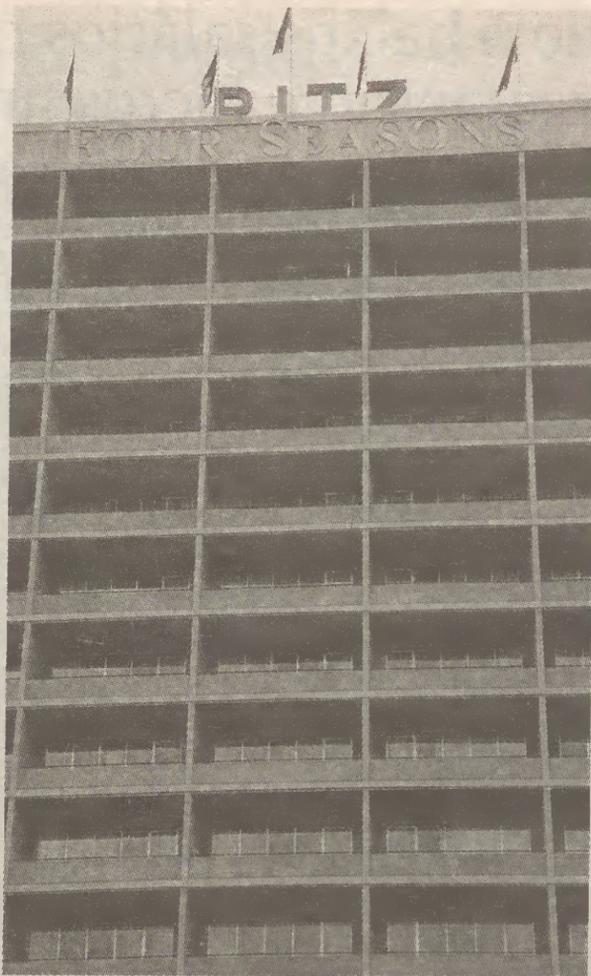
A administração até deu novo significado ao conceito de «promoção»

O conhecimento mais completo das situações em que os trabalhadores do hotel são colocados pela administração e por «capatazes» bem pagos é dificultado, sobretudo, por dois factores: os responsáveis do Ritz furtam-se, na prática, a cumprir a lei que obriga a prestar informação às estruturas representativas dos trabalhadores e a forma de gestão vigente cria um ambiente de intimidação e receio, para evitar protestos e denúncias.

Só à força

Um caso recente prendeu-se com a eleição do representante dos trabalhadores na Comissão de Higiene e Segurança no Trabalho, Mário Oliveira. Há 27 anos no Ritz, foi copeiro e cafeteiro, agora é escriturário e, enquanto trabalhava, concluiu a licenciatura em Direito. Recorda que, apesar dos acordos firmados na Concertação Social, a administração começou por recusar que se realizasse a votação. Só depois dos trabalhadores e do sindicato terem ameaçado colocar a mesa de voto à porta do hotel é que o acto foi autorizado. No entanto, a Comissão continua sem poder funcionar, uma vez que ainda não foram indicados os representantes patronais!

Mesmo assim, Mário Oliveira começou a desenvolver trabalho. Dos contactos que realizou, possui já uma lista de problemas que necessitam intervenção urgente da administração do Ritz *Four Seasons* Lisboa. Os trabalhadores referiram-lhe casos de alergias provocados por alguns produtos químicos, apontaram a falta de limpeza no *snack* e as deficiências do ar condicionado na cozinha, protestaram contra o funcionamento do vestiário sem separação das casas de banho, alertaram para a perigosa situação em que está a instalação eléctrica.



Campeões da precariedade

O sector da hotelaria e restauração tem o maior índice percentual de precariedade a nível nacional – 35 por cento. Nos restaurantes de *fast-food* esta percentagem chega aos 80 por cento.

De acordo com números divulgados recentemente pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul, só no distrito de Lisboa, num total de 60 600 trabalhadores, 21 200 têm vínculo precário. Destes, 17 300 têm contrato a termo, 1800 trabalham a tempo parcial e 2100 trabalham com recibos verdes ou em regime de aluguer de mão-de-obra.

É nos estabelecimentos de *fast-food*, situados nos grandes centros comerciais, que a precariedade atinge a sua expressão mais violenta, chegando até, nalguns casos, a atingir 100 por cento dos trabalhadores.

Entre os hotéis com maior precariedade de emprego encontram-se o D. Pedro (95 por cento), o Barcelona (75 por cento), o Zurique (50 por cento) e o Sheraton (30 por cento), referiu o sindicato, citado pela Lusa. No Ritz, salientou Rodolfo Caseiro ao *Avante!*, a precariedade já atinge um nível que é 70 por cento superior à média nacional.

Na área do fornecimento de refeições à aviação civil, o sindicato denunciou a Cateringpor, com 60 por cento dos trabalhadores contratados a prazo.

Gordos lucros magros salários

O sector da hotelaria, restauração e turismo, apesar de gerar grandes lucros, é um

dos que mais mal paga aos trabalhadores. Enquanto o salário médio geral do distrito de Lisboa é de 169 276 escudos, o salário médio neste sector é de 92 022 escudos. Nos hotéis, as empregadas de quarto (a função mais numerosa) ganham em média 78 237 escudos. Nos restaurantes, os empregados de balcão de segunda (a função mais numerosa) ganham em média 63 191 escudos. Nas cantinas, as empregadas de refeitório (a função mais numerosa) ganham em média 73 413 escudos.

A par desta situação, algumas empresas apresentam taxas de rentabilidade dos seus capitais superiores a 50 por cento. É o caso da Eures, que, com um capital próprio de 846 mil contos, facturou em 1999 cerca de 19 milhões de contos e teve um lucro de 798 mil contos, conseguindo uma taxa de rentabilidade de 94 por cento. Esta empresa, com mais de 4 mil trabalhadores, ocupa o 5.º lugar na lista das empresas portuguesas mais rentáveis. A Gertal atingiu no mesmo ano uma taxa de rentabilidade de 70 por cento.

O sindicato denunciou ainda a fraude fiscal cometida por grande parte do patronato, que manipula a contabilidade para apresentar prejuízos. Os dados divulgados referem que, na região de Lisboa e Vale do Tejo, este sector envolve um volume de negócios de 546 milhões de contos mas, aparentemente, gera um prejuízo de 13 milhões de contos. O sindicato afirma que não é possível que 882 estabelecimentos de alojamento dêem um prejuízo de mais de três milhões de contos, nem que 7968 restaurantes e similares dêem um prejuízo de 10 milhões de contos.

Novas previsões do Governo CGTP comenta inflação e salários

«Os salários não podem ser responsabilizados pelos problemas na situação económica», afirmou a CGTP-IN, reagindo às novas previsões do Governo sobre crescimento económico e inflação, anunciadas no dia seguinte à divulgação do relatório da OCDE sobre a economia portuguesa.

Em comunicado à imprensa, a central nota que a desaceleração do crescimento económico é devida à diminuição do poder de compra dos portugueses. «As famílias foram obrigadas a reduzir o consumo, devido ao aumento das taxas de juro, conjugado com um elevado nível de endividamento» e essa redução do consumo privado não foi compensada pelo aumento das exportações.

Para a CGTP, «este abrandamento da procura interna indicia que o aumento dos salários reais não terá apresentado os valores divulgados pelo Banco de Portugal, muito acima dos aumentos verificados na contratação colectiva». Por outro lado, «não há também indicações de que exista uma diminuição da produtividade», embora esta se mantenha a níveis baixos; só que, mais uma vez, não podem ser responsabilizados os trabalhadores, contrapondo a CGTP que «os principais estrangulamentos ao aumento da produtividade têm a ver com a baixa qualificação dos trabalhadores, com processos produtivos que não favorecem a inovação e com carências importantes na gestão e organização das empresas».

A central contraria igualmente as teses dominantes sobre a situação «favorável» no emprego, baseadas numa taxa de desemprego baixa. Reportando-se aos dados já conhecidos do ano 2000, a CGTP alerta: os contratos não permanentes cresceram cerca de 10 por cento; o maior cres-

cimento verificou-se nos trabalhadores não qualificados (8 por cento) e no sector da construção civil e obras públicas (9,7 por cento); nas indústrias transformadoras o emprego caiu 2,3 por cento. «Todos estes dados vão num sentido que não é favorável ao crescimento da produtividade e a uma mudança de rumo com vista a produções com maior valor acrescentado», comenta a CGTP, que reafirma a exigência de outra política económica.

O relatório da OCDE «vem retirar argumentos aos meios empresariais e aos partidos de direita, que desenvolvem uma campanha sistemática contra a reforma fiscal», salienta ainda a CGTP.

Lutar

A Federação da Função Pública defendeu, também no dia 11, «a imediata abertura de negociações que visem a revisão dos salários do ano em curso», uma vez que «actualizações salariais baseadas em previsões de taxas médias de inflação, para além de sucessivamente se revelarem irrealistas, não reflectem a efectiva perda de poder de compra dos trabalhadores» do sector, os quais «recusam ser os “contribuintes”, com os restantes trabalhadores portugueses, para a correcção de situações económicas para as quais não contribuam».

A União dos Sindicatos de Setúbal, reagindo às novas previsões do ministro das Finanças, protestou contra o modo «peremptório» como Pina Moura refutou qualquer possibilidade de correcção. A estrutura distrital da CGTP exortou os trabalhadores a «continuarem a luta por melhores salários e emprego de qualidade», designadamente no próximo 1.º de Maio.

«O Independente» mente

A CGTP afirmou sexta-feira que, quer quanto à central quer quanto à sua filiada Fequimetal, «é absoluta mentira que tenham recebido “no último ano e meio” qualquer subsídio concedido pelo ministro adjunto do primeiro-ministro ou pela Presidência do Conselho de Ministros». A central reagiu assim ao destaque dado nesse dia pelo semanário «O Independente» a um trabalho sobre subsídios atribuídos pelo Governo.

«A “notícia” revela a mais elementar falta de ética jornalística», protesta a central, que não teve qualquer contacto, por parte do jornal, para confirmar as informações antes da sua publicação. «Também não deixa de se quadrar no estilo especulativo e subterrâneo de “O Independente” que o grande destaque da manchete e do seu desenvolvimento nas páginas seguintes vá direitinho para as associações sindicais e de defesa do ambiente e dos consumidores, quando os valores alegadamente por elas recebidos não atingem os 500 mil contos, entre os 15 milhões de que se fala», comenta o Departamento de Informação da Inter.

Na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego

Direitos torpedeados

Na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego sucedem-se os atropelos e violações aos direitos laborais. Tudo se passa nas barbas das entidades oficiais, que parecem fechar os olhos às denúncias feitas pelos representantes dos trabalhadores.

A mais recente ilegalidade praticada pela gerência de empresa foi retirar à comissão de trabalhadores as instalações que lhe estavam atribuídas, chegando ao cúmulo de proceder à mudança de fechadura. A situação é de tal modo grave que levou já o deputado comunista Vicente Merendas a pedir explicações ao Governo sobre as medidas que pensa adoptar no sentido de uma efectiva intervenção do Instituto do Desenvolvimento e Inspeção das Condições de Trabalho com vista à reposição da legalidade e ao respeito dos direitos dos trabalhadores na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Elencadas pelo parlamentar do PCP no requerimento que dirigiu ao Ministério do Trabalho e Solidariedade foram ainda outras situações que claramente torpedeiam direitos como a contratação colectiva e o reconhecimento da liberdade sindical e os direitos das comissões de trabalhadores.

Para além da aplicação de um processo disciplinar de despedimento com alegada justa causa a um membro da comissão de trabalhadores, denunciado por Vicente Merendas é o incumprimento de direitos contratuais reconhecidos entre ambas as partes. Um facto que se torna ainda mais grave na medida em que os trabalhadores que exigem a aplicação do CCTV aca-

bam por ser perseguidos, marginalizados ou «castigados» com aumentos salariais abaixo dos valores negociados.

Um rol de ilegalidades

O desrespeito da empresa por dispositivos contratuais verifica-se, por exemplo, no trabalho suplementar (em dias de descanso semanal e feriados), pago a 100 por cento (designado na folha de salário como prémio) e não a 150 por cento sobre a retribuição como estabelece a cláusula do CCTV, que estipula ainda o direito ao gozo de um dia por cada dia

completo de trabalho extraordinário.

A empresa não cumpre, por outro lado, com a determinação contratual relativa ao complemento de reforma que estabelece que o mesmo se situa em 1,2 por cento por cada ano a partir de dez anos de antiguidade. O mesmo acontece relativamente aos prémios, continuando a verificar-se a sua aplicação sem qualquer regulamentação conforme determina a Lei.

No que respeita aos salários, por sua vez, continua a ocorrer a discriminação de trabalhadores, atribuindo a empresa valores diferentes e inferiores à percentagem negociada mesmo que o trabalhador desempenhe as mesmas funções e com a mesma qualidade.

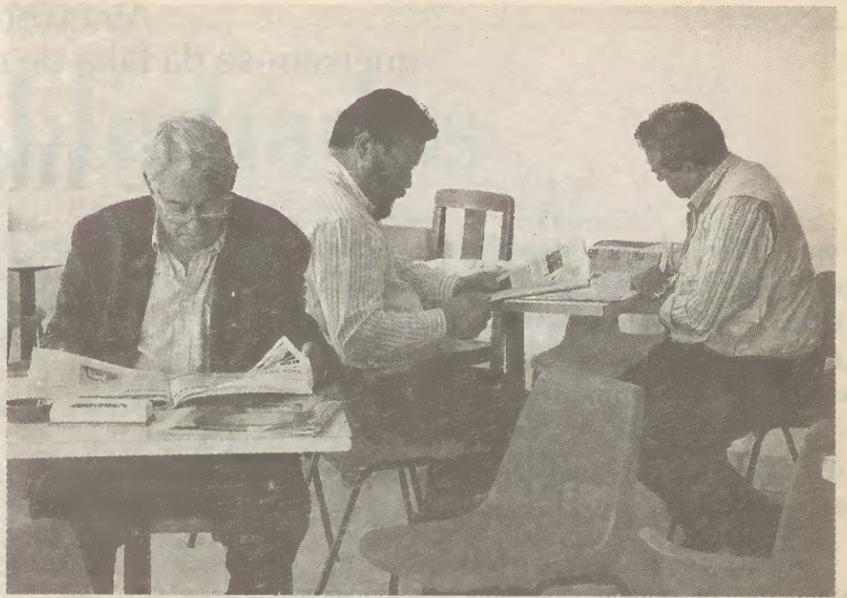
A administração da empresa tudo faz ainda para não atribuir categorias correspondentes às funções que os trabalhadores desempenham, dando preferência à categoria de auxiliar de serviços, pois, assim, o trabalhador terá de estar habilitado a desempenhar todas e quaisquer tarefas.

O incumprimento da Lei manifesta-se igualmente no que se refere aos contratos a termo. Apesar da Lei 46/79 obrigar as empresas a prestar informação da relação de admissões no prazo de cinco dias, após a admissão do trabalhador, tal determinação é letra morta na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Como não cumpre o que está regulamentado no CCTV quanto a faltas dadas por motivo de doença, que prevê a justificação e o respectivo pagamento, nem o que o que está definido em matéria de assistência ao agregado familiar, já que não paga qualquer falta dada ao abrigo desta cláusula nem mesmo a justifica, aplicando um carimbo em que «relewa as consequências disciplinares».

Escandaloso é ainda o comportamento da empresa quanto ao pagamento do 13.º mês aos trabalhadores com baixa. Não cumpre, concretamente, com a determinação contratual que estabelece o pagamento integral do subsídio de Natal, pagando a empresa apenas uma parte proporcional e remetendo os trabalhadores para a Segurança Social afim de receberem o restante.

Em síntese, um rol de ilegalidades a exigir a pronta intervenção das entidades competentes, como reclama o deputado comunista Vicente Merendas.



● António Filipe

O Governo contra o Porte Pago

A Assembleia da República debateu na passada semana, por iniciativa do PCP, a apreciação parlamentar do Decreto-Lei do Governo que acaba com o pagamento integral, por parte do Estado, dos portes de correio a suportar pelos órgãos da imprensa regional para chegarem a casa dos seus assinantes. Aqueles, passam assim a ter de pagar aos CTT uma parte dos portes de correio, ficando com mais um problema financeiro, a agravar a situação já muito difícil em que, na generalidade, se encontram.

Esta ideia do Governo PS, de acabar com o porte pago a 100% para a imprensa regional, não é nova. Logo em 1996, esta medida só não foi por diante porque, estando o PS em minoria na Assembleia da República, foi possível, por iniciativa do PCP, alterar um decreto-lei que a adoptou. Os argumentos eram, já nessa altura, os mesmos: haveria órgãos de imprensa regional que, pelo facto de ser o Estado a suportar os respectivos portes, inventam assinantes e empolando assim as respectivas tiragens aumentam as suas receitas de publicidade. Perante tais abusos, o Governo não veria outra solução que não fosse limitar o porte pago. Só que, para todos. Isto é: tanto para os abusadores, como para aqueles que, trabalhando com seriedade, tinham no porte pago a 100% um justo apoio à sua actividade e um elemento de alguma compensação para a dificuldade que representa, nos tempos que correm, manter vivo um jornal regional.

Nessa altura, o Governo PS acabou, embora a contragosto, por ter de negociar uma solução mais justa. A lei passava a definir um conjunto de critérios, relacionados designadamente com a periodicidade, com as tiragens e com o número de profissionais a tempo inteiro, e só cumpridos comprovadamente esses requisitos os jornais beneficiariam de porte pago a 100%.

Passados cinco anos sobre a aprovação dessa legislação, eis que o mesmo Governo PS insiste em acabar com o porte pago a 100%, beneficiando desta vez do facto de dispor de um número de deputados que lhe permite bloquear qualquer iniciativa da oposição.

Os argumentos do Governo não trazem qualquer novidade, limitando-se o secretário de Estado da Comunicação Social a repetir até à exaustão que há abusos a que é preciso pôr termo. Porém, esse argumentário escamoteia pelo menos dois problemas. Em primeiro lugar, é uma evidência que se os abusos persistem é porque o Governo não está a fazer cumprir a legislação aprovada em 1996.

De facto, foram definidos há cinco anos

atrás os critérios a que deveriam obedecer os órgãos da imprensa regional para beneficiar de porte pago. Como pode então vir o Governo dizer que há abusos? Se o benefício do porte pago depende da prova de determinados requisitos, que o Governo contribuiu para definir, como é possível vir agora dizer que tem de acabar com o porte pago a 100% de todos para corrigir os abusos cometidos por alguns?

É que, de duas uma: ou o Governo está a suportar ilegalmente os custos de expedição de jornais que não deveriam, à face da lei, beneficiar de porte pago; ou o Governo é completamente incapaz de fiscalizar o sistema por forma a separar o trigo do joio e só beneficiar quem deve ser beneficiado. Mas neste último caso, se o Governo não tem meios, ou vontade, para determinar quem abusa indevidamente do porte pago, como se pode permitir fazer acusações que tocam por igual todos os órgãos da imprensa regional?

O segundo grande problema da argumentação do Governo é a impossibilidade de explicar o sentido de justiça de uma medida cega. A nova lei trata todos por igual. Isto é: todos os órgãos de imprensa regional sofrem um corte na comparticipação do Estado nos respectivos custos de expedição. Tanto os tais abusadores, os que pelos vistos inventam assinantes à custa do Estado e ganham com isso anunciantes, como os que, não abusando, trabalham no duro para conseguir manter os respectivos jornais. Ora, como a lei não os distingue, o beneficiado é o infractor. Quem inventa assinantes sofre uma pequena redução na sua margem de lucro. Quem não os inventa vai ter de aumentar os preços das assinaturas e, para não perder dinheiro, arrisca-se a perder assinantes. Em resumo: aumentam os problemas de sobrevivência para os verdadeiros órgãos de imprensa regional. Com esta medida do Governo não só «paga o justo pelo pecador» como é precisamente «o justo» o principal lesado.

Quando se discute o porte pago, o que está verdadeiramente em causa é a existência, ou não, de uma política de apoio à imprensa regional que reconheça a sua relevante função social e que permita a sua sobrevivência livre da tutela dos detentores do poder económico. Estando essa sobrevivência cada vez mais ameaçada por um processo implacável de concentração da comunicação social, impõe-se uma política activa, por parte do Estado, de apoio à comunicação social genuinamente regional. Em vez disso, o que faz o Governo? Diminui o porte pago. Isto é: segue deliberadamente o pior caminho.

Liberalização da economia e do comércio

Um modelo sem futuro

Urge criar um modelo alternativo ao actual modelo de crescimento à escala planetária que tem na Organização Mundial do Comércio (OMC) um dos seus instrumentos de suporte. Esta uma ideia central defendida pelo deputado comunista Lino de Carvalho em Bruxelas no decorrer de um seminário realizado nos dias 10 e 11 de Abril sobre «comércio externo, desenvolvimento e democracia».

Promovido pelo Parlamento Europeu e contando com a participação de delegações de mais de 40 países, de representantes da Comissão Europeia, do Banco Mundial e do Banco Europeu de Desenvolvimento e, bem assim, de múltiplas organizações não governamentais e sociais, este seminário propunha-se analisar justamente a necessidade de uma reforma da OMC.

Em causa está sobretudo o funcionamento desta organização criticada em todo o mundo pelos mais variados sectores políticos e sociais, num movimento de contestação que teve uma das suas expressões mais visíveis na cimeira de Seattle, nos EUA. Lino de Carvalho, na sua intervenção, chamou também a atenção para o carácter não democrático e pouco transparente da OMC que, a exemplo de outras instâncias supranacionais, «faz do secretismo o seu modo de existência».

Reformar a OMC, «imprimindo-lhe maior abertura e transparência», é, pois, a questão que entrou na ordem do dia, reclamada pela luta dos povos que não aceitam - e esta foi uma

das questões substantivas colocadas por Lino de Carvalho - o actual modelo de «gestão da globalização».

Um modelo, sublinhou, sustentado numa «liberalização e desregulamentação da vida económica e, em particular, do comércio mundial que não tendo em conta as diferenças de desenvolvimento da vida económica e de produtividade de cada país nem a especificidade de cada um deles tem conduzido ao desequilíbrio crescente da balança económica internacional, a favor de um pequeno número de grandes países exportadores e transnacionais».

E por isso, ao contrário do que alguns pretendem fazer crer, como observou Lino de Carvalho, a liberalização do comércio mundial tem sido sinónimo não de desenvolvimento mas sim de um contínuo agravamento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres.

Foi essa disparidade no plano mundial entre os países mais e menos desenvolvidos, resultante do actual modelo de desregulamentação da economia e do comércio global, que o deputado do PCP condenou vigorosamente, pondo em evidência a necessidade de construir «um modelo alternativo mais justo e menos infquo» que não de seja pela «sacrossanta competitividade e pelo lucro das transnacionais». Exigem-no a defesa do meio ambiente e dos recursos naturais, a segurança alimentar, o fim da exploração da mão-de-obra infantil e da mão-de-obra miseravelmente paga.

Ameixoeira e Charneca
queixam-se da falta de condições do Centro de Saúde

De mal a pior

Um pinceladas na fachada e uma pequena remodelação no mobiliário não são de molde a esconder o estado calamitoso em que há anos se encontra a extensão do Centro de Saúde do Lumiar nem para calar a voz dos seus utentes, cansados de um serviço prestado em condições completamente degradantes.

A situação que se vive nesta Extensão de Saúde foi exposta ao «Avante!» pelo PCP, através da voz de Vítor Mendes, responsável pela freguesia do Lumiar, e de Raul Boaventura e David Castro que, à condição de militantes comunistas, juntam a de presidentes das Juntas de Freguesia da Ameixoeira e da Charneca respectivamente. Aliás, ainda há dias o PCP convocou uma conferência de imprensa para denunciar a situação mas, quiçá fruto do esquecimento a que estas freguesias são há anos votadas, ela não teve quase repercussão na comunicação social.

Já em 1997 os utentes desta extensão faziam ouvir alto e bom som as suas reclamações, enquanto alguns médicos saíam

por falta de condições de trabalho. Um abaixo-assinado com 1694 assinaturas, entregue a diversos organismos oficiais (Presidente da República, Primeiro-Ministro, Ministério da Saúde, Grupos Parlamentares, Câmara e Assembleia Municipal de Lisboa e Juntas de Freguesia da Ameixoeira e Charneca) exigia então a construção de um Centro de Saúde e defendia a recuperação do Forte da Ameixoeira (desactivado) para a sua instalação.

De todos os organismos só o Ministério da Saúde se mostra pouco receptivo à reivindicação, endossando, posteriormente, o assunto para a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo que desaprova, por inadequa-

do, o Forte da Ameixoeira e sugere um terreno adjacente, pertença também do Ministério da Defesa. Este não chega, porém, a acordo com o Ministério da Saúde que, apesar do crescente avolumar das queixas, permanece surdo.

Na altura, o PCP apresenta, também, um requerimento ao Governo defendendo a criação do Centro de Saúde no Forte da Ameixoeira.

As Juntas de Freguesia da Ameixoeira e da Charneca passam a encabeçar esta reivindicação, colocando a questão em todas as instâncias e, simultaneamente, efectua diligências junto da Câmara Municipal no sentido de se encontrar um terreno alternativo para a construção do Centro de Saúde.

Falta vontade política

Em Janeiro de 1998, a Câmara de Lisboa dispo-

nibiliza para o efeito um terreno com 4200 m² e, em Dezembro do mesmo ano, a vereadora Margarida Magalhães propõe a construção de um edifício de raiz na área de intervenção do plano de Urbanização do Alto do Lumiar para a instalação do Centro de Saúde.

Até 2017, devem instalar-se na zona mais 60 a 70 mil pessoas

As verbas inscritas em 1999 no PIDDAC para a construção do Centro de Saúde desagradam aos presidentes das Juntas da Ameixoeira e da Charneca e, em Novembro do ano passado, o PCP propõe o reforço de verbas para Centros de Saúde ou Extensões destas freguesias.

Entretanto, a situação agrava-se todos os anos e a tendência, caso não sejam tomadas medidas, é para que se torne completamente insustentável. Convém lembrar que à freguesia da Charneca (onde cerca de 50 por cento da população vive em barracas) vão chegar

Um retrato

Instalado num prédio de habitação de quatro andares sem elevador, a extensão do Centro de Saúde do Lumiar serve a população da Ameixoeira, Charneca e Camarate (onde, aliás, se situa). Em 1997, sem incluir os utentes de Camarate, esta extensão servia já cerca de 25 mil pessoas. A prestação dos cuidados de saúde processa-se em instalações tão insuficientes que até as antigas cozinhas são utilizadas para dar consultas e as escadas servem de salas de espera. Fios eléctricos à mostra evidenciam sem contemplações o estado de abandono desta extensão de saúde. Para ilustrar uma situação que é já insustentável para os utentes basta dizer que só as consultas dos médicos de família estão com um mês de atraso. Assim, nas freguesias da Ameixoeira e da Charneca, diz-se ironicamente, só pode estar doente quem tiver muita saúde!

mais de 4500 pessoas, no âmbito do processo de realojamento; que no Vale da Ameixoeira estão já construídos 1900 fogos para realojamento e que o Plano da Alta de Lisboa (Alto do Lumiar) prevê a instalação na zona, até 2017, de mais 60 a 70 mil pessoas.

Daí que falar-se apenas na construção de um novo Centro de Saúde é o mesmo que falar em resolver apenas o problema do

Alto do Lumiar, não o das Galinheiras, dizem Raul Boaventura e David Castro.

Para já, denunciam o facto de, apesar do descontentamento das populações e da subida de tom das suas reclamações, o Ministério da Saúde continuar a não manifestar qualquer intenção de dar andamento a um projecto para o qual já existe terreno. Apenas por falta de vontade política.

Se ainda não tens
o cartão de militante
dirige-te
à tua organização

CARTEÃO NOVO QUOTA NOVA

MAIS PARTICIPAÇÃO UM PCP MAIS FORTE

João Amaral visita Ovar

No passado dia 11 de Abril, o deputado comunista João Amaral deslocou-se a Ovar no quadro de uma visita distrital dedicada sobretudo à questão das acessibilidades.

Na sua visita a Ovar, João Amaral acompanhado por dirigentes locais do PCP, reuniu com a Associação Comercial de Ovar e S. João da Madeira, para se inteirar do efeito das recentes cheias da madrugada do passado dia 21 de Março, que causaram como é sabido inúmeros prejuízos.



Feito o ponto de situação, no qual avulta um prejuízo que certamente não andar

longe dos 250 mil contos (prejuízos sofridos apenas ao nível do comércio), João

Amaral, que recentemente interveio na Assembleia da República sobre um caso semelhante em Águeda, comprometeu-se a tudo fazer, seja através de Requerimento ou mesmo, se necessário, de um Projecto de Resolução, para que seja dado corpo às justas reivindicações dos comerciantes de Ovar, nomeadamente prolongando o período de vigência do URBCOM (antigo PROCOM), e criando linhas de crédito bonificadas, à semelhança do que já acontece em Águeda e Montemor-o-Velho.

Vila Real

Apoiar vitivinicultores

A Direcção da Organização Regional de Vila Real do PCP, depois de analisar os prejuízos de vários milhões de contos causados pelas intempéries aos vitivinicultores do Douro (uma primeira avaliação aponta para 50 km de queda de muros e suportes e mais de 500 ha de vinha), criticou o Governo por, em vez de afectar verbas no Orçamento do Estado para indemnizar os lavradores, ter optado por enquadrar os apoios que lhes são devi-

dos nos instrumentos comunitários já criados - VITIS e a medida 5 do AGRO - quase inacessíveis, devido à excessiva burocracia e exigências feitas.

A Distrital do PCP exige, pois, que nenhum lavrador seja afastado deste processo e reclama a simplificação das candidaturas aos apoios, designadamente através da consideração do uso da terra ou de uma declaração das autarquias e/ou das Organizações da

Lavoura como prova de titularidade.

Os comunistas de Vila Real, tendo em conta que a falta de condições das instalações (provisórias) onde funcionam os serviços do Tribunal, reclamam também a urgente conclusão das obras do Tribunal e o seu regresso à normalidade. E, chamando a atenção para as deficientes condições que os CTT oferecem, defendem nomeadamente a existência de um funcionário que apoie e encaminhe

os utentes, particularmente os que não sabem ler.

O perigo iminente de derrocada do talude de acesso à IP-4 é outra questão para que o PCP alerta a Câmara Municipal e a delegação de Vila Real do Instituto de Estradas de Portugal, da mesma forma chamando a atenção deste Instituto, assim como do Governo e do Ministério do Equipamento para os graves prejuízos causados pelas intempéries à rede rodoviária nacional e municipal do distrito.

AVEIRO Clark desresponsabiliza-se

Ao afirmar, a propósito dos despedimentos nas empresas de Calçado Clark, que «felizmente em Portugal não há mão-de-obra barata» e que «em termos empresariais», elas «têm todo o direito de o fazer», o ministro da Economia está a legitimar a desresponsabilização da Clark relativamente aos graves problemas sociais que a deslocalização acarreta, acusa o Sector de Empresas da Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP.

Aliás, prossegue o PCP, ao contrário do que afirma o ministro, Portugal é um país de mão-de-obra barata e a Clark, quando se instalou em Portugal, «fê-lo na base de contrapartidas altamente vantajosas de recursos nacionais, dados pelo Governo, pelas autarquias e pela própria comunidade europeia», assumindo responsabilidades que agora pretende enjear.

O PCP acusa o Governo de não ter acautelado a situação e exige que ele assumia as suas responsabilidades, de forma a «impedir que a dignidade de Portugal e dos seus trabalhadores continue a ser insultada».

SANTA MARIA DA FEIRA Basta de adiamentos

Activistas do PCP do concelho de Santa Maria da Feira reclamaram, na semana passada, junto ao cruzamento do Picoto da Estrada Nacional n.º 1, contra os sucessivos adiamentos das obras do novo traçado do IC2 entre Arrifana e os Carvalhos, diariamente percorrido por milhares de veículos, muitos dos quais pesados.

O facto de, apenas nos 13 quilómetros do Concelho de Santa Maria da Feira, se terem registado, em 1999, 70 acidentes, de que resultaram 5 mortos e 91 feridos - ocorrendo a maior parte dos acidentes dentro das localidades - prova, também, segundo os utentes, que «neste momento se está a circular em condições impróprias, inferiores às desejáveis em termos de volumes de tráfego, da velocidade de circulação, da segurança e de tempos de espera».

O PCP vem há muito exigindo solução para o problema mas considera que, para este ser resolvido, é fundamental que todos os que utilizam aquela estrada façam ouvir a sua voz.

SINES Diálogo ou farsa?

Ao anunciar, através do ministro e seu dirigente José Sócrates, a instalação no concelho de Sines da Estação de Pré-Tratamento de Resíduos Industriais e Perigosos, o PS mostrou como o diálogo que «tanto apregoa», não passa «de uma farsa», diz a Comissão Concelhia de Sines do PCP.

Manifestando a disponibilidade para lutar em defesa do Litoral Alentejano, o PCP denuncia ainda o facto de o Governo não ter procedido, antes da sua decisão, a uma consulta prévia das populações e dos seus legítimos representantes.

BEJA PCP ouve entidades

A Direcção da Organização Regional de Beja do PCP está a realizar encontros com diversas entidades da região, com o objectivo de as auscultar sobre o projecto de lei do Grupo Parlamentar comunista que propõe Medidas de Reestruturação Fundiária na Área de Intervenção do Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva. Nesse sentido, encontrou-se já, na semana passada, com o Instituto Politécnico de Beja e a Região de Turismo Planície Dourada, de quem ouviu as opiniões.

Três sublinhados

Três questões, diferentes mas ligadas entre si, merecem, esta semana, um sublinhado especial da minha parte.

I - O Morais da Carris



Jerónimo de Sousa
Membro da Comissão Política

Foi daqueles camaradas que, pela sua militância partidária, sindical e associativa incorporava o que este Partido e esta CGTP-IN têm de mais profundo.

Onde houvesse trabalho para fazer, trabalhadores para mobilizar, cartaz para colocar, fosse no Partido, fosse na Festru, fosse no T.U.L. ou na Associação de Moradores de Santo António dos Cavaleiros, fosse ainda para dar uma ajuda a um camarada «enrascado», lá estava o Morais.

Nunca fez uma queixa dos seus canções, nunca fez questão de estar na primeira fila, a não ser na luta.

A administração da Carris fez-lhe uma oferta quase irrecusável para a reforma antecipada mas ele tinha muito para fazer. Tinha estado ali no Rossio a comemorar o 8 de Março, a participar na Tribuna Pública dos trabalhadores dos transportes, a negociar o contrato na Carris quando a morte lhe interrompeu as tarefas. Naqueles rostos dos operários das oficinas e motoristas da Carris que lhe prestaram a última homenagem lia-se a dor da perda e a expressão mais genuína da admiração por um lutador.

A morte levou-lhe a vida mais foi obrigada a deixar-nos o seu exemplo.

II - A quadratura do círculo

O governador do Banco de Portugal veio a praça pública alertar banqueiros e patrões para a necessidade de fazer a contenção dos salários.

Num conclave de economistas seguidores do neoliberalismo, a principal conclusão foi a de que era necessário não só conter como baixar os salários como factor determinante para aumentar

a competitividade e a produtividade das empresas.

Os primeiros a tomar à letra esta tese tão nova como a do «tempo das vacas magras» de Marcelo Caetano foram os banqueiros, bloqueando as negociações de contratação, assim como as associações patronais dos têxteis, dos gráficos, da construção e dos curtumes.

E, no entanto, passou como cão por vinha vindimada a notícia de que só os donos de três bancos tiveram de lucros, no ano 2000, 178 milhões de contos entre os mais de 300 milhões alcançados pelas instituições bancárias. Contas feitas, são lucros que dariam para pagar (com aumento) os salários de um ano inteiro, mais os subsídios de férias e natal aos 200 mil operários têxteis.

A tese arqueológica dos seguidores e serventários do capitalismo, tendo como única novidade os adjectivos da «competitividade» e da «modernidade», servem assim e tão-só para esconder a iniquidade do lucro amassado numa maior exploração.

III - A tratar do futuro

Num quadro de crescente insegurança e de vínculos precários, quando se acentua a destruição e desvalorização do aparelho produtivo nacional - cujo exemplo mais gritante é o encerramento da Siderurgia Nacional e o consequente despedimento de 800 trabalhadores; em que as multinacionais «bedúfnas» chegam, instalam-se, recebem apoios, ganham dinheiro e partem para outras paragens à procura de mão-de-obra barata; em que persiste a pressão sobre milhares de trabalhadores das empresas privatizadas e a privatizar para rescindirem contratos ou recorrerem à reforma antecipada, a CGTP-IN publicou um balanço de organização referente ao ano 2000.

Verificaram-se 56 400 novas sindicalizações, sendo praticamente igual o número de homens e mulheres sindicalizados. Mas o dado mais notável e surpreendente é a eleição de 4880 delegados sindicais, dos quais 654 têm menos de 30 anos e 2069 são mulheres.

Quanto não foram os profetas do fim do sindicalismo de classe, do seu definimento e envelhecimento, da sua inutilidade face ao modelo triunfante da desregulamentação e flexibilidade e à pressão do integracionismo irreversível do sindicalismo no sistema como única forma para sobreviver?

Enganaram-se, porém. E enganaram-se porque a CGTP-IN não confundiu dificuldade com impossibilidade e decidiu definir a empresa e o local de trabalho como área estratégica e prioritária para intervir e organizar.

Definiu em tese e passou à concretização com objectivos, metas, meios e quadros.

Como dizem os metalúrgicos, «o papel aguenta tudo o que se queira lá pôr»... mas a questão está sempre em levar à prática o que se decide.

/// Apesar da insegurança e da precariedade, aumenta o número de sindicalizações ///



Viseu comemora 80 anos do PCP

Década e meia depois do último comício realizado na cidade de Viseu, o Partido comemorou o seu octogésimo aniversário, regressando ao coração desta cidade com um comício-concerto.

Num ambiente de grande mobilização (uma sala quase cheia), com uma grande participação de mulheres e de jovens, este comício foi montado, num grande envolvimento colectivo de dezenas de comunistas e amigos do Partido.

A música de Manuel Freire, Carlos Clara Gomes e do grupo Senhor Arcanjo; a poesia de Bertolt Brecht, António Gedeão, Goethe, Sofia de Melo Breyner e de Miguel Torga; as intervenções políticas de José Teles e de Jerónimo Sousa; uma demonstração prática da produção do «Avante!» num prelo da clandestinidade, fizeram deste comício-concerto um momento especial nas comemorações (e na vida) do PCP neste distrito.

Na sua intervenção política, que arrancou várias vezes os aplausos dos presentes, Jerónimo

de Sousa fez uma incursão pela história do PCP, dando relevo à sua invulgar postura de Partido que esteve sempre com os trabalhadores e com o povo português nas muitas lutas contra a opressão e a exploração, contra o obscurantismo fascista, contra as desigualdades e injustiças sociais. Um Partido que, por isso mesmo, define a sua identidade como Partido da classe operária e de todos os trabalhadores.

Do sonho a acção

Numa análise à actual situação político-social, Jerónimo de Sousa caracterizou o actual momento político marcado por um Governo com uma política ao serviço dos grandes grupos económicos e, por outro lado, pelas grandes lutas dos trabalhadores e pela capacidade de intervenção deste Partido, hoje como sempre, ao lado dos explorados.

Terminou reafirmando os grandes valores e objectivos que norteiam a vida e intervenção do Partido Comunista

Português e dos seus militantes, fazendo um apelo ao envolvimento de todos no trabalho de preparação da grande batalha autárquica que se avizinha.

«Eles não sabem que o sonho/é uma constante da vida/que sempre que o homem sonha/o mundo pula e avança (...).», cantou Manuel Freire, já quase no fim deste comício-concerto, evocando os inesquecíveis versos de António Gedeão.

Mas os comunistas – mesmo num distrito com as dificuldades do distrito de Viseu – sabem que foi e continua a ser a capacidade de sonhar, a capacidade de fazer do sonho o projecto de uma sociedade diferente, e a capacidade de levar o seu projecto à acção revolucionária de transformação do mundo, que dá a cor e o sabor a momentos como aquele.

Por isso mesmo, e a pensar já nas próximas batalhas políticas, os numerosos presentes no comício terminaram a cantar «a Internacional» e o «Avante!». Um bom augúrio para o futuro.



Neste fim-de-semana em Serpa

JCP debate a Cultura

A vila alentejana de Vila Nova de S. Bento, em Serpa, recebe este fim-de-semana uma iniciativa ímpar organizada pela JCP: dois dias totalmente dedicados ao debate e à divulgação cultural.

Sob o lema «Liberdade de Criação, Juventude na Revolução», esta iniciativa pretende discutir a produção e fruição da cultura, traçar linhas de trabalho e constituir o ponto de partida para outras actividades à volta deste tema.

Sublinhando que a cultura é extremamente importante como linha-padrão que define um país ou região e como acção motora de desenvolvimento dos povos, a JCP procura com esta iniciativa criar um espaço onde, mais do que desenvolver actividades culturais, se possa debater sobre a sua problemática.

O objectivo é analisar a situação cultural nos nossos dias, o acesso a uma cultura dirigida a toda a população e as novas formas de intervenção cultural.

A JCP dedica dois dias à dança, poesia, teatro, fotografia e música

«É necessário também compreender e aprofundar, enquanto juventude partidária, os sentimentos, sensibilidades e motivações dos seus militantes para melhor intervir e construir cada vez mais uma JCP mais forte e preceptiva do

mundo que nos rodeia», afirmam os jovens comunistas.

Dias cheios

No sábado, o encontro inicia-se às 14 horas, no Cineteatro D. Maria, com um *workshop* de dança. Meia hora depois tem lugar uma intervenção poética, que abrirá as portas ao debate sobre cultura. Às 17 horas, os *Work in Progress* tomam o lugar no palco para apresentar a sua música improvisada em bidons.

Às 19h30, é altura do convívio com DJs, malabarismo, pintura, teatro e poesia. O jantar está marcado para as 20 horas e uma hora depois inicia-se a animação de rua. Ao mesmo tempo, distribuem-se cravos, poemas e convites para participar na iniciativa.

A noite é igualmente dedicada às várias expressões culturais. A partir das 21h30, serão projectados slides sobre o 25 de Abril, terá lugar uma peça de teatro e dois espectáculos com os Pés na Tela e os Zurungundum. A noite termina com um *sound system*.

No domingo, as actividades começam às 10h30 com a exibição de peças concebidas durante o dia anterior e a apresentação das conclusões dos encontros. Às 12h30, inicia-se uma visita ao centro histórico de Serpa, ao castelo e aos museus. Para as 15 horas está programado um piquenique.

Durante os dois dias estão patentes exposições de pintura, escultura e fotografia e terão lugar momentos de poesia, teatro e malabarismo.

Saúde em Braga

Populações devem intervir

Uma conferência de imprensa com a participação de Mesquita Rodrigues, profissional numa Unidade de Saúde de Braga, culminou um conjunto de acções que a Organização Regional de Braga do PCP desenvolveu, no âmbito da «Semana da Saúde».

Dando conta das conclusões a que chegaram no decurso destas acções, os comunistas dizem que o distrito reflecte o estado geral da saúde em Portugal, seja na área dos Cuidados Primários ou na Área Hospitalar, e destacaram as principais reclamações ouvidas: colocação de médicos no Centro de Saúde de Cabeceiras e Celorico de Basto e criação de um Hospital para a Região do Basto. Entretanto, e como resultado também de visitas feitas a Unidades de Saúde do distrito, os deputados Agostinho Lopes e Cândido Capela Dias apresentaram na Assembleia da República propostas referentes,

designadamente, ao reforço do número de camas no Hospital de Guimarães, à construção de um Pavilhão para instalação do Departamento de Psiquiatria no mesmo hospital e à renovação e reactivação de uma unidade hospitalar em Vizela.

Das deslocações destes deputados ao Hospital de S. Marcos e ao Centro de Saúde de Carandá resultaram ainda a apresentação de requerimentos ao Governo sobre a falta de médicos de algumas especialidades naquele Hospital, a situação de congestionamento das instalações do Centro de Saúde do Carandá e os atrasos no plano de construção do novo Hospital de Braga e na abertura da Extensão de Gualtar.

Os comunistas entendem, porém, que, independentemente das intervenções do PCP, é «decisivo» um outro tipo de intervenção – o das populações – para que a situação melhore.

Seixal

Situação social degrada-se

A Comissão Concelhia do PCP, após análise à situação política e social do concelho, concluiu que a mesma está a degradar-se, em resultado da política de direita do Governo do PS.

A Siderurgia Nacional é um dos casos que a Concelhia do Seixal refere como exemplo da política do PS de favorecimento ao patronato. De facto, quando do desmembramento da Siderurgia em três empresas, a SN Longos foi vendida por 3 milhões e 650 mil contos a grupos italianos e espanhóis para, um ano mais tarde, o grupo espanhol comprar por 12 milhões de contos a parte dos italianos.

Para além das dúvidas que estes valores levantam – principalmente a estranha valori-

zação da empresa em 10 milhões de contos no prazo de um ano – o PCP denuncia o facto de, com o encerramento da empresa, a produção de aço ter passado totalmente para a mão de capitalistas espanhóis.

No que respeita, por outro lado, à Indelma/Siemens, o PCP lembra que, face aos alertas feitos pelos trabalhadores, designadamente ao Presidente da República e ao ministro da Administração Interna, para a intenção da administração da empresa pretender deslocalizar parte da unidade de produção (a da componentes Renault) para a Lituânia, aqueles foram tranquilizados com a afirmação de que «não haveria despedimentos».

No dia 23 de Março, pouco depois de o Governo ter atribuído 70 mil contos de apoios dos dinheiros públicos à Indelma/Siemens, um assessor do Primeiro-Ministro chegou mesmo a afirmar aos trabalhadores que desconhecia qualquer intenção de despedimentos, quando era já conhecido o objectivo da administração de encerrar parte da empresa e a existência de pressões sobre os trabalhadores para que rescindissem os seus contratos de trabalho.

A verdade, porém, é que a administração da Indelma/Siemens anunciou já uma listagem de 276 despedimentos a curto prazo, sendo que sob a mesma ameaça encontram-se mais 300 trabalhadores, denuncia o PCP.

Concurso de bandas

O 3.º Concurso de Bandas da Comissão Regional do Porto da JCP realiza-se no fim de Maio, em local ainda a designar. Todas as bandas que queiram participar devem enviar maquetas em CD ou cassette até 4 de Maio para: Avenida da Boavista, n.º 931, 4100

Porto. O regulamento está disponível na internet em www.crosswinds.net/~jcpporto.

O prémio para a banda vencedora é a actuação no palco Novos Valores da Festa do Avante!, que este ano se realiza a 6, 7 e 8 de Setembro.

Estudantes do Porto procuram novo primeiro-ministro

A Federação Académica do Porto lançou um desafio: procura um candidato a primeiro-ministro com «efectiva paixão pela educação, conhecimento real do País e capacidade de representação teatral». As «audições» já começaram.

«Sabemos que é uma atitude polémica, mas pretendemos abanar consciências», afirmou Hugo Neto, presiden-

te da FAP, em declarações à agência Lusa. Se a Federação encontrar a «pessoa certa», esta será apresentada aos estudantes na Queima das Fitas. O objectivo é ter uma «queima politizada» e este é «um passo nesse sentido», segundo Hugo Neto.

Entretanto, na quinta-feira, a FAP organizou um protesto original contra a política de ensino do Governo: a «ban-

deira da educação» foi hasteada na Torre dos Clérigos, simbolizando a necessidade de investir no ensino superior público, sentida por milhares de estudantes de todo o País.

Os estudantes contestam a lei de financiamento, a ineficácia da Acção Social Escolar, a falta de saídas profissionais e as causas dos elevados índices de insucesso escolar.

CDU do Algarve prepara eleições autárquicas

Um rico património unitário

Com a presença de mais de 80 eleitos e activistas, realizou-se, no dia 7 de Abril, o Encontro Regional do Algarve da CDU, que teve como objectivos centrais conhecer o processo de preparação das eleições, coordenar as acções e iniciativas, acertar linhas de trabalho e perspectivar e dinamizar o alargamento da CDU como espaço unitário.

O Encontro, em que estiveram representados 14 dos 16 concelhos da Região, aprovou um documento de conclusões, onde era expressamente assumida a intenção da CDU de concorrer a «todos os órgãos autárquicos da região», apelando às suas estruturas «para a necessidade de reforçarem o contacto com os seus candidatos, apoiantes e outros independentes para a elaboração das listas, reforçando a CDU como espaço de unidade de todos aqueles que querem trabalhar na defesa dos interesses da população».

A afirmação do carácter unitário da CDU é feita sem diluir o PCP

Relativamente aos objectivos eleitorais, o Encontro concluiu ser necessário o «reforço das maiorias da CDU na Câmara Municipal de Aljezur, e nas juntas de freguesia de Santa Bárbara de Nexe, Silves, Odeceixe, Monte Cordo e Vila Real de Santo António», bem como trabalhar para voltar a ganhar as «presidências das câmaras de Silves e Vila Real de Santo António, onde se assume como principal alternativa».

O prosseguimento das acções de prestação de contas dos eleitos da CDU às populações

foi outra das conclusões do encontro que definiu como linha prioritária de trabalho a «dinamização das estruturas locais, com o objectivo de prosseguir um conjunto diversificado de iniciativas que permitam o contacto directo com as populações, o levantamento dos problemas e a estruturação de programas eleitorais ajustados às necessidades dos concelhos». A definição, até ao final do primeiro semestre, de todos os cabeças de lista às câmaras, assembleias municipais e assembleias de freguesia, foi uma orientação que a CDU algarvia considera «aconselhável».

Com uma «importância estratégica, que não pode ser subestimada», está a «participação, em lugares elegíveis, de mais jovens e de mais

mulheres nas listas da CDU», lê-se no documento.

Uma grande força eleitoral

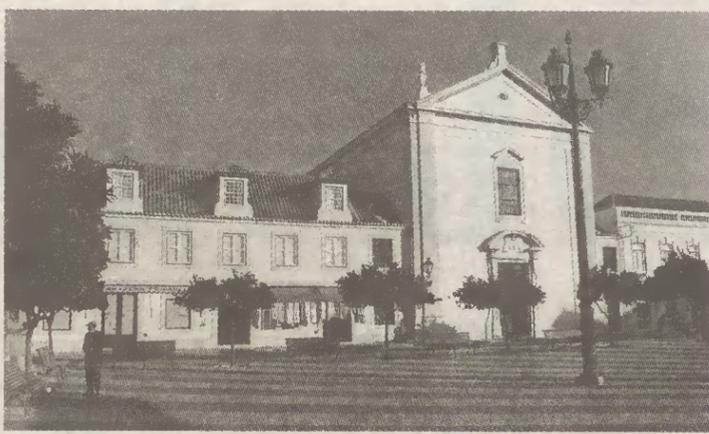
Presente no encontro esteve o responsável pela organização do Algarve na Comissão Política do PCP, José Neto, que usou da palavra para falar sobre as eleições autárquicas e o quadro político em que se desenvolverão. Na sua inter-

venção, José Neto afirmou que a CDU está a preparar as eleições com «grande confiança em que é possível – e necessário – um bom resultado, também no Algarve, não apenas para manter o que temos, mas também para reconquistar importantes posições perdidas, como Silves e Vila Real de Santo António».

O membro da Comissão Política referiu-se ainda às exigências que a luta das

autárquicas acarreta, como a exigência de uma dinâmica de valorização do projecto da CDU, «um projecto de desenvolvimento e bem-estar, projecto de democracia participativa e de valorização do trabalho realizado». O responsável pela organização algarvia do PCP considerou ainda que as eleições autárquicas exigem também «uma dinâmica de unidade e de alargamento do espaço CDU». «Sem nunca ceder à tentação de apagar ou diluir o papel do PCP, não se deve nem pode perder o rico património unitário e a rica experiência de abertura das listas da CDU, sem sectarismos, a todos quantos se identificam e estejam dispostos a trabalhar no quadro dos princípios e do projecto da CDU, para benefício das populações», disse José Neto.

O dirigente do PCP terminou a sua intervenção com a convicção de que a CDU continuará a ser uma grande força eleitoral nacional e uma presença indispensável no Poder Local Democrático.



Reforçar a maioria em Aljezur e reconquistar as presidências das câmaras de Silves e Vila Real de Santo António são alguns dos objectivos da CDU/Algarve

Marcado para 19 de Maio

Encontro concelhio da Moita da CDU

«As iniciativas da CDU, com carácter aberto, apelarão e contarão com a vontade e a inteligência de todos quantos no concelho querem prosseguir na senda do desenvolvimento sustentado, a promoção da qualidade de vida e o exercício do poder local autárquico com uma parte integrante do regime democrático nascido de Abril.» Assim se afirma no boletim informativo «Pela Esquerda», que a Comissão Concelhia da Moita do PCP divulgou entre a população, marcando para 19 de Maio o Encontro Concelhio da CDU, a ter lugar na «Estrela Moitense».

A concretização do contacto directo com o eleitorado teve o seu primeiro passo em sessões públicas promovidas pelo Partido na Baixa da Banheira, Alhos Vedros e Moita, abrindo-se assim um ciclo em que têm participado João de Almeida, presidente da Câmara, Vítor Barata e Fernanda Gaspar, respectivamente presidentes das juntas de freguesia da Baixa da Banheira e de Alhos Vedros, Jorge Silva, eleito na Assembleia de Freguesia da Moita, e Valdemar Santos, do Comité Central do Partido, e, por cada reunião, muitas dezenas de munícipes.

O documento citado adianta que «para o PCP e a CDU nunca são indiferentes ou deixam de ter pertinência as críticas ou as considerações menos positivas a aspectos da sua gestão autárquica, e por isso mesmo em nada, absolutamente nada renegarão o seu passado, a sua obra, as suas responsabilidades».

Nesta linha, para os comunistas do concelho da Moita, «ganha particular significado a sistemática e ostensiva ausência dos eleitos do PS no ciclo de jornadas de trabalho de fim-de-semana que a Mesa da Assembleia e a Câmara Municipal estão a promover, potenciando, com reuniões e visitas a estruturas e equipamentos diversos, o conhecimento e avaliação mais directos do funcionamento e da acção e obra dos vários sectores e dinâmicas camarários. Ilustrativo do desrespeito pela disponibilidade, empenhamento e labor de muitos funcionários e técnicos do município, o virar costas a tais iniciativas – notoriamente desprovidas de qualquer índole propagandística – revela que o PS não quer ou não pode render-se à serena constatação de que as insuficiências e os atrasos detectados não põem nem porão em causa o cumprimento dos grandes objectivos que a CDU traçou para o presente mandato, na base da notável obra já realizada».

«O Encontro Concelhio da Moita da CDU reafirmará o propósito de reforçar as posições onde a CDU é maioria e de reconquistar a maioria na freguesia da Moita, no interesse do bem-estar das populações e do progresso do concelho», conclui o documento.

O prosseguimento das sessões e a divulgação de um «Presta Contas da CDU», entendidos como o suporte de uma campanha de esclarecimento democrático de massas é o passo seguinte, até 19 de Maio.

Realizou-se, no passado dia 7 de Abril, no Pavilhão dos Bombeiros Voluntários da Póvoa de Santa Iria, o Encontro Concelhio da CDU de Vila Franca de Xira. Contando com cerca de 170 presenças, o Encontro teve como objectivos a discussão e aprovação do projecto de Programa Alternativo da CDU para a Câmara Municipal daquele concelho. O coordenador do grupo de trabalho para a elaboração do Programa Alternativo, e também candidato da CDU à presidência da autarquia, José Neves usou da palavra para explicar o processo de elaboração do programa, com a criação de cinco subgrupos de trabalho – Ambiente, Acção Social, Cultura, Desenvolvimento e Segurança – que se debruçariam sobre várias matérias de responsabilidade autárquica, encaminhando depois as suas conclusões para a comissão de redacção do programa.

«Foi também decisão da Comissão Coordenadora de Novembro passado que, ao estilo da CDU, se iniciassem de imediato reuniões com instituições, associações e colectividades do concelho, com a finalidade de melhorar o diagnóstico da situação e enriquecer as nossas propostas», disse José Neves, salientando que até à data do encontro eram já trinta e seis as reuniões realizadas.

Sobre o que diferencia a CDU das outras forças, o candidato é peremptório: «Todas as forças políticas se propõem conseguir elevar a qualidade de vida das populações

a um nível superior, se propõem criar para elas condições de bem-estar», algumas até, considera José Neves, com melhores condições para o conseguir, através de «apoios alargados dos detentores do poder real, sejam eles provenientes da esfera privada ou do círculo de poder do Estado». Então, pergunta o candi-

datado, «porquê tanto empenhamento em dirigir os destinos do concelho?» «Respondo-nos com clareza a Comissão Coordenadora Nacional na sua Declaração Política, sob o lema «Um Projecto de Futuro – Soluções de Qualidade para uma Vida Melhor», ao definir os cinco objectivos norteadores da nossa acção», afirmou José Neves.

«O trabalho que hoje aqui realizamos merece ser continuado», disse José Neves que propôs uma série de reuniões

temáticas, a realizar em diferentes freguesias. Em Alhandra sobre «Movimento Associativo e a sua função social», em Alverca o tema será «Vias de Comunicação e Transportes» e em Castanheira do Ribatejo discutir-se-á sobre «Valorização Ambiental». «Segurança e bem-estar da população» em Forte da

Vila Franca de Xira

Conhecer os problemas



As vias de comunicação e as acessibilidades é um dos temas a ser discutido nas freguesias de Vila Franca de Xira

do a sua auto-estima» e que «procuraremos que o relacionamento entre eleitos das diferentes forças políticas seja respeitoso e solidário, gerador de mais-valias colocadas ao serviço da população».

«O trabalho que hoje aqui realizamos merece ser continuado», disse José Neves que propôs uma série de reuniões

Casa, «Ordenamento do Território e Urbanismo» na Póvoa de Santa Iria e «Políticas Culturais e Desportivas» em São João dos Montes serão outros dos temas. Também Vialonga, sobre ensino, e Vila Franca de Xira, sobre «Espaços Urbanos Humanizados» e «Gestão Participada e Direitos do Cidadão», receberão estas iniciativas.

Defender as pescas

● Pedro Carvalho

No passado dia 20 de Março, a Comissão Europeia iniciou o debate sobre a revisão da Política Comum de Pescas (PCP) com o lançamento do Livro Verde sobre o seu futuro. Nesse sentido, realizar-se-á em Junho uma audição pública da Comissão com os representantes do sector das pescas, com vista à elaboração das propostas legislativas que esta espera entregar no final do ano. A revisão da PCP surge num contexto de crise no sector das pescas da União Europeia (UE), com a sobreexploração dos recursos haliêuticos, maiores dificuldades de acesso a pesqueiros de países terceiros, a concentração da indústria da transformação, uma injusta distribuição do valor acrescentando e o aumento das importações. Por isso, tem-se verificado anualmente uma redução média do emprego em cerca de 2% e o agravamento das condições socioeconómicas das zonas costeiras dependentes do sector.

Portugal, o bom aluno

Na realidade, a PCP premiou o abate de embarcações e a cessação de actividade, tendo as medidas de modernização da frota e de redução do esforço de pesca, através dos programas plurianuais de orientação



(POP), contribuído para esse efeito. Uma vez mais Portugal foi o «bom aluno», cumprindo antecipadamente os objectivos traçados por Bruxelas nos POP para a redução do esforço de pesca, enquanto outros estados-membros modernizavam a sua frota e aumentavam o seu esforço de pesca. O sector em Portugal também foi afectado pela liberalização do acesso as suas zonas económicas exclusivas (ZEE) e do mercado dos produtos da pesca. Os pescadores e suas organizações representativas, nunca foram envolvidos no processo de decisão. A chave de repartição das quotas, de acordo com o princípio da estabilidade relativa, não garantiu a Portugal, aquando da sua adesão, a capacidade de desenvolvimento do sector, deixando o nosso país fora de pesqueiros tradicionais como a Gronelândia. Agora que o acordo de pescas com Marrocos parece não se ir renovar, Portugal sofre mais um duro golpe na sua frota de pesca longínqua, deixando sem alternativa cerca de 30 embarcações e mais de 600 pescadores.

As opções da Comissão

Nos últimos anos, tem havido pressões para finalizar o processo de comunitarização do mar, alargando o acesso à zona das 6 às 12 milhas. A derrogação ao acesso, que acaba em 2002, visava por um lado, proteger os recursos (em Portugal cerca de 80% dos recursos encontram-se dentro da zona até às 12 milhas) e por outro, proteger a pequena pesca costeira. A intervenção dos deputados do PCP no Parlamento Europeu (PE) sempre se pautou, não só pela defesa da manutenção das 12 milhas, como a sua extensão até às 24 milhas. A sua intervenção foi fundamental para incluir este objectivo em diversas resoluções do PE. Existiram, também, pressões para a regionalização das águas comunitárias, com a tentativa de criar organizações regionais de pesca que controlariam a gestão dos recursos. Esta opção não corresponde à necessária descentralização da PCP, cuja a base devia ser os estados-membros, criando-se as estruturas necessárias para um envolvimento do sector no processo de decisão. Mas mais grave, é a pressão para a criação de um sistema de quotas individuais transferíveis, que seriam vendidas e compradas em leilões de acordo com as necessidades de um mercado de direitos da pesca. Esta

proposta a ser aprovada, levaria à concentração e verticalização da produção, acarretando a privatização dos recursos e consequências graves para o emprego e para as zonas costeiras dependentes deste sector. Não é de estranhar que a Comissão ponha novamente na agenda estes assuntos e no caso das quotas transferíveis queira discutir com os estados-membros «o mais rapidamente possível e o mais tardar até 2003». Também em relação ao acesso, apesar de

abrir a porta à manutenção da derrogação das 12 milhas, a Comissão recusa a sua extensão até às 24 milhas. Por outro lado, aprofunda as actuais vertentes da PCP, propondo redireccionar e redimensionar o sector das capturas (apontando como alternativa a aquicultura), incrementar os incentivos ao abate e utilizar o Instrumento Financeiro de Orientação das Pescas (IFOP) para minimizar o ajuste estrutural do sector. Propõe criar um regime de TAC plurianuais, que será menos flexível que o regime de TAC anuais. Avança com o término a prazo das ajudas à modernização da frota e aponta a criação de uma estrutura de inspecção comum comunitária. É com este quadro que a Comissão pretende discutir a revisão da PCP. Contudo não nos devemos cingir a estas opções. Têm de ser criadas as condições para uma outra política para as pescas. Uma política mais equitativa e que responda as necessidades do sector e às suas especificidades regionais. Só assim poderemos garantir a sustentabilidade do sector.

Febre aftosa devasta herdades britânicas e provoca queda drástica no turismo

Um milhão de abates

Mais de um milhão de animais já foram abatidos no Reino Unido, devido à epidemia da febre aftosa, segundo revelou o Ministério da Agricultura, na passada semana.

O titular da pasta, Nick Brown, referiu precisamente que foram abatidos um milhão e 39 cabeças de gado, das quais apenas 408 mil foram incineradas.

Apesar da grandeza destes números, o governo é acusado de lentidão nos abates facto que contribui para a propagação da doença. Segundo a opinião de uma equipa de cientistas do Imperial College de Medicina de Londres, divulgada pela revista *Ciência*, «os animais saudáveis deviam ser mortos nas 24 horas seguintes à descoberta de um caso no local». Contudo, como tal não acontece presentemente, os cientistas temem que quase um terço das herdades britânicas possam vir a ser afectadas pela doença.

Para além dos prejuízos directos para o sector, a febre aftosa é ainda responsável por uma pesada quebra no turismo, estimada em 80 por cento, ou seja qualquer coisa como uma perda de 880 milhões de contos por cada semana que passa.

Enquanto Tony Blair, primeiro-ministro britânico, promete não dar tréguas à epidemia, os Conservadores, em baixa de popularidade, atacam-se à TV britânica responsabilizando-a pelos danos causados ao turismo do Reino Unido.

John Greenway, porta-voz Conservador para o turismo e desporto, considerou que as imagens de carcaças de animais apodrecendo antes de serem destruídas tinham levado muitas pessoas a can-

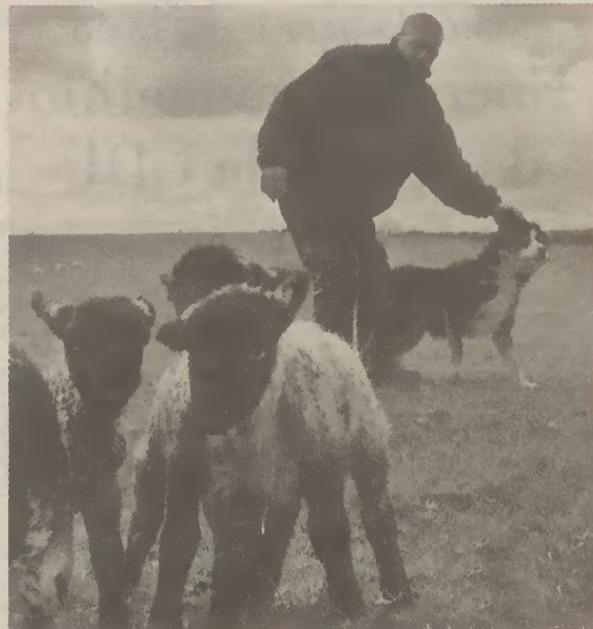
celar as suas visitas as áreas rurais do Reino Unido.

Do lado trabalhista, o deputado Stephen Pound reconheceu que as visitas de

O turismo é uma das grandes vítimas da epidemia

ministros a zonas rurais para promover turismo não tinham tido sucesso. Em vez de ministros, «devia ter-se usado estrelas pop, tais como Britney Spears, que atrairia grande número de turistas às cidades do sul da Inglaterra», disse.

Com o adiamento das eleições gerais legislativas e autárquicas, de 3 de Maio para uma data futura, possivelmente 7 de Junho, Tony Blair é para já a única pessoa que parece ter ganho com esta epidemia, segundo afirma o jornal londrino de tendência conservadora, *The Daily Telegraph*.



Os cientistas temem que um terço das explorações possam ser infectadas pela doença

Jornada mundial contra transgénicos

A Via Campesina, organização internacional dos pequenos agricultores, promoveu, na terça-feira em França, um dia de luta contra os alimentos geneticamente transformados (OGM). A iniciativa, encabeçada pelo dirigente da Confederação Agrícola Francesa, José Bové, teve como objectivo chamar a atenção do grande público, através de debates e sessões de esclarecimento aos consumidores, para os perigos das biotecnologias para a saúde humana.

As várias organizações envolvidas neste protesto exigem, entre outras medidas, a etiquetagem rigorosa dos produtos que contêm OGM e consideram que o sector agrícola será o mais penalizado se um novo alerta sanitário surgir em relação à alimentação animal. A Confederação Agrícola Francesa vê como extremamente perigoso o actual estado de dependência das multinacionais agro-alimentares de produtos geneticamente transformados, sobretudo as instaladas em países em vias de desenvolvimento e recordam que actualmente os transgénicos já são cultivados em mais de 44 milhões de hectares em todo o mundo, apesar de o seu uso ser restringido na Europa.

Nas acções realizadas participaram a associação ecologista Greenpeace, os Médicos do Mundo e os Amigos da Terra, entre outros, que não hesitaram em intervir nas grandes superfícies comerciais para exigir a retirada de produtos que contêm OGM.

Nas reuniões efectuadas foi igualmente assinalado o 5.º aniversário do assassinato de 19 agricultores do movimento dos Sem Terra, ocorrido em 17 de Abril de 1996.

Na segunda-feira, o governo francês veio a público recordar que desde 1999 que se aplica uma moratória sobre novas autorizações de cultivo e comercialização de transgénicos, a qual se manterá enquanto não houver garantias sobre a sua completa identificação e rotulagem.

Em França, estão autorizadas algumas variantes de milho transgénico, mas face à desconfiança e hostilidade os consumidores, as áreas cultivadas são marginais não tendo atingido no ano passado os 50 hectares. Os opositores aos OGM advertem para os riscos ambientais destas culturas que podem provocar mutações genéticas em outras espécies.

No centenário de Bento de Jesus Caraça



Numerosas iniciativas assinalam o centenário do nascimento, a 18 de Abril de 1901, de **Bento de Jesus Caraça**. Não tantas quantas a figura insigne de intelectual comunista merece de Portugal e dos portugueses. O facto de ter sido um activo militante do PCP – apesar das «dúvidas» que continuam a ser, não inocentemente, lançadas sobre essa qualidade de comunista – afastará muitos dos que, afirmando-se de esquerda, defensores de ideais progressistas e carregando pergaminhos de luta pela liberdade, se amoldam hoje a servir interesses contrários àqueles, dos trabalhadores e do povo, que Bento Caraça escolheu ser tarefa sua – e nossa – servir. O certo é que, como lembra e sublinha o nosso editorial de hoje, a **vida e a obra de Bento de Jesus Caraça são inseparáveis do seu ideal político**. É assim que o recordamos hoje, juntando-nos, com as nossas páginas, a muitos que não esquecem uma vida e uma obra exemplares. Neste caderno, para além de excertos de obras suas e de uma biografia, publicamos um trabalho de Alberto Vilaça, uma entrevista com António Dias Lourenço e ainda recordamos excertos da entrevista concedida em 1995 pelo camarada Álvaro Cunhal ao *Avante!*, que mantém toda a actualidade.



Biografia

Bento de Jesus Caraça, eminente economista, matemático, estatístico e demógrafo foi uma figura relevante da inteligência portuguesa. Sem nunca esquecer as suas origens populares, assumiu-se plenamente como um cidadão íntegro e um militante antifascista extremamente activo.

Foi um dos fundadores do Movimento da Unidade Nacional Antifascista (MUNAF), que, mais tarde, haveria de dar origem ao Movimento de Unidade Democrática (MUD).

Fundou, juntamente com outros professores, a *Gazeta Matemática*, em 1940, e, em 1941, a *Biblioteca Cosmos*, de que foi único director.

No biénio de 1943-44, foi Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Matemática e Delegado da Sociedade aos Congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências, de 1942 a 1944 e de 1946 a 1948.

Como universalista que foi, não se cingiu à ciência, abarcando nos seus conhecimentos a arte, a literatura e os problemas centrais da vida do homem, em busca de um saber integral.

Nascido a 18 de Abril de 1901, na Rua dos Fidalgos, em Vila Viçosa, numa modesta dependência do Convento das Chagas, onde se alojavam alguns criados da casa de Bragança, Bento de Jesus Caraça era filho de trabalhadores rurais. Viveu os primeiros cinco anos da sua vida na «herdade da Casa Branca», na freguesia de Montoito, onde aprendeu a ler e escrever com um trabalhador, José Percheiro.

Com as primeiras letras e as primeiras contas, aprendeu também o valor humano da solidariedade.

A extraordinária rapidez com que aprendia impressionou a esposa de Raul de Albuquerque (de quem o pai de Bento era feitor), que decidiu tomar a seu cargo a educação do jovem, sem suspeitar que estava a lançar as sementes do saber naquele que viria a ser um dos mais notáveis vultos da ciência e da cultura portuguesas.

Tendo concluído com distinção o exame de instrução primária em 1911, em Vila Viçosa, Bento Caraça fez depois o curso liceal nos liceus de Santarém e Pedro Nunes, em Lisboa, ingressando, em 1918, no Instituto Superior do Comércio, nome então dado ao actual Instituto Superior de Economia e Gestão.

Ao mesmo tempo, dava explicações para poder custear os seus estudos.

Logo em Novembro de 1919 foi nomeado 2.º assistente do 1.º grupo de cadeiras do ISCEF.

Licenciou-se com altas classificações em 1923, passando a 1.º assistente em Dezembro de 1924. Três anos depois, era nomeado professor extraordinário e professor catedrático da 1.ª cadeira (Matemáticas Superiores, Álgebra Superior, Princípios de Análise Infinitesimal e Geometria Analítica) em Dezembro de 1929.

Um Homem como ele, livre, sem fronteiras, companheiro dos oprimidos, não poderia, porém, viver muito tempo com mordidas num regime opressor e ditatorial.

Por isso, o regime fascista não lhe perdoou a inabalável dedicação à causa da classe operária. Constantemente perseguido, nunca abdicou dos seus ideais. Acabou por ser preso pela PIDE e, posteriormente, demitido do seu lugar de professor catedrático do ISCEF em Outubro de 1946.

O fascismo era incompatível com um pensamento livre, humanista e solidário. E, assim, até o Centro de Estudos de Matemáticas Aplicadas à Economia (CEMAE), que ajudara a criar e dirigia desde Janeiro de 1938, acabou por ser sumariamente extinto por decisão ministerial.

Comunista militante, Bento de Jesus Caraça, na sua intervenção cívica e cultural, sublinhou a natureza de classe do fascismo, o papel do Estado na consolidação do poder de uma classe - a grande burguesia -, ao mesmo tempo que esteve com as lutas e as causas dos trabalhadores e do Socialismo.

Foi um internacionalista e defensor da paz. Aliou na sua acção a firmeza das convicções políticas e a atitude militante com a capacidade de promover entendimentos.

Foi uma pessoa simples, íntegra, que cultivou a lealdade e a coerência entre palavras e actos. Foi matemático de valor, pedagogo e conferencista incansável, apostando na democratização da cultura como processo inseparável da luta pela transformação da sociedade. Teve um papel destacado na acção da **Universidade Popular Portuguesa**, de que foi presidente durante anos consecutivos, aí contribuindo para elevar a educação dos trabalhadores e sublinhando a importância das organizações sindicais no processo de libertação dos seus membros através da cultura.

Dos breves 47 anos de vida deste grande cientista e lutador português ficou para a nossa história não apenas o exemplo ímpar da dedicação à causa da liberdade e dignidade humanas, mas também uma vasta e diversificada obra, de que apenas destacamos:

Sobre a intervenção do princípio da substituição de infinitésimos no estabelecimento de algumas fórmulas de cálculo diferencial (1929); *Sobre a aplicação de um grupo de fórmulas de cálculo das probabilidades na teoria dos seguros de vida* (1930); *Sobre o Espaço de Capitalização* (1948); *Interpolação e Integração Numérica* (1933); *Lições de Álgebra e Análise, em 2 volumes* (1940); *Cálculo Vectorial* (1937); *Conceitos Fundamentais de Matemática, em 2 volumes* (1945); *A Cultura Integral do Indivíduo, problema central do nosso tempo* (1941); *Galileu Galilei, valor científico e moral da sua obra* (1940); *A Arte e a Cultura Popular* (1936); *Rabindranath Tagore* (1939); *Algumas reflexões sobre a Arte* (1943).

Colaborou também nas revistas *Técnica*, *Gazeta da Matemática*, *Seara Nova*, *Vértice* e *Revista de Economia*.

Bento de Jesus Caraça foi um eminente cientista que não se isolou na ciência. Antes se empenhou na luta e se embrenhou na realidade de mangas arregaçadas. Era um homem multifacetado, corajoso, lutador fiel aos seus princípios, solidário, para além do seu tempo.

Estas notas biográficas foram extraídas da publicação *A Cultura Integral do Indivíduo*, editada em 1995 pelo pelouro da Educação da Câmara Municipal de Lisboa, dirigido pelo vereador António Abreu.

Com Bento estudar, a

Bento de Jesus Caraça é hoje uma figura largamente conhecida como intelectual não elitista que marcou o curto tempo em que viveu com notáveis intervenções humanistas, culturais, pedagógicas e cívicas. Bem se destacando de igual modo o papel que teve na luta antifascista e pela Democracia, rumo a uma sociedade sem exploradores nem explorados e a um mundo sem imperialismos e de Paz.

Passadas décadas de quase silêncio imposto pelo regime derrubado com a revolução de 25 de Abril, tem-lhe desde então sido feita finalmente pública justiça e as homenagens de várias índoles têm-se sucedido.

Por outro lado, o estudo do seu pensamento e da sua acção - cuja densidade, para além da carreira académica, uma vida breve apenas lhe permitiu evidenciar em cerca de escassos vinte anos - tem vindo igualmente a penetrar cada vez mais, como se impunha, nos meios científicos e universitários. Com as perspectivas de distanciamento e rigor que os caracterizam ou devem caracterizar, embora também com uma ou outra falta de objectividade.

Entretanto, o seu grande exemplo de cidadão nos mais diversos domínios não dispensa ainda uma certa dose de afectividade e, mais que isso, a exigência de maior popularização desse exemplo - de quanto disse, escreveu e fez.

Até porque muitas das respostas a vários problemas da actualidade continuam a passar por aí.

Num rápido artigo para o *Avante!* e entre os muitos outros aspectos que poderiam seleccionar-se aqui, ocorre naturalmente começar por distinguir a militância política, e em especial a de comunista, que ele tão abnegadamente soube assumir.

A par de uma postura ideológica marxista bem visível em inúmeros dos seus escritos, a sua ligação orgânica ao nosso Partido está inequivocamente demonstrada. Tal se patenteia pela expressa prova documental existente quanto aos anos de 1931-32 e, implícita mas óbvia, de 1936, bem como quanto a anos posteriores e até à morte pelos testemunhos pessoais directos e publicitados de destacados dirigentes do PCP, alguns ainda vivos e que com ele mantiveram o respectivo contacto partidário. Naturalmente, com períodos mais ou menos intensos e contínuos, ou de que não ficou registo, como era próprio da clandestinidade.

Tudo isto está explanado em vários estudos vindos a lume, inclusive de forma mais sistemática e desenvolvida num livro que publiquei há menos de um ano, não podendo já ser posto seriamente em dúvida.

E acrescente-se agora a recentíssima revelação de um outro documento de 2/2/1947, da autoria de um possível funcionário do Partido Comunista Jugoslavo e que, em termos alternativos mas abrangentes, aponta também nesse sentido, de início não explicitado mas com referência logo ao ano de 1946 - cf. Jorge Santos Carvalho, «A Legação Jugoslava e a oposição antifascista portuguesa (1945-48)», na revista *Vértice*, n.º 98 (II), Nov-Dez./2000, pp. 68 e 73n.

Por seu turno, uma outra revelação igualmente documentada neste mesmo artigo (pp. 64 e 72n) - segundo a qual o físico Manuel Valadares era o elemento de ligação do PCP com aquela missão diplomática em Portugal antes de vir a fixar-se em Paris - bem clarifica e reforça o significado, como actividade no quadro do Partido, de um outro facto: o envio de duas colecções do *Avante!*, feito por Caraça, alguns meses depois, para aquela cidade e para aquele cientista como ficou explicado a p. 66n do meu já referido livro.

Há todavia aspectos concretos de actuação que não foi ainda possível aprofundar ou trazer a público e que mereceriam decerto o afincamento dos investigadores. Estão inventariadas, por exemplo, diversas organizações democráticas nos primórdios do salazarismo e outras posteriores, inclusive de apoio aos prisioneiros nos campos de concentração nazis e a foragidos das perseguições nazi-fascistas, nas quais Caraça participou ou colaborou.

Tive oportunidade de, entre vários outros assuntos mais extensivamente tratados, fazer uma abordagem sucinta a tal respeito.



Caraça gir e lutar sempre

• Alberto Vilaça

Mas quanto a muitos pormenores pouco se sabe, salvo no que em parte concerne à Liga Contra a Guerra e o Fascismo, à Frente Popular Portuguesa e sobretudo ao MUNAF e ao MUD.

Será possível averiguar algo mais a propósito das aliás efémeras ligas do tempo da Ditadura Militar? Ou mesmo das outras, já em pleno Fascismo?

Poucos meses decorridos, o tempo vai demonstrando parecer que sim.

É o caso do mencionado artigo de *Vértice*, em que a pp. 64-65 e 73n se desvendam relações de Caraça e outros antifascistas com a Legação da Jugoslávia em Lisboa no imediato pós-guerra, frequentada aquela também por representantes de algumas das aludidas organizações internacionais antinazis, e ainda correspondência a ele e a Manuel Mendes enviada por Armando Cortesão, ao tempo exilado em Londres depois de uma fase inicial em Madrid (diga-se até que devido a fuga de Coimbra em 1933, por decisivo envolvimento no jornal republicano clandestino *A Verdade*).

Encontrar-se-ão os originais ou rascunhos integrais dessas cartas nos espólios dos destinatários ou do remetente?

Também só há meses é que vim a tomar conhecimento - e para tanto posso apoiar-me em cartas recebidas de Henrique Chicó e Levy Baptista - de que depois do 25 de Abril, e no decurso de contactos entre a URAP e congressos da Federação Internacional dos Resistentes, um dos antigos prisioneiros alemães dos campos de concentração enviou em sua representação uma mensagem de agradecimento aos antifascistas portugueses que os haviam auxiliado, designadamente com remessas de encomendas. Foi seu portador Levy Baptista, que a fez entregar a Maria Alice Chicó. E, pelo mesmo motivo, Honnecker, ao tempo presidente da RDA, condecorou-os anos depois na pessoa dela, que para o efeito se deslocou àquele país.

Como é sabido, Maria Alice Chicó desenvolveu actividades daquele tipo em proximidade e colaboração com Caraça.

Conviria decerto aprofundar estas questões. E é de perguntar: será ainda possível descobrir - mormente nos arquivos da antiga RDA e porventura nalguma instituição bancária suíça, como também consta, mas mais duvidosamente, ter por esse meio havido auxílios financeiros aos ditos prisioneiros - quaisquer facetas concretas dessas diligências, quem sabe se até alusões a Caraça como sucedeu no caso da Legação Jugoslava?

E quanto não poderá continuar a indagar-se no que toca à identificação de textos da sua autoria, crescendo-os ao longo levantamento bibliográfico activo e passivo que também apresentei, mas sempre de desejável actualização?

Uma simples hipótese, à espera de prova pública: tenho motivos para admitir que, como vários outros documentos das apontadas organizações antifascistas, a proclamação inicial do MUNAF era do seu próprio punho. Bom seria que um ou outro camarada que possa estar em condições de o revelar - de resto já com depoimentos prestados a seu respeito - não deixasse de escrever elucidando detalhes como estes.

Noutras direcções, aliás, se podem encontrar novas fontes esclarecedoras da sua personalidade e da sua obra.

Em especial o seu próprio espólio, ao

que parece finalmente consultável seja lá com que critérios for.

Assim é que felizmente está anunciada para breve a publicação de um livro acerca de Caraça e a serra da Estrela, de que ele foi um habitual e apaixonado frequentador, tendo deixado inéditos vários apontamentos manuscritos referentes a este e a outros temas, e que o autor dessa obra pôde utilizar.

Tal como também será publicada em Seia uma brochura com as intervenções na Conferência sobre Caraça e a Matemática, ali efectuada em Junho de 2000. E é de esperar a muito próxima publicação de uma biografia e uma bibliografia com textos, anunciadas pela CGTP há uns três anos.

Já agora, e sobretudo a título de curiosidade, aqui fica ainda a modestíssima notícia de um desconhecido e pequeno inédito seu, a que também só há meses tive acesso e cujo original se encontra na Casa-Museu Abel Salazar.

Trata-se de um cartão manuscrito, ao que parece dirigido a este último e em que escreveu apenas o seguinte:

Meu prezado Amigo.

Apresento-lhe o Dr. Luiz Oliveira autor de um livro de versos para o qual há tempos pedi a sua colaboração artística.

Um abraço amigo do

Bento Jesus Caraça.

Sem data, é todavia fácil fixá-la em 1945 ou 1946 - no pressuposto de ser aquele o destinatário, como o inculcam o respectivo teor e o facto de figurar no seu espólio - porquanto no timbre existente no verso consta como morada a Rua Almeida e Sousa e é sabido que o seu subscritor só para aí terá ido residir em Dezembro de 1944, certo sendo também que o bem conhecido histologista e artista faleceu em 29/12/1946.

Tanto quanto alcancei verificar, nessa época havia vários indivíduos com aquele nome (e outros apelidos intercalares), que aparecem então ou mais tarde escrevendo publicamente. Um pelo menos era poeta, de verdadeiro nome Luís Chaves de Oliveira, mas vindo a publicar e a ser co-director da revista de poesia *Távola*

Redonda com o pseudónimo de «Luiz de Macedo». Era ou fora estudante de Ciências Económicas e Financeiras, em que se licenciou, assim talvez aluno e próximo de Caraça.

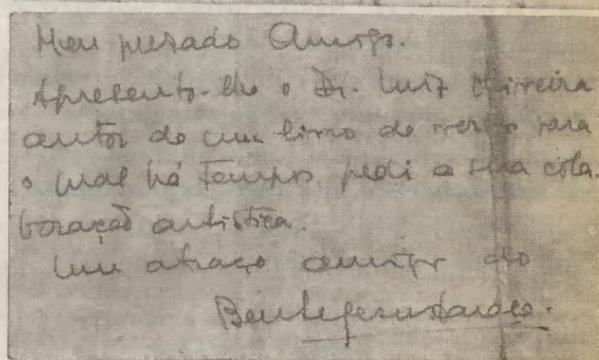
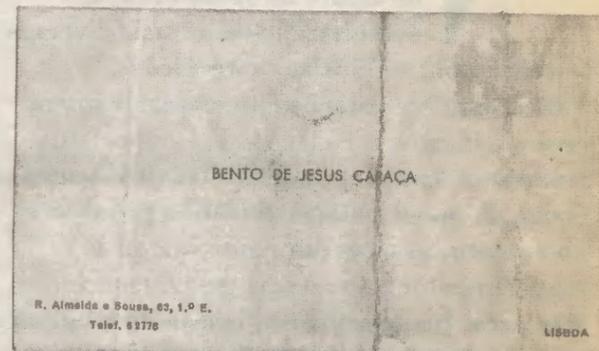
Apesar de este o tratar já por «Dr.» e dever ter então apenas 20 ou 21 anos, seria ele quem buscava a referida «colaboração artística»? Não detectada aparência concreta desta, terá Abel Salazar, que em breve viria a falecer, chegado a ter ocasião para ela?

Porventura, constituirá isto uma mera bizantinice literário-artística. Mas valendo como pequeníssima amostra do muito que suponho ser ainda viável perscrutar no legado intelectual e cívico de Bento de Jesus Caraça.

Neste caso, a ajuda a um jovem poeta - aquele, quiçá outro? -, à semelhança de situações idênticas e também documentadas.

Importantes serão, sem dúvida, as novas iniciativas de homenagem e estudo que a partir de agora fará propiciar este mês centenário do seu nascimento e que, por curta diferença de dias, o é também do 80.º aniversário do seu Partido.

Bem hajam pois todos os seus promotores - de diferentes coordenadas institucionais, sociais, culturais e mesmo políticas. Que sejam desde já do meu conhecimento e a efectivar ou a publicitar entretanto, importa registar pelo menos: a CGTP-IN, associada a várias entidades universitárias, culturais e/ou autárquicas de Lisboa, Vila Viçosa, Redondo, Setúbal e Porto, com um vasto programa de realizações; os CTT, emitindo finalmente um selo com a effigie de Caraça, a par dos de outras figuras notáveis, embora em folhas conjuntas especialmente destinadas a coleccionadores e portanto com divulgação mais restrita que a desejável; o CEIS 20 (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra), mobilizando mais apoios científicos, tendo várias actividades programadas como uma conferência-debate a ter lugar antes do verão e projectando fazer ainda este ano a publicação de um primeiro volume em edição crítica das suas obras completas; o próprio *Avante!*, organizando o caderno a que o presente escrito se destina; os autores dos



outros quatro livros atrás anunciados; os dinamizadores de outras acções autárquicas e editoriais, em parte já aludidas, em Seia, São Romão e Canas de Senhorim; os de idênticas iniciativas locais, como no Alandroal, na Baixa da Banheira e na Moita, senão outras; e talvez ainda um pequeno acto toponímico em Coimbra, previsto e devido há mais de uma dúzia de anos.

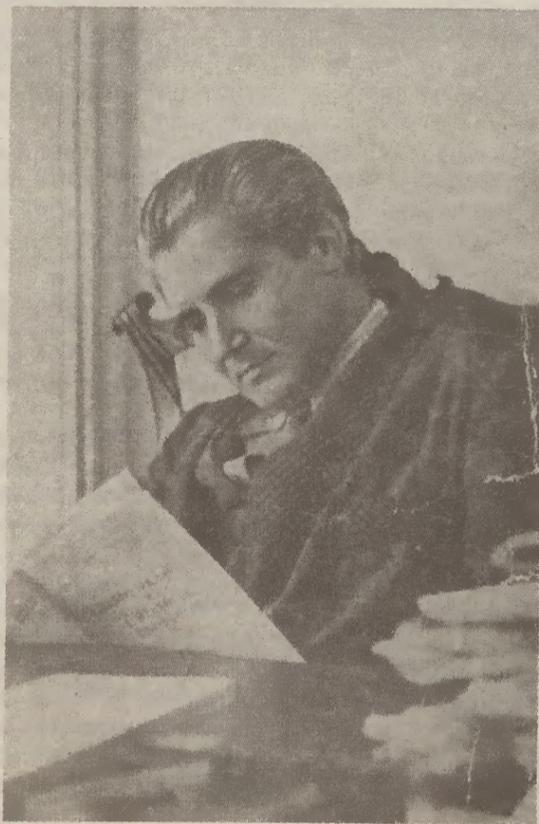
Bem se poderá concluir por conseguinte que Bento de Jesus Caraça continua a ser uma permanente e estimulante fonte de estudo e acção.

No fundo, uma fonte de luta pelo avanço da Democracia por cujos múltiplos valores ele próprio lutou. Uma democracia com regras formais sempre defendidas e reforçadas, não só e necessariamente representativa e participativa mas também e cada vez mais *substantiva*. No sentido de que estabeleça e assegure realmente os diversificados direitos correspondentes a tais valores.

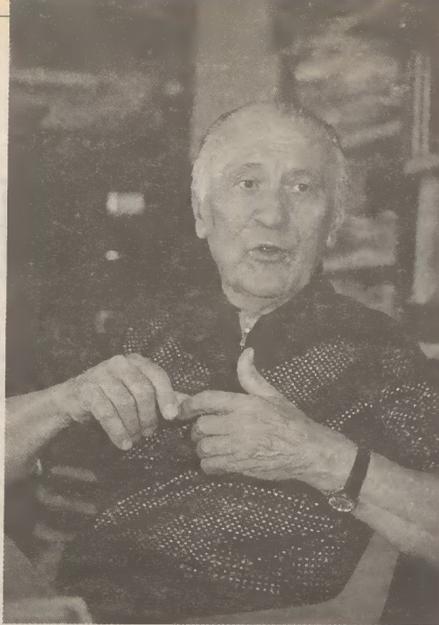
Assim saibamos todos envolver as novas gerações nesse estudo, nessa acção, nessa luta!

Coimbra, 1/4/2001

Cartão existente na Casa-Museu Abel Salazar e referido no texto



Face simile da capa da edição integral de «Conceitos Fundamentais da Matemática», publicada em 1951



Bento de Jesus Caraça era uma pessoa admirável

O testemunho de Dias Lourenço

• Lígia Calapez
Texto

No centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, entrecruzam-se os mais diversos testemunhos, memórias, apreciações. Vêm à tona recordações preciosas de quem com ele chegou a conviver. É importante lembrar, também desta forma vivida, uma época da nossa história ainda tão próxima e, no entanto, as mais das vezes votada ao esquecimento. Não apenas pela memória. Mas para, recuperando-a, lançar novas pontes para o futuro. De alguma forma, desenterrar as memórias do que foi Bento Caraça para, aprendendo com elas e no quadro da realidade actual, avançar no espírito deste grande humanista. Aqui damos nota do testemunho de Dias Lourenço, que conheceu, aprendeu e privou com Bento Caraça. Testemunho único, entre muitos outros.

Que tipo de personalidade era Bento de Jesus Caraça?

Estamos hoje a comemorar o centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça. É o centenário de uma grande figura nacional — da ciência, da cultura, da política. Um dos percursores mais destacados do movimento de resistência que nasceu como resposta à ditadura fascista. Como intelectual avançado, progressista, comunista, teve uma acção muito importante, num tempo em que a ditadura fascista se instalou no nosso país. Por tudo isso é uma figura que justamente merece a homenagem, não só do mundo culto português, mas também de todos aqueles que estão interessados no avanço da liberdade, da democracia, do progresso social no nosso país.

Há, entretanto, uma dimensão da sua personalidade que me parece particularmente importante destacar. Bento de Jesus Caraça foi um grande pedagogo. Deu uma contribuição extraordinária à pedagogia virada para a cultura popular. Procurou sempre que a sua cultura científica fosse como que um degrau para aqueles que não tinham acesso ao ensino superior, e até ao ensino médio, ou mesmo a qualquer forma de ensino. E assim deu uma contribuição ímpar para elevação cultural dos operários, dos trabalhadores, no seu esforço de autodidactas.

Sendo filho de camponeses, camponeses alentejanos, da zona do latifúndio, da zona do Redondo, onde se situava a parte mais concentrada do latifúndio, sempre teve orgulho de afirmar as suas origens de camponês, as suas origens de classe.

Em 31/32, já então como professor universitário, Bento de Jesus Caraça começa a desenvolver uma actividade múltipla, ligada também ao movimento operário de então.

Que actividade desenvolve, nessa altura, em ligação com o movimento operário?

Já como professor, é convidado por Bento Gonçalves para dar aulas em cursos de aperfeiçoamento. Eram cursos organizados pelo movimento sindical, antes da fascistização dos sindicatos, numa altura em que a ditadura fascista já tinha triunfado e, ao movimento sindical, se colocavam tarefas de sobrevivência.

O fascismo iria depois pôr fim, com a Constituição de 33, aos sindicatos independentes. Em 1 de Janeiro de 34, os velhos sindicatos acabaram. Só podiam continuar como sindicatos nacionais, riscando do seu estatuto a luta de classes.

É nesta fase difícil que os sindicatos apostam no desenvolvimento de uma certa acção cultural. Era uma forma de encon-

trar terrenos de encontro, de debate, de desenvolvimento cultural. Neste início dos anos 30, um dos grandes sindicatos da classe operária portuguesa era o dos arsenalistas da Marinha, em Lisboa, em frente da Câmara. Este sindicato teve um papel muito importante na tomada de consciência do movimento operário. Bento Gonçalves, como torneiro do Arsenal da Marinha, participava activamente no trabalho desenvolvido por este sindicato. É em ligação com este trabalho que Bento Gonçalves entra em contacto com o professor Bento de Jesus Caraça e o convida a dar lições para os cursos de aperfeiçoamento.

Em que consistiam esses cursos de aperfeiçoamento?

A experiência que tenho é no sindicato de Vila Franca. O nosso curso de aperfeiçoamento o que era? Ensinavam-se disciplinas como matemática, francês, gramática, português. Eu até era professor de esperanto...

O objectivo era também criar uma base de atracção, sobretudo para os trabalhadores jovens, mulheres e homens. Elevar a consciência política dos trabalhadores dessa época. Por exemplo, quando se dava filosofia, falava-se em Marx, em Lênine, nas grandes figuras do movimento operário, nas teorias revolucionárias da época, na história revolucionária do mundo. Tentava-se criar uma base de cultura, política também, filosófica, com os trabalhadores que participavam nesses cursos de aperfeiçoamento. Estava-se no início dos anos 30 e importa não esquecer que é nessa altura que se inicia a feroz repressão fascista.

É para um leccionar num destes cursos de aperfeiçoamento, do sindicato dos arsenalistas da Marinha, que Bento Gonçalves convida Bento de Jesus Caraça. E é então, e através de Bento Gonçalves, que se cria a base de relação política de Bento de Jesus Caraça com o PCP.

Eu viria a conhecê-lo mais tarde. Por feliz iniciativa do meu pai, presidente do Sindicato de Vila Franca, e que sempre teve a preocupação de interessar os filhos pela cultura e pela política, vim para Lisboa, frequentar o curso industrial. Comecei então a tomar contacto com a juventude comunista. E é esse contacto que leva depois a matricular-me na Universidade Popular, então muito conhecida entre os jovens operários da região de Lisboa.

Bento de Jesus Caraça era um dos professores da Universidade, com outras destacadas figuras da cultura portuguesa. Mais tarde ascendeu à direcção da Universidade Popular.

E as lições como eram? Eram na base de uma intervenção do mestre, para abrir ao debate. Havia lá professores como Agostinho da Silva, Diogo de Macedo, Barbosa de Magalhães.

Em 42/43, a Universidade Popular foi encerrada pelo fascismo. Mas entretanto muito trabalho tinha sido feito.

Ele foi meu professor de matemática. Sabe-se como os jovens estudantes em geral têm horror à matemática. Então como hoje. Mas o professor Bento de Jesus Caraça sabia ensinar os alunos a terem amor à matemática, a compreenderem a sua importância como instrumento para uma rápida compreensão e intervenção nos problemas da vida. Ensinava a matemática começando pelas coisas mais atraentes para os alunos. Coisas que lhes dissessem algo. Foi um grande pedagogo.

Cursos de aperfeiçoamento. Universidade Popular. No fundo, estamos a falar também de formas de resistência ao fascismo. Algumas das muitas em que Bento Caraça participou. Quer referir outros exemplos?

Há muitos outros exemplos. A participação no jornal «O Diabo». Os passeios no Tejo.

Nós, os jovens do movimento progressista, do movimento comunista da época, apostávamos então em criar uma base de intervenção na vida cultural e política. Foram-se criando núcleos e é nessa base que se organizam os passeios no Tejo, de barco, em que participavam, em média, 30 a 40 pessoas, intelectuais, trabalhadores como eu, e outros. Bento de Jesus Caraça estava presente em todas estas iniciativas.

Estes passeios de barco, que tiveram início por volta de 1933, foram-se organizando até 41. Reuníamos ali numa zona arborizada perto de Azambuja. E aí fazíamos o piquenique — um pretexto para o convívio e o debate. Participavam também esperantistas. E jovens de outras organizações. Havia, por exemplo, os Naturistas — que resolveram avançar com um movimento naturista que o fascismo não se atrevia a fechar.

Chegámos a fazer, em Vila Franca, grandes convívios, com cerca de 300 participantes, em particular jovens intelectuais ou com preocupações culturais.

Este período corresponde a uma fase em que, face às manobras de Salazar, o movimento democrático, principalmente com a actividade mais dinâmica dos comunistas, tenta organizar-se no sentido de arrancar as liberdades mínimas. De aproveitar as mínimas possibilidades legais — da legalidade *colete de forças* do fascismo. O que não era nada fácil, com a repressão. E com a censura.

Já que estamos a falar dos muitos obstáculos que então era preciso ultrapassar, quer falar um pouco dessa grande barreira que era a censura?

Todas as formas de acção e resistência antifascista tinham que passar várias barreiras — a barreira policial e a barreira da censura. Como vencer a intervenção da censura, que era feroz na época? Tínhamos que encontrar as formas de vencer esta barreira. De fazer passar a mensagem.

Bento de Jesus Caraça e toda a nossa intelectualidade mais destacada teve que enfrentar essa outra arma poderosa do fas-

cismo, que era a censura. E que era um obstáculo a que pudesse exercer um papel fundamental no debate de ideias, na cultura. Havia jornais que eram impedidos de sair sem alterarem um ou outro parágrafo. O lápis azul da censura era um inimigo terrível, na difusão das ideias, da cultura, da informação. Havia mesmo comissões distritais de censura, comissões para o teatro, comissões para a imprensa, etc.

Em termos literários, a acção da censura é impressionante. Foram apreendidos três mil e trezentos e cinco livros nacionais e estrangeiros (trezentos e vinte e dois portugueses). Escritores de uma grande projecção tiveram dezenas de livros proibidos e apreendidos. Oito jornais estrangeiros estavam impedidos de entrar em Portugal. Um dos atingidos, de entre as publicações nacionais, foi o jornal «República», que teve um papel muito importante na informação na época.

E como é que se conseguia, de alguma forma, contornar essa situação?

Com a participação em publicações como «O Diabo», por exemplo.

«O Diabo» era um jornal antifascista, criado em 34. Tive directores como Quintanilha, Ferreira de Castro. Foi entretanto o seu administrador, o Horácio Cunha, que alargou o âmbito de acção desta publicação. Era um homem que queria abrir portas. E abriu as portas aos jovens. E os jovens entraram. Entre eles Álvaro Cunha.

Bento de Jesus Caraça foi um dos grandes colaboradores de «O Diabo». Convivia com isto tudo. E estes jovens de «O Diabo» eram o diabo em figura e gente... Nós procurávamos penetrar em todos os terrenos em que era possível intervir, debater os grandes problemas da época. Fui colaborador de «O Diabo», entre grandes nomes da intelectualidade da altura. E costume dizer que sou «um pigmeu entre gigantes».

Não esquecer nunca que esta foi a época do triunfo do nazismo, do triunfo da República em Espanha, do triunfo da Frente Popular em Espanha e França. O começo e o fim da guerra civil espanhola. É um período extremamente agitado da vida mundial. Que se reflectia muito profundamente em Portugal.

Como se compreende, era uma época de acasas polémicas.

Este é o pano de fundo em que Bento de Jesus Caraça virá a assumir uma outra grande realização — a colecção «Cosmos».

Como surgiu a ideia da colecção «Cosmos»?

Nesta época, de grande repressão, os presos políticos iam directamente para Angra do Heroísmo. De Angra iam depois para o Tarrafal uns, outros ficavam lá, outros regressavam. Mas Angra era, em geral, o porto de chegada dos presos políticos que iam deportados.

Ora bem, um dos presos políticos deportados foi o Manuel Rodrigues, que era comunista, e viria a ser o principal detentor do capital inicial da editora «Cosmos». Foi ele mesmo que me contou esta história.

Em Angra, Manuel Rodrigues encontrou-se com o Bento Gonçalves, já então conhecido como secretário-geral do PCP, e colocou-lhe uma questão: «Ó Bento, eu tenho umas *coras* e não sei que lhes hei-de fazer. Está-me a custar perder aquilo de qualquer maneira... Tens alguma ideia da utilidade que possam ter?»

E o Bento Gonçalves respondeu: «Sim. Tu podes avançar com uma editora de livros virados para a cultura popular. Bem feitos, para passar as malhas do fascismo. E podes fazer uma coisa com grande expansão — cultural e revolucionária. E olha — a pessoa indicada para dirigir isso é o professor Bento de Jesus Caraça. Vais ter com ele — dizes que vais da minha parte — e pões-lhe esse problema.»

Bento de Jesus Caraça aceitou a proposta e assumiu a direcção da colecção. Foi este o ponto de partida para a criação da «Cosmos».

Qual era o objectivo da «Cosmos»? Era ser uma editora cultural, com carácter enciclopédico. O que Bento de Jesus Caraça concebeu foi uma enciclopédia virada para a cultura popular. A colecção englobava a cultura nas suas diversas expressões, com a edição de livros de autores estrangeiros e portugueses, livros que focassem de uma forma mais directa os diferentes sectores de conhecimento, da actividade cultural, científica. Todos os 129 volumes publicados pela Cosmos — um milhão de exemplares — se integram nesta perspectiva.

A «Cosmos» foi uma outra grande criação desta personalidade multifacetada que era Bento de Jesus Caraça.

Que outras facetas da sua personalidade gostaria de realçar?

Penso que há uma parte da personalidade de Bento Caraça que não está a ter o necessário relevo. Claro que merece todo o relevo o papel que ele teve na vida cultural e científica. Mas penso que a forma como se tem vindo a falar da sua actividade democrática tem sido um pouco limitada. E essa actividade teve uma expressão muito vasta. O nome de Bento de Jesus Caraça está ligado a toda a actividade antifascista e democrática desenvolvida na época. Nomeadamente quando, com o fim da guerra e a derrota do nazismo, Salazar se viu obrigado a manobrar, a designar o fascismo português «democracia orgânica», e o movimento democrático tenta alinhar-se, aparecer à luz do dia, participar na vida política.

Bento de Jesus Caraça destaca-se desde logo nesta acção do movimento democrático, que então tentava forçar formas de acção mais abertas para poder avançar.

Na análise dos acontecimentos desta época é preciso ter sempre presente que não era possível desenvolver uma actividade política contra o fascismo, sem ter estruturas clandestinas, ilegais. Quer dizer — todos esses movimentos legais que apareceram na época tiveram, na sua criação e dinamização, na sua dinâmica até, a acção dos movimentos que estavam na clandestinidade. Em particular do Partido Comunista Português, da juventude comunista.

Aqui vai um episódio, que me parece de todo o interesse.

mento democrático em Portugal — o Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista — o MUNAF. Este movimento englobou e trouxe ao seu seio os democratas mais combativos, aqueles que se dispunham mais a assumir o risco da acção política na época. Principalmente comunistas.

Este movimento era encabeçado pelo Conselho de Unidade Nacional, dirigido pelo general Norton de Matos, e era constituído por núcleos de antifascistas destacados, combativos.

O Bento de Jesus Caraça pertenceu ao Conselho Nacional de Unidade Anti-Fascista. Um facto que tem sido um pouco apagado.

O Conselho de Unidade Nacional Anti-Fascista vivia secretamente, com rígidas formas de secretismo.

Numa reunião do Conselho Nacional, estavam presentes o Dr. Nuno Simões, que era advogado de Lisboa, e um médico do Porto, o Dr. Veiga Pires. Como democratas, eles eram muito amigos os dois. A certa altura o Nuno Simões, que era assim «meia bola e força», faz considerações desprimorosas para o povo do Porto. E o Veiga Pires interveio muito chocado e diz que ali está a ser insultado «o heróico povo do Porto». Começam a discutir os dois e desafiam-se para a pancada, quando acabasse a reunião.

Entretanto a reunião teve um intervalo para o almoço e eu agarrei o professor Azevedo Gomes e o Bento de Jesus Caraça e disse-lhes: «Meus amigos, não devemos deixar que estes dois homens saiam daqui

É em 1945 que é constituído o MUD e o MUD juvenil. E começam a ser criadas outras organizações — o movimento para a paz, o movimento das mulheres.

Bento de Jesus Caraça foi um dos dirigentes do MUD, um dos seus percursores.

E, nesta qualidade, começa então a ter que dar a cara, pelo que cai sob a alçada da polícia. A primeira grande ofensiva é a de 46, em que um grande núcleo de professores, dos mais destacados do ensino universitário, são presos e, grande parte deles, expulsos do ensino. Como foi o caso de Bento de Jesus Caraça.

Já então ele estava gravemente doente. E a prisão foi um dos factores que mais contribuiu para a sua morte.

Tive contacto com ele praticamente até



E naturalmente cada um só sabia aquilo de que precisava de saber. Por isso mesmo, muitos não sabiam que o Bento de Jesus Caraça, como outros, era membro do PCP, embora não estivesse no Conselho como membro do PCP. Mário Soares, cujo liberalismo relativamente à cronologia e verdade da história é conhecido, veio nestes dias à televisão pôr em causa a qualidade de comunista de Bento de Jesus Caraça. Mas a verdade é que Bento Caraça foi militante do PCP.

Ao Conselho, o Bento de Jesus Caraça deu uma contribuição muito grande, que muitos poucos sabem. Foi ele quem elaborou o projecto de programa para o Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista. Que naturalmente foi depois submetido à discussão no Conselho, em que houve opiniões diversas e o programa saiu com a recolha de todas essas opiniões. Mas Bento de Jesus Caraça teve a confiança de todos para fazer um documento destes.

E das suas características humanas, quer dizer alguma coisa, contar algum episódio que tenhas vivido com ele?

Aqui vai um episódio, que me parece de todo o interesse.

inimigos.» Eles foram falar-lhes e conseguiram. Saíram dali amigos.

Bento de Jesus Caraça tinha essa grande outra particularidade — a capacidade de congregar pessoas de opiniões diferentes, um grande poder de ganhar para uma ideia comum os que tinham ideias diferentes entre eles. Era um homem com uma grande abertura. Um grande prestígio. E uma forma de falar politicamente elevada.

Este caso é significativo também do espírito de Bento de Jesus Caraça.

Bento de Jesus Caraça foi, como é conhecido, alvo da repressão fascista. De perseguições que iriam mesmo acelerar a sua morte. Acompanhaste este processo?

Sim. A certa altura desencadeia-se a repressão fascista contra os intelectuais, contra o professorado, até pelo seu apoio às lutas estudantis. E naturalmente pela sua participação no movimento antifascista.

Esta onda repressiva corresponde também a uma fase em que — com base no trabalho dos movimentos antifascistas ilegais — se tinha conseguido organizar um movimento legal — o MUD.

ao último minuto da sua vida. Fui a sua casa, em Campo de Ourique, no próprio dia da sua morte. Entre e vejo a casa cheia de gente conternada. Ele estava na agonia. Como eu estava então na clandestinidade, tive que me vir embora.

Em síntese, que te parece mais importante dizer do que foi a vida e a personalidade de Bento de Jesus Caraça?

Bento de Jesus Caraça era uma pessoa admirável. Um homem de um grande saber e de um grande modéstia. E, por outro lado, com um grande sentido humanístico. Ele era de um humanismo que ressaltava na sua personalidade. E uma pessoa de diálogo.

Ele foi um dos combatentes mais activos pela paz, pela liberdade, pela democracia, pelo socialismo, pela abolição da exploração do homem pelo homem. Um combatente denodado, decidido.

Penso que, quando hoje, no centenário deste homem, se está a exaltar, e deve ser exaltado, a sua personalidade de cientista, de pedagogo, se deve também necessariamente dar relevo à sua personalidade política, ao que ele foi, em termos políticos, nas épocas duras do fascismo, na luta contra a ditadura fascista. Isso também é importante dizer.

Foto dos «passeios no Tejo» a bordo do barco «Liberdade», de Jerónimo Tarrinca. Destacam-se Alves Redol, Lopes-Graça e Bento de Jesus Caraça (de chapéu)



Comemorações

As comemorações pelo centésimo aniversário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, tiveram ontem, dia 18 de Abril, o seu início, e deverão prolongar-se por todo este ano. Ao programa divulgado pela CGTP-IN, integrando iniciativas conjuntas ou específicas de cada uma das instituições promotoras, juntam-se entretanto muitas outras formas de homenagem.

Aqui damos uma breve síntese das iniciativas em curso ou a realizar neste mês de Abril.

18 de Abril, data do nascimento de Bento de Jesus Caraça:

- Sessão Solene no auditório do ISEG, em Lisboa, com a participação do Presidente da República, de Manuel Carvalho da Silva, secretário-geral da CGTP-IN, António Mendonça, presidente do Conselho Directivo do ISEG, João Caraça, João Soares, presidente da Câmara de Lisboa e de dois conferencistas convidados – José Barata Moura, com uma comunicação sobre o tema «Linhas de rumo do pensamento de Bento de Jesus Caraça», e José Manuel Tengarrinha, com uma comunicação de abordagem histórica.

- Na Moita, exposição «A biblioteca homenageia Bento de Jesus Caraça», patente ao público até 30 de Abril. Palestra de inauguração com António Pedro Pita, professor da Universidade de Coimbra, Frederico Carvalho, presidente do Conselho Científico do Instituto Tecnológico Nuclear, e o vereador do departamento de Acção Sociocultural da Câmara, José Manuel Fernandes.

- A Universidade Popular de Setúbal promoveu um Fórum, numa rádio local, sobre a «Vida e obra de Bento de Jesus Caraça e desafios para o 3.º milénio».

21 de Abril:

- Em Vila Viçosa – terra onde nasceu Bento de Jesus Caraça – pelas 15 horas, no Cine-Teatro Florbela Espanca, sessão pública com apresentação da exposição «Bento de Jesus Caraça – o homem e o tempo», programa cultural com um grupo coral alentejano e um recital de música e uma conferência sobre o homenageado proferida por Borges Coelho. Apresentação pública, pelo presidente da Câmara, de um concurso para a concepção e fornecimento de um monumento a Bento de Jesus Caraça.

- A Universidade Popular de Setúbal realiza uma conferência sobre «Cidadania e cultura integral do indivíduo».

- Moita, pelas 16 horas, no auditório Fernando Lopes-Graça, visionamento do documentário «Bento de Jesus Caraça – matemático e cidadão», da jornalista Diana Andringa, com a presença de Ulpiano Nascimento, director da revista «Seara Nova».

24 de Abril:

- Na Moita, pelas 17h30, apresentação do livro «Bento de Jesus Caraça: militante integral do ser humano» de Alberto Vilaça, projecção de um vídeo realizado por Alexandre Ramires e debate com a participação de João Caraça e os autores do livro e do vídeo.

Ainda em Abril, a EPBJU – Escola Profissional Bento de Jesus Caraça editará o primeiro número do Boletim «O Erro», dedicado a Bento de Jesus Caraça.

Despertar a alma colectiva

O excerto que publicamos a seguir e as respectivas notas foram retirados da obra *A Cultura Integral do Indivíduo*, um dos textos mais famosos de Bento de Jesus Caraça e ao mesmo tempo aquele que melhor caracteriza o pensamento e a obra do intelectual que reflecte sobre a cultura e a sociedade do seu tempo.

Dessas nuvens de fumo, tantas e de tão variados aspectos, quero referir-me hoje a uma apenas – a confusa questão das elites. Confusa e delicada.

Vejamos, em primeiro lugar, qual é, a este respeito, a tese corrente. Com pequenas variantes, pode exprimir-se assim. Em todos os tempos, o progresso da civilização, o florescimento das ciências, das letras e das artes, foi obra de uma elite, mais ou menos reduzida; e deve ser sempre assim – a massa geral da humanidade não é acessível a certas preocupações que só espíritos elevados sentem; a guarda e a propulsão das instituições culturais da sociedade deve ser portanto confiada a um grupo restrito, a uma elite, a qual, só, tem direito a orientar superiormente os destinos do agregado.

Muito bem. Analisemos agora com algum cuidado esta tese para ver o que nela se contém de verdadeiro.

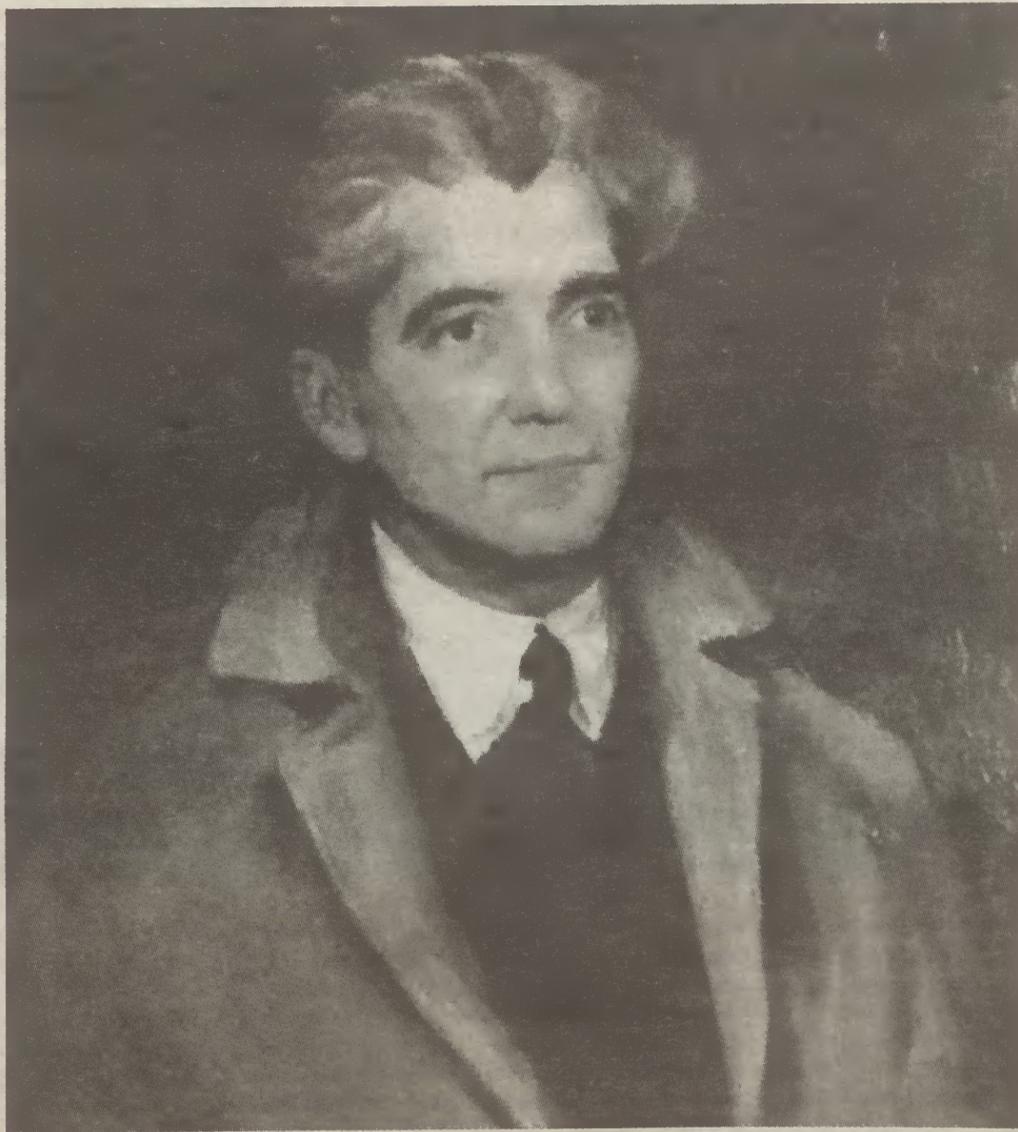
Uma dúvida se forma, logo após o primeiro exame: as elites propulsionadoras, em cada período histórico, do desenvolvimento científico, literário, artístico, foram realmente aquelas que, nesse período, ditaram a forma de constituição da sociedade, a orientaram, regulam o seu funcionamento orgânico? por outras palavras, elite científica e cultural e classe dirigente, são a mesma coisa? ou, melhor ainda, a primeira está compreendida na segunda? Uma consulta à história fornece resposta imediata pela negativa.

É abrir esse grande livro e prestar ouvidos aos queixumes e protestos com que aqueles homens verdadeiramente de elite, aqueles que, alguns séculos mais tarde, dão o tom ao mundo da alma e do pensamento, respondem às perseguições que os seus contemporâneos das classes dirigentes lhes movem.

Incompreensão completa duma forma nova de pensar, temor de que um ataque à rotina abale os alicerces de um poderio egoísta de natureza espiritual ou material, vários são os elementos que se conjugam para fazer desses homens um grupo à margem, que só à força de heroísmo consegue conservar aceso, e transmitir às gerações seguintes, o facho da cultura.

Passam-se ao menos as coisas de maneira diferente no século em que vivemos? Devemos confessar, em homenagem àquilo que temos como a verdade, que, apesar de as condições actuais de vida constituírem, dentro de certos limites, um meio mais propício para a luta de ideias, não deixa porém de ser certo que a actuação das elites, sempre que queira exercer-se contra os interesses da classe dirigente, está sujeita a perigos análogos aos de outros tempos.

Quando é preciso, queimam-se livros, demitem-se professores, fecham-se fronteiras, abrem-se prisões, e se na Indochina um povo pretende conservar a autonomia das suas instituições e defender-se



Retrato de Bento de Jesus Caraça, óleo de Abel Manta

Eis a grande tarefa que está posta, com toda a sua simplicidade crua, à nossa geração – despertar a alma colectiva das massas.

Ou ela a realiza e ascendemos a um estado superior de *unidade*, ou fracassa, e amanhã assistiremos a um novo gesto de renúncia e o individual continuará a sobrepor-se ao colectivo numa adulteração criminosa da moral social.

Precisamos, para não trair a nossa missão, de nos forjarmos personalidades íntegras, de analisarmos o nosso tempo e de actuar como homens dele. Como homens que sabem distinguir o fundamental do acessório, que, na resolução de um problema, não se deixam perder no emaranhado dele, nem cegar pelas nuvens de fumo que os interessados pela sua não solução a todo o momento e infatigavelmente lançam.

contra a civilização do álcool que querem impor-lhe, lá estão os tribunais franceses para distribuir, com mão larga e generosa, em nome dos sagrados princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade, dezenas de condenações à morte (*).

Mas, se a identificação de classe dirigente e elite cultural nunca se deu nem se dá, para quê o pretender estabelecer-se-la?

Razão evidente e única - porque a classe dirigente, não tendo que fazer de momento, nem necessitando, dessas antecipações geniais no domínio da ciência e da cultura (aos seus autores é dada a liberdade de morrer na miséria), precisa no entanto daquilo a que podemos chamar valores científicos e culturais de segundo plano, carece tomar posse do que da ciência vai derivando constantemente para as aplicações, a fim de adquirir uma base mais sólida de existência e domínio.

E como, por outro lado, ela sabe bem que mal vai ao seu poderio quando ele é exclusivamente de natureza material, fabrica, para seu uso próprio, um conceito novo de elite, deformador do verdadeiro, e, armada com esse conceito novo e servida por aqueles que se prestam a dar-lhe corpo, pretende aparecer como suporte único do movimento cultural, relegando ao domínio do subversivo, a que é preciso dar caça, tudo aquilo que contrariar os seus cânones.

E devemos concordar em que tem realizado a primor a essa tarefa. O trabalho de submissão, de lambar de botas, da parte das chamadas camadas intelectuais, tem sido duma perfeição dificilmente excedível. Digamos, para irmos até ao fim, que os mais excelsos nesse mister são frequentemente aqueles que, partidos das camadas ditas inferiores, se guindaram, umas vezes a pulso, outras em acrobacia de palhaço, a posições que deveriam utilizar para defesa dos bens espirituais e que só usam para trair os seus antigos irmãos no sofrimento.

Problema grave, e tanto, que não faltam as vozes que, para o resolver, advogam um abandono da cultura por verem nela, não um meio de elevar, mas sim de diminuir a condição humana. Terão razão os que assim pensam? Conduz a civilização necessariamente a uma escravização do homem?

Para podermos responder a estas perguntas, temos que começar por definir os termos e pôr depois convenientemente o problema.

O que é o homem culto? É aquele que:

1.º - Tem consciência da sua posição no cosmos e, em particular, na sociedade a que pertence;

2.º - Tem consciência da sua personalidade e da dignidade que é inerente à existência como ser humano;

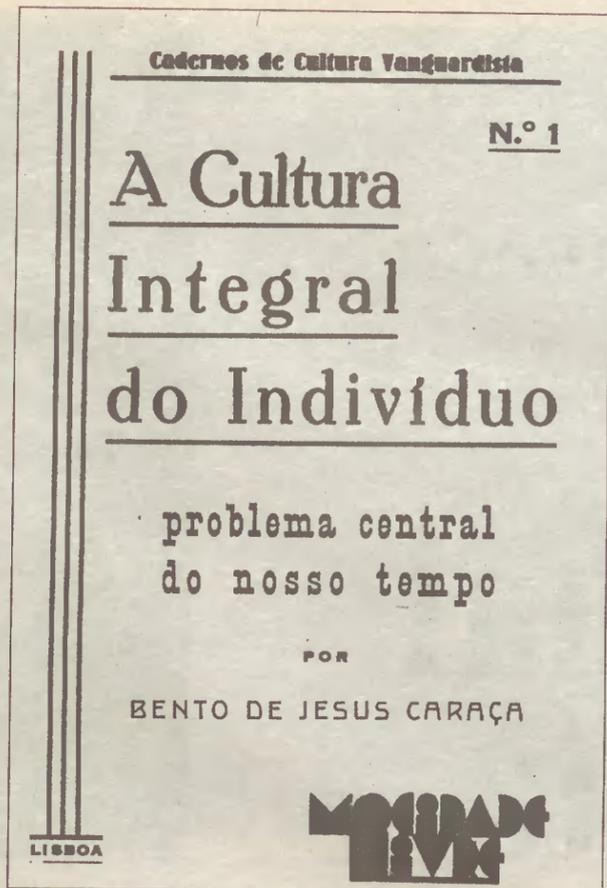
3.º - Faz do aperfeiçoamento do seu ser interior preocupação máxima e fim último da vida.

Ser-se culto não implica ser-se sábio; há sábios que não são homens cultos e homens cultos que não são sábios; mas o que o ser culto implica, é um certo grau de saber, aquele precisamente que fornece uma base mínima para a satisfação das três condições enunciadas.

A aquisição da cultura significa uma elevação constante, servida por um florescimento do que há de melhor no homem e por um desenvolvimento sempre crescente de todas as suas qualidades potenciais, consideradas do quádruplo ponto de vista físico, intelectual, moral e artístico; significa, numa palavra, a conquista da liberdade.

E para atingir esse cume elevado, acessível a todo homem, como homem, e não apenas a uma classe ou grupo, não há sacrifício que não mereça fazer-se, não há canseira que deva evitar-se. A pureza que se respira no alto compensa bem fadiga da ladeira.

Condição indispensável para que o homem possa trilhar a senda da cultura - que ele seja economicamente independente. Consequência - o problema eco-



nómico é, de todos os problemas sociais, aquele que tem de ser resolvido em primeiro lugar. Tudo aquilo que for empreendido sem a resolução prévia, radical e séria, desse problema, não passará, ou duma tentativa ingénua, com vaga tinta filantrópica, destinada a perder-se na impotência, ou de uma mão-cheia de pó, atirada aos olhos dos incautos.

Não deve também confundir-se cultura com civilização.

O grau de civilização de um povo mede-se pela quantidade e qualidade dos meios que a sociedade põe à disposição do indivíduo para lhe tornar a existência fácil; pelo grau de desenvolvimento dos seus meios de produção e distribuição; pelo nível de progresso dos seus meios de produção e distribuição; pelo nível de progresso científico e utilização que dele se faz para as relações da vida económica.

O seu grau de cultura mede-se pelo conceito que ele forma do que seja a vida e da facilidade que ao indivíduo se deve dar para a viver; pelo modo como nele se compreende e proporciona o consumo; pela maneira e fins para que são utilizados os progressos da ciência; pelo modo com entende a organização das relações sociais e pelo lugar que nelas ocupa o homem.

Assim, um povo pode ser civilizado e não ser culto e vice-versa. Não pode, por exemplo, comparar-se o nível desenvolvido de civilização do povo americano actual com o incipiente do povo ateniense do período áureo, como não podem comparar-se os seus respectivos graus de cultura, muito superior o deste ao daquele (**). Entre um Péricles e um Hoover medeia uma distância enorme, aquela mesma que separa o povo que aplicava a lei do ostracismo para evitar que um indivíduo influente pudesse exercer coacção sobre a liberdade dos cidadãos, daquele outro povo em que há anos foi possível que um grupo de homens metesse outro homem, porque era revolucionário, dentro de uma gaiola e o andasse mostrando de terra em terra, a tanto por cabeça.

Definidos os termos, podemos agora resolver o problema posto - o problema do homem, unidade social, perante a cultura.

Se o desenvolvimento da civilização, entendida como acima, só por si, pode conduzir ao automatismo e à consequente escravização do homem, o que nos é mostrado pela civilização capitalista actual, é isso devido, não a um alto mas sim a um baixo grau de cultura que permite que os meios de progresso sejam utilizados num ambiente de completo abandono dos objectivos superiores da vida.

E esse abandono e a adulteração que se lhe segue só podem ser evitados pelo reforçamento intenso da cultura; esta aparece-nos assim como condicionador e correctivo constante da marcha da civilização.

Como se põe então agora a questão das elites? Evidentemente que o cultivo e progresso da ciência, bem como a sua aplicação à vida corrente da sociedade, não-de ser sempre obra de grupos especializados - prospectores e realizadores; chamemos-lhe elites, se assim o quiserem - existem e existirão, como existem e existirão as elites das outras profissões e actividades.

Mas o que não deve nem pode ser monopólio de uma elite, é a cultura; essa tem de reivindicar-se para a colectividade inteira, porque só com ela pode a humanidade tomar consciência de si própria, ditando a todo o momento a tonalidade geral da orientação às elites parciais.

Só deste modo poderá levar-se a bom termo a realização daquela tarefa essencial que atrás vimos ser o problema central posto às gerações de hoje - despertar a alma colectiva das massas.

Houve quem dissesse um dia que as gerações dos homens são como as das folhas, passam umas e vêm outras.

Está na nossa mão o desmentir o significado pessimista desta frase.

Só figuram de folhas caídas, para uma geração, aquelas gerações anteriores cujo ideal de vida se concentrou egoisticamente em si e que não cuidaram de construir para o futuro pela resolução, em bases largas, dos problemas que lhes estavam postos, numa elevada compreensão do seu significado humano.

Essa concentração egoísta tem um nome - traição, e se hoje traímos, será esse o nosso destino - ser arreados com o pé, como se arreda um montão de folhas mortas.

E não queiramos que amanhã tenham de praticar para connosco esse gesto, impiedoso mas justiceiro, exactamente o mesmo que hoje nos vemos obrigados a fazer para com aquilo que, do passado é obstáculo no nosso caminho.

(*) Estas palavras foram escritas em 1933. Se o fossem agora é evidente que outros e mais dramáticos exemplos teriam sido escolhidos. Onde está a elite cultural alemã? Einstein? Freud? Onde está a elite que dirigiu o corpo hoje esfecelado da Checoslováquia? E a Espanha? (Nota da 2.ª edição, 1939).

(**) Fala-se evidentemente, do tipo médio da classe superior num ou noutro caso. Se nos reportarmos às classes inferiores, não sei se haverá grande diferença entre a condição de um negro das plantações de algodão e a de um escravo grego, fosse ele escravo de um Aristóteles...

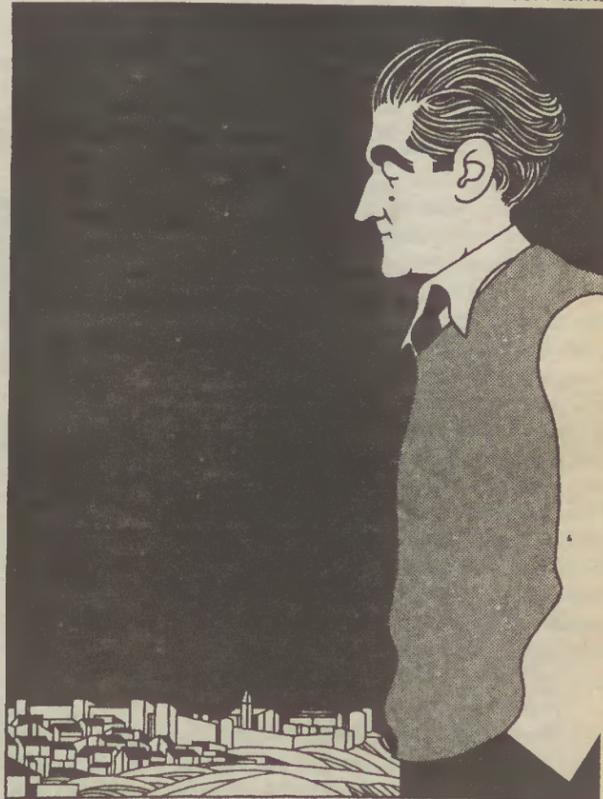
Mário Sacramento:

Bento de Jesus Caraça representa, na nossa memória, uma época em que foi possível a uma elite saída do povo manter-se fiel às suas origens. Recordo-o apenas do MUD, onde a sua capacidade de ouvir, conjugar, decidir, soube manter o sentido de objectividade conjuntural, indispensável ao planeamento de uma política cientificamente elaborada e conduzida. A cabeleira grisalha e ondulante, a presença serena e desenfatizada, a palavra prudente e curta de quem não acredita em retóricas miríficas foram uma presença e uma lição que a poucos aproveitaram, afinal. Revê-las é remontar a um precursor do que não seremos tão cedo, marcusiados que muitos andam ou parecem...

Dói ver tanto esforço perdido, sem que um balanço encaminhador saia, sequer, das cinzas do passado! Há mortos que rangem, nas trevas, sacrifícios esquecidos. Viver a verdade própria é, em qualquer caso, um alto destino, só na aparência gorado. E disso ninguém poderá despojar Bento Caraça. Consciencializou alienação como quem desaterra um burgo sepultado. Apontou o caminho da cultura integral, que falsas revoluções por vezes negam. Face aos alunos, na cátedra, aos políticos, no MUD, ao povo, na UP, entrelaçou as malhas do devir. Queixemo-nos da lâ que lhe demos, não do artífice que foi. Modesto, apagou-se por detrás do que semeou, bom alentejano que era. E, se grãos houve que apodreceram, algures sobreviverá um - quem sabe? - que espigará quando menos se espere!

(Introdução ao número especial da «Vértice» dedicado a Bento Jesus Caraça. Novembro de 1978)

Gravura de João Abel Manta



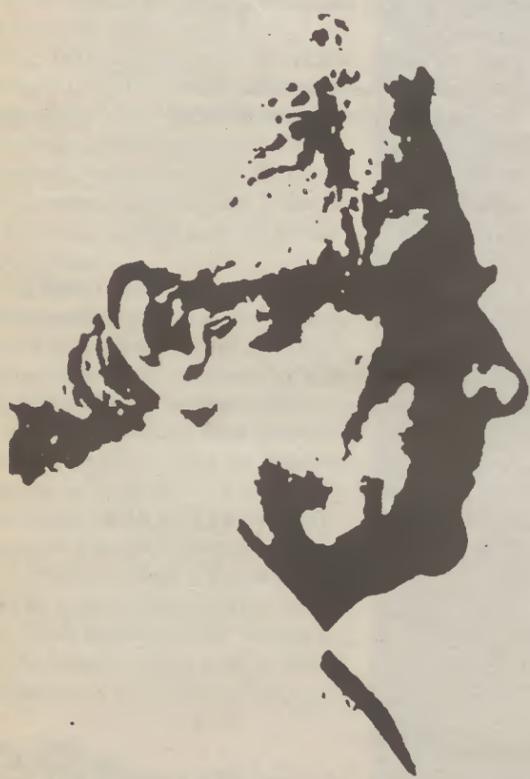
Bento de Jesus Caraça



Bento Caraça insigne intelectual comunista



Publicamos hoje alguns excertos de uma entrevista que o camarada Álvaro Cunhal deu ao *Avante!*, em 22 de Junho de 1995. Passados quase seis anos sobre essa entrevista, e quando se comemora o centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, recordamos as palavras do dirigente comunista que mantêm toda a actualidade.



Conheci-o nos anos 30. Primeiro na Universidade Popular Portuguesa onde assisti a várias das suas conferências e tive ocasião de falar com ele no quadro de um relacionamento com outros conferencistas. Depois ainda nessa época, em encontros fortuitos. Eu era jovem, mas já então era militante do PCP, da direcção da Juventude Comunista e com intensa actividade no movimento associativo dos estudantes. Apenas para melhor se compreender o meu relacionamento com Bento de Jesus Caraça, lembro que em 1935 passei à clandestinidade e fui a Moscovo, e em 1937 fui preso e estive cerca de um ano na prisão. A relação com B. Caraça teve logo à partida presentes dois pressupostos. Eu via nele um intelectual conhecido e de grande valor considerado como comunista embora então não soubesse se era ou não membro do Partido. E ele via em mim um jovem conhecido como militante comunista já então com certa responsabilidade.

(A Universidade Popular), com a influência qualificada de B. Caraça, tratou-se de uma actividade cultural de grande projecção. O grupo de conferencistas incluía pessoas de

valor como Dias Amado, Mário de Castro. Também de meu pai, Avelino Cunhal. Eram pessoas com diferenciadas personalidades individuais mas identificadas no fundamental das suas opções sociopolíticas. B. Caraça, cientista, professor, pedagogo, homem de cultura, pronunciava-se contra a cultura como monopólio de uma elite. Explicitava que um sábio pode não ser um homem culto e um homem culto pode não ser sábio. A cultura deveria ser um valor e um bem do povo. Daí a defesa da democratização da cultura como elemento de liberdade do ser humano e da democracia política.

A cultura exige conhecimento e o povo deve ter acesso à aquisição do conhecimento. É de lembrar a ideia sublinhada por B. Caraça de que, para tal, o problema económico é aquele que tem de ser resolvido em primeiro lugar. A actividade cultural de B. Caraça, como professor, como conferencista, como ensaísta, como orientador de actividades editoriais, é inseparável das suas concepções acerca da sociedade existente, da cultura, da democracia, dos valores político-éticos, do ideal de uma transformação profunda da sociedade de assumido conteúdo humanista.

Ele foi o grande orientador, animador e dinamizador de uma valiosa série de obras editadas pela Cosmos. Tive ocasião de falar numerosas vezes com ele a este respeito. Posso mesmo dar um testemunho directo. Propôs-me que escrevesse um volume sobre "A descoberta da Terra", ou seja o avanço histórico do conhecimento pelo ser humano do nosso planeta. Ainda há dias, arrumando papéis, encontrei muitas centenas, para não dizer milhares, de folhas com notas de leitura, apontamentos, capítulos já redigidos, ilustrações para esse trabalho. Não teve seguimento porque em 1941, pouco depois de libertado após uma segunda prisão, passei de novo à clandestinidade.

Ele dava valor ao valor dos jovens. Tinha a sua própria experiência: professor universitário aos 25 anos, professor catedrático antes dos 30. Criava nos alunos o gosto pelo estudo, pela ciência e pela cultura, estabelecendo ao mesmo tempo com muitos deles um relacionamento amigável, de convívio e de liberdades. Ele era e gostava de afirmar-se um homem simples. Andava a pé na cidade em cabelo quando na sua época praticamente toda a gente usava chapéu. Vestia a sua samarra alentejana. Falava com os mais novos e os mais novos falavam com ele como se tivessem todos a mesma idade. Sentia-se bem com os jovens e os jovens sentiam-se bem convivendo com ele. No estudo, em iniciativas culturais, em conversas sobre os mais variados temas, em passeios, em fins-de-semana

passados na praia. De sublinhar que nesses colectivos estavam sempre presentes, surgindo com uma espontaneidade correspondente ao pensamento e ao sentir da cada qual, os problemas da época.

O sentido ético e humanista do seu pensamento traduzia-se, entre muitas outras coisas, pela valorização da coragem na afirmação da verdade científica (Galileu Galilei) ou das grandes figuras da Índia como Tagore e Gandhi. Tinha particular preferência literária por Romain Rolland e aconselhava a muitos jovens a leitura de «Jean-Christophe». Não menosprezava porém a influência política directa. Numa época em que a censura à imprensa e a proibição da importação de publicações comunistas, ele conseguia receber e facilitava a leitura aos jovens de *Le Monde*, semanário dos conhecidos intelectuais comunistas franceses Henri Barbusse e Romain Rolland, intelectuais aos quais estava também muito directamente ligado como responsável e animador em Portugal do Movimento pela Paz Amsterdam-Pleyel dirigido por esses dois intelectuais franceses.

O relacionamento que acabo de referir com B. Caraça tinha como adquirido que B. Caraça era comunista. Mas nas condições de clandestinidade a organização e os contactos no Partido eram compartimentados e nenhum membro do Partido se afirmava como tal, a não ser na sua ligação orgânica. De mim para mim, tinha por certo que B. Caraça era membro do Partido, mas não o poderia afirmar. O relacionamento partidário directo deu-se em 1943. Em 1941-42, época da reorganização do PCP, eu tinha de novo passado à clandestinidade e sido enviado como funcionário do Partido para o Norte do País. Em Outubro de 1942, tendo sido presos vários dirigentes do Partido, fui chamado de novo para Lisboa, a fim de integrar o Secretariado desfalcado com a prisão de Júlio Fogaça. Ora era precisamente Júlio Fogaça que assegurava na época a ligação partidária com B. Caraça. Fui eu encarregado de restabelecê-la, o que sucedeu em 1943.

No mundo então envolvido na 2.ª Guerra Mundial, 1943 foi um ano marcado em Portugal pelo impetuoso ascenso do movimento operário, a afirmação do PCP como um grande partido nacional e o empreendimento pelo Partido da unidade antifascista na luta pela liberdade e a democracia. B. Caraça deu nessa conjuntura uma contribuição em alguns aspectos determinante para alcançarmos com êxito tal objectivo.

Lembro que o III Congresso do PCP (primeiro realizado na clandestinidade), noti-

ciado no *Avante!* de Novembro de 1943, anunciava a criação do Movimento de Unidade Nacional Antifascista, e o *Avante!* de Janeiro de 1944 noticiava a formação do Conselho Nacional, órgão supremo do MUNAF.

O êxito deveu-se em grande parte à acção de B. Caraça, como militante do Partido, graças à sua influência nos meios intelectuais e entre os antifascistas. Acompanhei muito de perto toda essa acção. (...) O *Avante!* de Janeiro de 1944 confirmando a criação do MUNAF anunciava a formação do Conselho Nacional em que inicialmente entrámos, como representantes do PCP, B. Caraça e eu próprio.

O MUD (Movimento de Unidade Democrática) foi formado e desenvolveu-se como uma realização e expressão do MUNAF, aparecendo à luz do dia como um novo movimento e invocando o direito à legalidade. (...) De lembrar a Comissão Central do MUD (1946), que é de interesse citar, que contou na sua composição com Azevedo Gomes, Bento Caraça, Hélder Ribeiro, Maria Isabel Aboim Inglês, Fernando Mayer Garção, Manuel Mendes, Lobo Vilela, Alberto Dias, Manuel Tito de Morais, Demétrio Duarte, Luciano Serrão de Moura e Mário Soares. O MUD, assim como o MUD Juvenil, formado no seu desenvolvimento, foi perseguido e reprimido. B. Caraça foi demitido de professor, na vaga de demissões que atingiu também outros destacados antifascistas, alguns dos quais comunistas.

Essa atitude (de apagar a ligação de Bento Caraça ao PCP) insere-se na gigantesca operação de falsificação da história a que assistimos actualmente. Escrevem-se volumes, artigos e conferências e pronunciam-se discursos e declarações tentando branquear a ditadura, a sua natureza fascista, a sua natureza de classe, e todos os seus crimes. Falso a história da heróica resistência antifascista, da luta pela liberdade e a democracia. Insulta-se a revolução de Abril, que a reacção acusa de ter sido causadora da situação desastrosa actual a que nos conduziu a política e governos de direita. Falso a história do levantamento militar, do levantamento popular, das realizações e conquistas da revolução democrática. Falso a história das actividades e do processo contrarrevolucionário que conduziu à situação de desastre nacional em que actualmente o país se encontra. E em toda esta operação de falsificação da história, é linha de força o apagamento, o silêncio ou a grosseira deturpação e a calúnia contra o PCP. Aos falsificadores da história não convém que o povo português saiba que eram comunistas homens a quem tanto devem o povo, o País, a cultura, a conquista da liberdade e a democracia.

Temporários aumentam em França

Os empregos temporários cresceram 60 por cento em França entre 1999 e 2000, segundo os dados de um estudo do Instituto Nacional de Estatística, INSEE. O aumento deste tipo de trabalho precário foi decisivo para a diminuição da taxa de desemprego, sobretudo entre os jovens e os mais idosos. Esta medida, a par de um conjunto de outras propostas de flexibilização do mercado de trabalho, foi incentivada pelo governo francês, para reduzir o número de desempregados e proporcionar às empresas um instrumento mais ajustável e maleável aos seus interesses imediatos. Apesar disso, a França é actualmente um dos países da zona euro que possui uma taxa de desemprego mais elevada, 8,2 por cento em Fevereiro último.

Produção em baixa na Itália

A produção industrial em Itália caiu pelo segundo mês consecutivo em Fevereiro e os analistas esperam um agravamento desta tendência na terceira maior economia da zona euro. De acordo com os dados revelados pelo instituto italiano de estatística, a variação mensal do índice de produção industrial foi de -0,3 por cento, depois de em Janeiro ter caído 1,9 por cento. Ainda assim, em relação ao mesmo período de 2000, a produção industrial teve um crescimento homólogo em Fevereiro de três por cento. Face a estes resultados, o governo italiano cortou a sua previsão de crescimento económico para 2001 de 2,9 para 2,5 por cento, admitindo que o arrefecimento dos EUA e do Japão terão um reflexo negativo sobre a economia italiana.

UE adota plano para a Etiópia

A Comissão Europeia adoptou, na terça-feira, um plano de intervenção estimado em 6,7 milhões de euros, (cerca de 1,3 milhões de contos) para serem utilizados em projectos de ajuda humanitária durante o presente ano na Etiópia. O principal objectivo é prestar assistência às populações vítimas da seca que assolou o país entre 1998 e 2000 e do conflito fronteiriço com a Eritreia, que provocou cerca de 270 mil refugiados e deslocados que habitavam o norte do país. Para além do fornecimento de alimentos, a União Europeia quer ainda apoiar o repatriamento das populações refugiadas da Somália, que se encontram no país desde o início dos anos 90.



Os Estados Unidos têm o maior consumo de combustíveis fósseis por habitante produzindo 25 por cento das emissões mundiais de CO₂.

Protocolo de Quioto Municípios europeus apoiam boicote aos EUA

A Energie-Cités, associação que reúne uma centena de municípios europeus, está disposta a apoiar campanhas de boicote aos produtos norte-americanos, caso a administração Bush continue a recusar o Protocolo de Quioto.

A declaração do seminário anual desta associação, realizado nos dias 5 e 6 de Abril, em Londres, sublinha que as cidades presentes sentiram-se «ultrajadas pelas recentes declarações do presidente G.W. Bush recusando ratificar os acordos de Quioto», e consideram os EUA como um actor essencial da luta contra a mudança climática, devendo assim estar solidário com os demais do planeta.

Neste sentido, os cerca de 200 participantes do seminário interpretam a posição norte-americana como «um sinal extremamente

negativo para todos aqueles que – tanto a nível local como a nível nacional – estão envolvidos em programas de acção não só pelo bem-estar dos seus habitantes como também por um desenvolvimento durável e solidário do conjunto dos países do globo».

Cerca de uma centena de cidades europeias condenaram as declarações de Bush

Exigindo que o presidente dos Bush retome o caminho da ratificação dos acordos de Quioto, as cidades presentes recordaram que os EUA são a maior potência económica mundial e o maior consumidor de energia fóssil por habitante, responsável por 25 por cento do

total das emissões de gás com efeito estufa.

Na ausência de acções positivas por parte da administração norte-americana, as cidades membros da Energie-Cités avisam que irão apoiar «os cidadãos que participarem em campanhas de boicote a produtos americanos».

Em contrapartida, o seminário exprimiu «solidariedade às cidades americanas que seguem políticas locais para uma energia durável e recusam o isolamento dos EUA na comunidade internacional», convidando-as aderirem à Energie-Cités.

UE deve liderar tecnologias limpas

O seminário subordinado ao tema «A energia das agendas 21 locais», renovou os seus compromissos em defesa de programas locais de redução

das emissões com vista a atingir objectivos qualificados.

A Comunidade Europeia e aos estados-membros, a associação exigiu «um envolvimento mais firme no caminho da redução das emissões através de uma estratégia europeia que dê prioridade à limitação da procura de energia e à promoção de energias renováveis, integrando as autoridades locais neste processo».

A declaração exprime ainda o desejo de que a Europa possa propor «um modelo de todos os países do mundo e pondo em acção as medidas apropriadas para se tornar líder – no plano mundial – em tecnologias limpas e eficientes de utilização de energia e recursos naturais».

Entre os municípios que integram a Energie-Cités, figuram as cidades portuguesas de Almada, Funchal, Lisboa, Sintra e Vila Nova de Gaia.

Argentina adopta euro

O presidente argentino Fernando de la Rúa assinou, na segunda-feira, o projecto-de-lei que adopta o euro, em paridade com o dólar norte-americano, como moeda de referência para o valor do peso argentino. Segundo o diploma, que deverá ser ainda aprovado pelo parlamento, a cotação do peso terá como referência, em partes iguais, a moeda única europeia e a nota verde. Tanto o presidente Fernando de la Rúa como o ministro da economia, Domingo Cavallo, asseguraram que esta alteração no esquema de convertibilidade do peso, vigente desde 1991, não implica uma desvalorização da moeda argentina.

Rússia e FMI chegam a acordo

O governo russo e o Fundo Monetário Internacional (FMI) chegaram a acordo sobre a economia e as políticas fiscais na Rússia para 2001.

O anúncio foi feito, no final da passada semana, pelo próprio primeiro-ministro russo, Mikhail Kasyanov, que espera agora ter «luz verde» do Fundo para obter novos empréstimos. Depois de meses de negociações, o acordo de princípios ditará as orientações da política económica russa para os próximos anos, a qual, deverá seguir a tradicional receita do FMI: mais impostos e menos despesa pública. Deste modo, a Rússia, que é já um dos maiores devedores do FMI, com cerca de 12 mil milhões de dólares, será obrigada a apertar ainda mais o cinto.

Turcos descontentes com a crise

Centenas de milhares de pessoas manifestaram-se, no sábado, nas 55 províncias da Turquia exigindo a demissão em bloco do governo. Os protestos decorreram no dia em que o executivo de Ancara apresentou um novo plano de recuperação económica, revendo em alta as suas previsões de inflação e em baixa as expectativas de crescimento em 2001. Nas últimas semanas, a população turca tem expressado a sua revolta contra o aumento do desemprego e da inflação. Desde que o governo autorizou a livre flutuação da libra turca, em 19 de Fevereiro, os consumidores já perderam mais de 50 por cento do seu poder de compra, com a inflação a disparar para níveis recordes. O primeiro-ministro, Bulent Ecevit, apelou ao sacrifício das pessoas para fazer face às dificuldades económicas. Entretanto, a Plataforma Laboral, o principal sindicato da Turquia, já afirmou que o plano do governo não é inovador, não se diferenciando dos anteriores, que foram incapazes de melhorar as condições económicas do país.

Euro chega às escolas

O Ministério da Educação lançou uma campanha destinada a preparar professores e alunos para a entrada em circulação do euro, em 2002, cujos materiais foram ontem apresentados pelo ministro numa iniciativa realizada na Escola de Comércio, em Lisboa.

A campanha denominada «A União faz o Euro» inclui a reedição actualizada da brochura «O Euro, uma moeda para muitos países», destinada ao ensino básico e guiões de exploração deste livro, para os 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

Da autoria de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, a brochura reúne informações

sobre a história do comércio, do dinheiro e da construção europeia. Os guiões contêm um conjunto de propostas de actividades que, segundo o Ministério de Augusto Santos Silva, tornarão-mais fácil a aprendizagem do que é a União Europeia e o euro.

No âmbito desta campanha foram igualmente editados cartazes destinados a divulgar o lema da União Europeia, adoptado em 2000 pelo Parlamento Europeu: «Europa, Unidade na Diversidade». Ainda durante este ano lectivo chegará às mãos dos professores um livro que enquadra o tema do euro nos objectivos e conteúdos dos programas de História, Geo-



grafia e Introdução à Economia dos 10.º e 12.º anos, à semelhança do que já foi feito para Português e Línguas Estrangeiras.

Em parceria com a Comissão Nacional do Euro e a Caixa Geral de Depósitos, o Ministério da Educação lançou em 1998/99 uma campanha dirigida a professores, alunos e pessoal não docente de todo o sistema educativo português com o objectivo de prepará-los para a utilização da moeda única europeia.

Recorde-se que as notas e moedas em euros serão postas em circulação já no próximo mês de Janeiro e irão substituir no prazo de três meses as notas e moedas nacionais.

Londres paralisa no dia 1 de Maio

Manifestantes vindos de várias partes do mundo estão a planear paralisar Londres, no dia 1 de Maio, para reclamar contra os mais diversos aspectos desde a mundialização até aos atentados ambientais, segundo informou esta semana o jornal inglês Times. Espera-se que cerca de 200 bancos, estabelecimentos públicos, lojas e sedes de grupos de comunicação social sejam visados pelos grupos em protesto que vão chegar de várias partes do mundo, da América ao resto da Europa. A polícia londrina está a organizar-se para fazer frente às manifestações. Cerca de 5 mil polícias dos condados vizinhos já foram convocados para reforçar a segurança na cidade.

Comandantes peruanos demitem-se

Os três comandantes das forças armadas peruanas e o director-geral da polícia apresentaram esta semana a demissão ao presidente provisório Valentin Paniagua por terem assinado um documento a apoiar o golpe de Estado de 5 de Abril de 1992, considerado o acto fundador do regime do presidente destituído Alberto Fujimori. Em declaração solene, o chefe do comando conjunto das forças armadas, o general de aviação Pablo Carbone, afirmou que, juntamente com os comandantes da Marinha, do Exército e o director da polícia, punha «à disposição do chefe supremo das forças armadas» o cargo. Esta declaração surge depois da divulgação pela televisão de uma cassette vídeo onde se podem ver mais de 400 coronéis e generais a assinarem um documento aprovador do golpe de Estado de 1992, denominado de «autogolpe».

Fidel reafirma carácter socialista

O presidente cubano, Fidel Castro, reafirmou segunda-feira o carácter socialista da Revolução Cubana, ao discursar no mesmo local em que há 40 anos, a 16 de Abril de 1961, o proclamou pela primeira vez. «Hoje não viemos comemorar o quadragésimo aniversário da proclamação do carácter socialista da revolução. Hoje viemos ratificá-lo», disse Fidel Castro perante dezenas de milhares de pessoas que assistiam ao discurso proferido numa tribuna colocada no centro de Havana. «Sem socialismo, Cuba não teria resistido à hostilidade de nove presidentes dos Estados Unidos que, com excepção a Carter, devo dizê-lo com toda a honestidade, foram hostis ou sumamente agressivos, contra a nossa pátria», concluiu.

Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo posta em causa por movimentos rebeldes

Tensão no Congo volta a subir

Rebeldes congolese impediram domingo a aterragem, em Kisangani, de um avião com 120 «capacetes azuis». O Conselho de Segurança da ONU foi chamado a intervir.

No domingo, quando já se preparava para aterrar em Kisangani, um avião da ONU com 120 «capacetes azuis» marroquinos a bordo recebeu instruções da torre de controlo para viajar para Bangui, capital da República Centro-Africana. Membros da Missão das Nações Unidas no Congo, citados pela Lusa, confirmaram que outro incidente teve lugar no mesmo dia, quando o próprio comandante das forças da paz da ONU na RDC, general senegalês Mountaga Diallo, teve que regressar inesperadamente a Kinshasa depois dos rebeldes terem proibido a aterragem do seu avião em Kisangani.

O incidente, considerado «um grave precedente», levou o governo da República Democrática do Congo (RDC) a pedir uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU para que a organização internacional não «perca a sua credibilidade».

Segundo uma resolução do Conselho, Kisangani - cidade estratégica do leste da RDCongo e a terceira cidade mais importante do país, onde existe um grande aeroporto e minas de diamantes - devia ser desmilitarizada, de forma a evitar a repetição de sangrentos confrontos como os ocorridos em Maio do ano passado entre tropas do Uganda e do Ruanda.

De acordo com a Lusa, a União para a Democracia Congoleza (RDC, apoiada pelo Ruanda) acusa as forças aliadas ao governo de Kinshasa

(Angola, Namíbia e Zimbabué) de violarem repetidamente o recente acordo de cessar-fogo ao efectuar ataques a localidades sob controlo rebelde. O dirigente da RCD, Adolphe Onusumba, pediu sábado à ONU, «por uma questão de princípio», para condenar os alegados ataques a civis antes de enviar os «capacetes azuis» para Kisangani. A não ser acatado o seu pedido, avisaram os rebeldes, a chegada dos «capacetes azuis» seria considerada «uma declaração de guerra».

As Nações Unidas têm previsto enviar nos próximos meses para a RDCongo um contingente militar de cerca de 3000 «capacetes azuis», cuja missão é fiscalizar os movimentos dos seis exércitos e os dois maiores grupos rebeldes em



As riquezas naturais da RDC estão a ser saqueadas em grande escala

guerra no Congo. O conflito, iniciado há cerca de dois anos e meio, já provocou a morte de mais de 1,7 milhões de pessoas e obrigou mais de dois milhões a fugirem dos confrontos.

Pesadelo

Este novo incidente contraria o optimismo expresso recentemente pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan.

Após um encontro com o presidente da RDC, Joseph Kabila, em final de Março, quando este discursou na comissão de direitos humanos da ONU, Annan declarou-se entusiasmado com os sinais da implementação do acordo de paz. «Estou entusiasmado com os sinais de que as partes estão determinadas a implementar o acordo de Lusaka. Os sinais são positivos, mas precisamos

fazer progressos políticos e militares», afirmou Annan.

«Além dos esforços internacionais promovidos pela ONU, Kabila quer tentar uma negociação bilateral com o Uganda, Ruanda e Burundi. Espero que os outros líderes aceitem», acrescentou.

Na sua intervenção na ONU, Kabila definiu a situação que se vive no país como «um pesadelo», e assacou responsabilidades aos soldados de Ruanda, Uganda e Burundi.

«Há muitos actos de selvajaria e barbárie, como assassinatos de civis e de prisioneiros, expulsão de povos, ataques físicos, estupros, disseminação deliberada da Sida, roubo dos recursos naturais e destruição do meio ambiente», afirmou Kabila.

«Esta guerra de agressões tornou-se um pesadelo para o povo congolês. Esta situação de desrespeito aos direitos humanos só pode acabar com a total e definitiva retirada das tropas agressoras», acrescentou o presidente congolês.

A avaliar pelo desenrolar dos acontecimentos, o pesadelo está ainda longe de chegar ao fim.

Um país a saque

Os recursos naturais da República Democrática do Congo estão a ser saqueados «em grande escala» pelas tropas do Ruanda, Uganda e Burundi, revela um relatório elaborado por especialistas a pedido do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O documento, que descreve a invasão como um «negócio muito lucrativo», menciona a participação de militares e civis, recomenda sanções contra os países e indivíduos envolvidos, e medidas preventivas e de reparação para as vítimas.

«A exploração ilegal dos recursos minerais e florestais da RDCongo está a ocorrer a um ritmo alarmante», refere o relatório, sublinhando que o Burundi, o Ruanda e o Uganda se tornaram exportadores de minerais que não produzem, nomeadamente ouro, diamantes, cobalto e estanho.

Safiathou Ba-N'Daw, presidente da comissão que elaborou o estudo, afirmou esta semana em conferência de imprensa que os peritos «ficaram surpreendidos pelo que descobriram, pela escala do saque e a velocidade a que está a ocorrer». O relatório descreve cartéis do crime organizado internacional e complexas redes de tráfico para a canalização dos recursos extraídos e como os cidadãos congolese são privados dos benefícios dessas riquezas.

«O único perdedor é o povo congolês», acrescentou Ba-N'Daw.

O Conselho de Segurança analisará amanhã as conclusões dos especialistas, esperando-se que aprove sanções contra os rebeldes da República Democrática do Congo (RDCongo) e os Estados estrangeiros que os apoiam, para impedir o roubo de recursos naturais do país.

Ecologistas defendem Protocolo de Quioto

A Austrália não vai ratificar o Protocolo de Quioto, que prevê a redução da emissão de gases para combater o efeito de estufa. A decisão, anunciada domingo pelo ministro do Ambiente australiano, Robert Hill, foi fortemente criticada pelos cerca de 800 delegados representantes de partidos ecologistas de mais de 70 países presentes na conferência «Global Greens 2001», realizada de 13 a 17 de Abril em Camberra.

«O mundo tem apenas uma simples escolha: entre Bush e os nossos netos. (O primeiro-ministro australiano, John) Howard escolheu o presidente Bush», disse o senador australiano Bob Brown, eleito pelos Verdes locais.

Segundo a Lusa, Brown sublinhou que a Austrália deveria ratificar o Protocolo, lado a lado com a Europa, Nova Zelândia e Japão, mesmo com a recusa dos

Estados Unidos, e acusou Camberra e Washington de estarem a dividir a Europa e Tóquio para «matar o acordo».

Robert Hill, justificou a decisão do governo de Camberra afirmando que o protocolo de 1997 está «morto» desde o momento em que os EUA optaram por não o ratificar. «Não acredito que o protocolo de Quioto possa manter-se sem os Estados Unidos», afirmou Hill à estação de televisão norte-americana Seven Network.

Para entrar em vigor, o tratado necessita a ratificação de 55 países, os quais terão também de representar 55 por cento da emissão de gases para a atmosfera. Sendo os EUA, só por si, responsáveis pela emissão de 25 por cento dos gases, e a Austrália o maior emissor de gases «per capita», o afastamento destes dois países representa um duro golpe nas tentativas para

combater o aumento da poluição a nível mundial.

Boicote aos EUA

Apesar das dificuldades, o secretário-geral dos Verdes alemães, Rheinhard Butikofer, diz confiar na possibilidade de o Protocolo de Quioto poder vir a ser uma realidade. «Os países europeus, e em particular o meu, a Alemanha, estão a fazer grandes esforços para formar uma coligação que irá para a frente com uma política de protecção ao ambiente, mesmo depois de os Estados Unidos tentarem anulá-la», afirmou.

Na opinião de Butikofer, «o mundo deveria enviar uma mensagem forte aos norte-americanos, indicando claramente que não vai aceitar a sua arrogância».

Os participantes na conferência aprovaram entretanto uma carta de princípios onde se defende o «boicote a

empresas norte-americanas como a Exxon enquanto o governo do presidente George W. Bush se recusar a ratificar o Protocolo de Quioto». Os detalhes de como seria implementado esse boicote ainda não foram discutidos e podem variar de um país para outro.

De acordo com a CNN, o documento estabelece ainda princípios para ecologia, jus-

tiça social, democracia participativa, acção não violenta, desenvolvimento sustentável, e respeito pela diversidade.

A carta define acções políticas para os verdes, particularmente nas áreas da promoção da democracia, da biodiversidade, dos direitos humanos, da resistência à globalização promovida pelas corporações e da mudança climática.

SOS Brasil

O Rio de Janeiro perde anualmente 3,9 por cento dos espaços verdes, hoje reduzidos a apenas 15,3 por cento da área urbana, revela um relatório da ONU. A manter-se este ritmo, dentro de 30 anos a cidade ficará sem qualquer espaço verde.

Igualmente preocupante é o estado da água da Baía da Guabanara, que banha a costa da cidade. O relatório refere que 6000 empresas estão instaladas em torno da baía e meia centena contribui para 80 por cento da contaminação da água. A refinaria Duque de Caxias, uma das mais importantes da cidade, verte cerca de 3 toneladas diárias de petróleo e é responsável por 30 por cento da contaminação.

Despedimentos na ordem do dia

Recessão nos EUA

Os trabalhadores são as primeiras vítimas da desaceleração da economia norte-americana, desde Dezembro foram despedidos 540 519 trabalhadores.

O índice electrónico Nasdaq, que abriga as principais acções de tecnologia norte-americanas, terminou novamente em baixa esta semana, marcando pela negativa a economia nos Estados Unidos e no resto do mundo.

Para fazer face à debilidade do ciclo conjuntural, as empresas, cada vez menos competitivas, avançam com planos de «reestruturação», que reduzem os custos através do despedimento de milhares de trabalhadores.

A electrónica foi o sector mais afectado pela redução de mão-de-obra no mercado norte-

americano, ao registrar, em Março, uma supressão de 24 684 postos de trabalho.

A empresa General Electric lidera o ranking dos despedimentos, tendo já posto na rua cerca de 75 mil trabalhadores.

A seguir à electrónica, os sectores mais afectados foram as telecomunicações e os computadores, que só no mês anterior registaram o despedimento de 22 456 e 19 034 postos de trabalho, respectivamente.

No mês de Março foi atingido um novo pico no número de despedimentos por parte das empresas dos EUA, totalizando 162 876 postos de trabalho, naquele que é o maior corte mensal de trabalhadores desde 1993 e o quarto mês consecutivo em que é ultrapassada a fasquia dos 100 mil trabalhadores dispensados.

Desde Dezembro do ano passado, altura em que foi iniciada a vaga de despedimentos, foram já eliminados 540 519 postos de trabalho, um valor que traduz o aumento cerca de 200 por cento face ao

idêntico período de 2000 e quase o dobro do total registado durante todo o ano de 1990.

Siemens despede dois mil trabalhadores...

O grupo alemão de equipamentos para telecomunicações Siemens, o quarto maior fabricante de telemóveis do mundo, anunciou na passada semana que irá despedir cerca de 2000 trabalhadores e encerrar duas das suas linhas de montagens de terminais sem fios.

A empresa pretende transferir as linhas de montagem das fábricas de Bocholt e Leipzig na Alemanha, para concentrar a sua produção nas unidades de Kamp-Lintfort (Alemanha) e Shanghai, na China.

A Siemens, assim como os seus concorrentes, previu uma diminuição nas vendas neste ano, em função do «arrefecimento» da economia mundial.

... Ericsson seis mil...

A sueca Ericsson, fabricante de telefones móveis, vai reduzir mais 6 mil postos de trabalho esta semana como medida de contenção de custos face ao abrandamento do mercado, segundo informou a edição online do jornal Financial Times.

Com 15 mil despedimentos este ano, a Ericsson passará a contar com 90 mil trabalhadores, menos 15 por cento da sua força de trabalho.

Os cortes da força laboral vão afectar as operações da empresa ao nível do «marke-



162 867 trabalhadores foram despedidos nos Estados Unidos no mês de Março

ting», administração, pesquisa, desenvolvimento e tecnologias da informação.

A empresa sueca já tinha anunciado 3300 despedimentos nas suas plataformas de fabrico na Suécia e no Reino Unido.

... Philips sete mil...

A holandesa Philips Electronics vai despedir cerca de 7 mil trabalhadores, com os resultados, excluindo ganhos extraordinários, no primeiro trimestre deste ano a requarem para 10,63 milhões de contos. A empresa afirmou em Março, que o abrandamento da procura se iria reflectir nos seus resultados operacionais.

... Cisco 8500

A Cisco Systems, líder mundial no fabrico de equipamentos de redes, anunciou que vai despedir 8500 trabalhadores.

De acordo com o presidente da empresa, John Chambers, esta medida deve-se ao abrandamento económico sofrido pelos EUA, mas também ao arrefecimento da procura nos

mercados asiáticos e nos mercados de telecomunicações europeus.

Chambers disse ainda que as receitas da empresa deveriam cair 30 por cento no cor-

rente trimestre para cerca de 4690 milhões de dólares. As anteriores estimativas da empresa apontavam para receitas na ordem dos 6100 milhões de dólares.

Menos 4000 na Yahoo!

O portal electrónico Yahoo! vai despedir cerca de 4000 trabalhadores, cerca de 12 por cento dos seus quadros de pessoal, segundo informou esta semana o site MSNBC.

A explicação para mais uma reestruturação no sector das «dotcom» são os resultados «negativos» do primeiro trimestre de 2001 na empresa. O Yahoo! fechou o trimestre com um ganho mínimo de 2,26 escudos por acção, apresentando um lucro de 1,7 milhões de contos e receitas de 40,7 milhões de contos.

Jeff Mallet, presidente da Yahoo!, acredita «firmemente que uma tal disciplina é necessária para a saúde financeira da companhia».

Entretanto, a estratégia de diversificação da Yahoo! passa pela aposta num dos negócios mais rentáveis da Internet, a pornografia. Nas últimas semanas, o serviço de vendas online do portal alargou a oferta dos vídeos e DVDs pornográficos para adultos, apesar dos responsáveis da empresa defenderem em declaração ao jornal Los Angeles Times, que «os artigos para os adultos estão disponíveis na Yahoo! há mais de dois anos sob rigorosas medidas de controlo».

Segundo a empresa, «o portal não vende directamente produtos eróticos, mas recebe uma percentagem por cada unidade transaccionada pelos seus parceiros».

Pentágono apresenta nova arma nuclear

O Pentágono vai apresentar em Julho ao Congresso norte-americano um relatório sobre a sua nova arma nuclear, que não explode ao tocar no solo.

Segundo um alto responsável da Defesa citado pelo jornal *The Washington Post*, os novos mísseis nucleares, que penetram no solo e explodem em contacto com objectivos enterrados, como bunkers ou depósitos de armamentos, poderão ser utilizados contra o Iraque, acusado pelos EUA de terem escondido no subsolo o seu arsenal químico e biológico.

Alegadamente, esta arma, relativamente pequena, evitará os «danos colaterais» das bombas convencionais.

«Hussein sabe que nenhum presidente lançaria uma bomba nuclear de 100 quilotoneladas sobre Bagdad para eliminar as suas armas de destruição massiva», disse um conselheiro do secretário da Defesa a *The Washington*

Post. Conscientes de que as consequências de uma tal agressão - número de vítimas e radiações - dificilmente poderiam ser apresentadas como «efeitos colaterais», o Pentágono e o Departamento de Energia empenharam-se na criação de uma arma dita «mais ecológica». Dados vindos a público revelam que os novos mísseis podem ser dotados de uma cabeça nuclear de cinco quilotoneladas, ou seja menos de metade da bomba lançada sobre Hiroshima, ficando com capacidade para destruir um bunker mesmo que as suas paredes estejam protegidas por muros de cimento com 10 metros de grossura.

O projecto não é novo. Há sete anos o Congresso rejeitou um plano semelhante, mas no ano passado voltou a interessar-se pelo assunto. Há quem pense que na mira está, entre outros objectivos, um centro de controlo nuclear que a Rússia

aparentemente constrói no interior da montanha Yamental, nos Urais.

Os supostos benefícios da nova arma não convencem a Federação de Cientistas Americanos, que segundo o diário espanhol *El País* advogam um controlo mais apertado do armamento, opondo-se ao projecto «porque qualquer arma nova no inventário nuclear mundial faz com que seja mais provável ter de chegar a usá-la».

O cientista Robert Nelson põe mesmo em causa o carácter «ecológico» da arma, afirmando que só se evitará a fuga de radioactividade se a explosão se produzir a mais de 200 metros de profundidade. Na opinião do cientista, não será possível usar tal bomba «sem causar uma contaminação radioactiva massiva».

Para ser desenvolvido, o projecto da nova arma tem de ser aprovado pelo Congresso e pelo presidente dos EUA.

Tribunal ordena a prisão de Estrada

O Tribunal Anti-Corrupção de Manila ordenou segunda-feira a prisão do ex-presidente filipino Joseph Estrada, acusado de corrupção e perjúrio.

Estrada é acusado de ter desviado cerca de 400 milhões de dólares (90,5 milhões de contos) durante os 30 meses em que exerceu as funções de chefe de Estado.

Oito acusações, nomeadamente por corrupção, desvio de dinheiro público, pilhagem económica e manipulação financeira foram oficialmente apresentadas ao Tribunal Anti-Corrupção.

Entretanto, Joseph Estrada ficou terça-feira livre de mais de metade das acusações que o envolvem em diversos escândalos financeiros e de corrupção. Os delegados do Ministério Público retiraram cinco das oito queixas contra o ex-presidente das Filipinas.

Confrontos em Aceh

Pelo menos seis pessoas morreram e várias centenas de outras foram obrigadas a fugir na sequência do início da operação militar das tropas indonésias destinada a sufocar a rebelião separatista de Aceh, segundo informaram fontes locais.

Os guerrilheiros do Movimento para a Libertação de Aceh (GAM) mataram durante o fim-de-semana um polícia numa emboscada a uma coluna militar, bem como dois soldados em outros tantos ataques no norte e leste da província. Outras três pessoas, civis, entre elas uma criança de 13 anos, morreram também durante o fim-de-semana na sequência de disparos do exército indonésio.

O início dos combates surgiu na sequência do decreto do presidente indonésio, Abdurrahman Wahid, emanado quinta-feira, ordenando à polícia e aos militares para acabarem com os núcleos separatistas das aldeias e distritos da província situado no extremo norte da ilha de Sumatra.

Colombianos raptados em Arauca

Noventa e dois empregados, todos colombianos, da sociedade americana petrolífera «Oxy» foram raptados segunda-feira perto de Arauca, a 500 quilómetros de Bogotá, por um comando guerrilheiro não identificado. Segundo indicou o tenente-coronel Ruben Dario Alzate Mora, porta-voz da 18.^a Brigada do Exército, baseado em Arauca, «os 92 empregados encontravam-se a bordo de 18 veículos quando foram raptados por um grupo de guerrilheiros disfarçados de polícias».

Entretanto, oitenta empregados foram libertados na terça-feira pelos guerrilheiros, ficando ainda 12 indivíduos reféns da guerrilha.

New York Times despede por e-mail

O jornal diário americano *New York Times Co.* anunciou esta semana o despedimento de 69 trabalhadores em resposta à diminuição do investimento por parte do mercado publicitário.

«Numa tentativa de atingir um balanço positivo em 2002 e em resposta a uma redução do investimento publicitário no mercado online, a NYTD despedirá 17 por cento dos seus empregados, o que corresponde a 69 pessoas. Estes despedimentos poderão poupar à empresa cerca de 1,3 milhões de contos», segundo um comunicado da empresa.

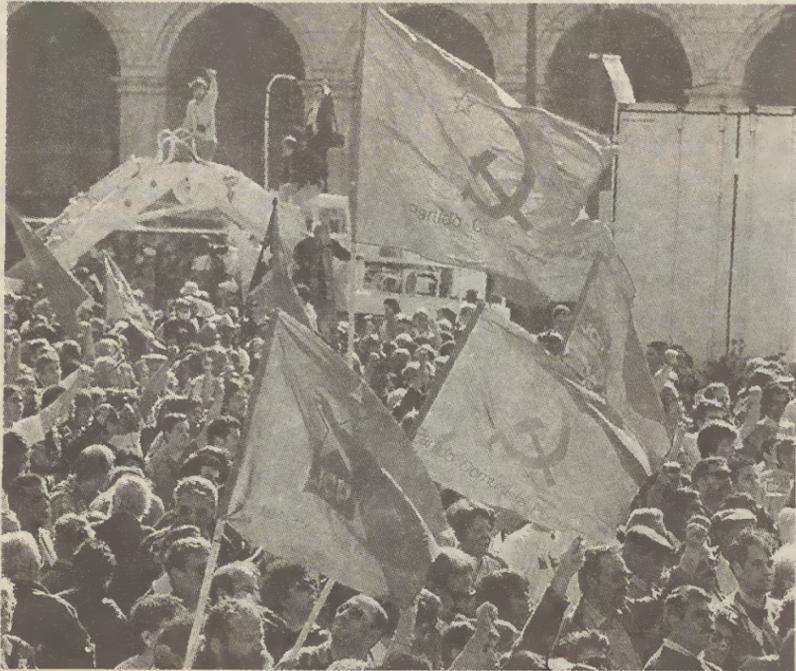
Os despedimentos dos trabalhadores vão afectar alguns dos mais importantes sectores da NYTD incluindo o *NYTimes.com*, site do mais importante produto da empresa, o jornal *New York Times*; o *Boston.com*, um site regional ligado ao jornal *Boston Globe*; e o *Abuzz*,

uma rede de sites onde os utilizadores podem colocar perguntas e participar em discussões.

Entretanto o sindicato representante dos trabalhadores do jornal, a *Newspaper Guild*, já protestou contra a forma como foi dada a notícia do despedimento - através de e-mail enviado aos funcionários da empresa.

Também o jornal *Wall Street Journal* vai despedir 202 trabalhadores, ou seja, dois por cento do seu pessoal. A *Dow Jones*, proprietária do jornal, vai igualmente despedir cerca de 300 trabalhadores.

Os despedimentos das empresas on-line tornaram-se já comuns e a falência de inúmeras empresas «.com» tem vindo a diminuir os investimentos publicitários no mercado on-line. As previsões apontam para pelo menos 210 empresas «.com» tenham encerrado em 2000.



O 25 de Abril e nós, comunistas

• Sérgio Ribeiro

Abril é o mês da primavera, que em Março, todos os anos, tem data no calendário para aparecer. Às vezes tão timidamente que é preciso esperar por Abril para se dar conta que ela começou. Este ano foi assim, e só bem dentro de Abril acabou o Inverno e parou a chuva que, este ano, tanta foi que até parece que nos quis fazer um teste para nórdicos, já que na dita «Europa» em que estamos (quase) todos, os interesses capitalistas globalizadores pretendem impor-nos o mercado único, esta moeda única, o pensamento único, esta moeda única, o pensamento único, e talvez queiram decretar, por directiva, o clima único para nos tirarem aquilo que, cá pelo Sul, como canta o Aznavour, torna mais suportável a miséria. Só bem dentro de Abril nos apareceu o sol, este sol que nos traz Abril e Maio ao coração e à luta. À luta que nos outros meses, faça chuva ou sol, não pode parar porque não pára a exploração. À luta que tem de se adaptar às condições, até às meteorológicas. Abril é o mês do 25! Já o é há 27 anos. Para uns, entre os quais me conto, desde ontem. Para outros, como para os que menos anos têm que o 25 de Abril, foi há séculos. E logo vem Maio que é o mês do 1.º. Da nossa luta, da luta dos trabalhadores.

De todos nós

O 25 de Abril é nosso, é dos comunistas. Mas não é só nosso. É de todos os que lutaram contra o fascismo e o colonialismo, dos que lutam pela liberdade e pela democracia. E os comunistas estiveram sempre na primeira linha destas lutas. Pelo que nos preocupam e reagimos às tentativas evidentes e desavergonhadas para nos tirarem (do) 25 de Abril. Talvez nós, alguns de nós, outros que foram nossos ou que por nós passaram, tenhamos cometido o pecado (salvo seja...) da soberba, e em certas alturas e circunstâncias tenhamos falado e tratado o 25 de Abril como se apenas nosso fosse. Mas esse erro, se o erro foi cometido, não justifica de nenhum modo que haja quem queira fazer História (assim: com o H deste tamanho!) sobre o antes, o dia, e o depois, como se não existisse, no antes, no dia, e no depois, o Partido Comunista Português, que teve importância decisiva em tudo o que aconteceu e como aconteceu, sobretudo na luta difícil, dura, sem tréguas, de antes, e na luta pelas conquistas dos trabalhadores e do povo, conquistas a

que o 25 de Abril abriu portas. É quase doloroso ouvir e ler o que credenciadas personalidades dizem e escrevem sobre o 25 de Abril, conseguindo não referir o Partido, apagando das referências os nomes dos que eram comunistas (e que comunistas continuam, porque alguns que tomaram outros caminhos para as suas vidas – ou vidinhas – não são esquecidos), o que dá para entender como a História é escrita, como ela é, também, um produto ideológico, de classe. E são-nos quase dolorosas essas «versões» do 25 de Abril por ser tão grande despudor servido por armas e meios poderosos de que não dispomos e que, se deles dispuséssemos ou quando viermos a deles dispor, assim não os usaríamos nem usaremos.

Assumir

Sempre e em todo o lugar, mas particularmente quando e nos sítios em que a presença dos comunistas e do Partido é menos visível, por razões objectivas que têm a ver com a evolução da estruturação social das populações, e por outras razões que menos objectivas são, há que afirmar a nossa condição de comunistas e assumirmo-nos como gente igual a toda a gente mas diferente... porque é comunista. Sem ostentação mas com a firmeza de quem não tem que esconder o que é porque já fizemos e vencemos a batalha da clandestinidade, sem a sobrançeria de quem se julga melhor que os outros mas com a convicção de quem, tendo beneficiado de vivências e de informação, tem uma concepção do homem e do mundo que lhe dá o direito e a obrigação de lutar por um futuro melhor para todos, em democracia plena, sem exploração classista, por isso sem injustiças e sem desigualdades sociais nascidas nos mecanismos dessa exploração. Com a batalha das autárquicas já aí, se importa guardar as posições conquistadas e ganhar outras, tem de ser em nosso nome, não nos escondendo à espreita de votos (que, aliás, como a experiência tem comprovado, não se ganham assim) e perdendo o fundamental que é a afirmação da nossa identidade e da dos parceiros com quem nos tenhamos coligado para esses objectivos, que é a afirmação da necessidade de uma outra política, de uma outra sociedade. Da sociedade pela qual lutamos, contra esta em que vivemos – capitalista, desumana –, e sendo dentro desta sociedade, porque nela vivemos, que contra ela lutamos.

Comemorar as mudanças que o 25 de Abril trouxe

Lembrar os cravos da Revolução

Como é já tradição, o aniversário do 25 de Abril é comemorado na Avenida da Liberdade, em Lisboa, num desfile entre a Praça Marquês de Pombal e a Praça dos Restauradores, com início às 15h30. A iniciativa promete trazer às ruas da capital festa, animação e alguns protestos.

A Comissão Promotora do desfile lembra, no apelo à participação que dirige à população, que «o 25 de Abril marcou indelevelmente a data-fronteira entre a liberdade e a opressão. Evocá-la continua a ser pretexto para relembrar o grande empolgamento colectivo e a des-

emergiram depois do 25 de Abril não conheceram nem sofreram as humilhações, as violências e o sistemático desrespeito pelos direitos humanos a que este sujeito o povo português no tempo da ditadura. Todos os que ainda vêm desse passado e todos os que de-

Festejar o 25 de Abril é afirmar os valores do progresso e solidariedade

pois se lhe juntaram gozam hoje, por igual, a segurança que a democracia institucionalizada lhes oferece», considera a comissão.

Festejar

O 27.º aniversário da revolução é festejado em inúmeras iniciativas em todo o País. Entre outras, destacamos as comemorações organizadas pela CDU do Faial. No sábado, é inaugurada, pelas 17 horas, uma exposição de fotografia e textos sobre o 25 de Abril, na Sala de Exposições da Casa da Cultura, com a participação de José Decq Mota, coordenador regional da DORAA do PCP.

Na noite de terça-feira, pelas 22 horas, tem lugar no Clube Naval da Horta um concerto de uma banda pop/rock local com temas musicais da época da revolução. No dia seguinte, no mesmo local, realiza-se um

almoço, a que se segue música ao vivo, teatro e poesia.

A Câmara Municipal da Moita, em colaboração com as juntas de freguesia e o movimento associativo do concelho, preparou um programa diversificado, que inclui debates, exposições, espectáculos, desporto e teatro.

Amanhã, tem lugar, às 21 horas, um recital de música e poesia com Manuel Freire e Vasco Pereira da Costa, no auditório da Biblioteca Municipal Bento de Jesus Caraça, na Moita. No sábado, o grupo TeatroEsfera leva a palco a peça «Abril», nas instalações do Grupo Recreativo Familiar do Bairro Gouveia, em Alhos Vedros.

Na quarta-feira, a partir das 10 horas, realiza-se o Desfile da Liberdade entre o Largo do Mercado e a Praça da República. No próximo dia 28, o Parque José Afonso, na Baixa da Banheira, será palco de um espectáculo dos Delfins.

Inicativa bem diversificada é também a da JCP de Serpa, para a qual os participantes são convidados a levar «um saco-cama». «Liberdade de Criação - Juventude na Revolução», assim se denomina, decorre sábado e domingo e inclui um «workshop» de dança, pintura, escultura, teatro, música improvisada com bidons (sábado às 17 horas), intervenções poéticas e debates, animação de rua e muito mais. Domingo de manhã haverá exibição de peças concebidas durante a iniciativa, e, antes de um piquenique que começa às 3 da tarde, uma visita ao centro histórico, museus e castelo de Serpa.

(Outras iniciativas na «Agenda», pág. 29.)



Pessoas de todas as idades juntam-se para festejar (foto de arquivo)

A Colômbia, no gume da história (2)

• Miguel Urbano Rodrigues

As promessas de paz e a guerra permanente

O desenvolvimento do jogo da paz na Colômbia lembra cenas de um espectáculo de teatro de absurdo. Repetidas vezes desde a criação em Janeiro de 1999 da Zona Desmilitarizada (uma área de 42 000 km², quase metade de Portugal) a imprensa internacional anunciou a iminência de um acordo do governo com as FARC-EP que abria as portas da paz naquele país. Os factos não justificam essa esperança.

Transcorridos dois anos, o diálogo (pois nunca houve uma verdadeira negociação) marca passo. O Plano Colômbia, imposto e financiado pelos EUA com 1300 milhões de dólares, está em execução. Sendo no papel uma iniciativa concebida para erradicar a droga e combater o narcotráfico, é na prática um plano de guerra que visa destruir as FARC.

Para o levar adiante, o exército colombiano recebeu armas moderníssimas e a Força Aérea tornou-se a mais poderosa da América Latina, depois de equipada com helicópteros e aviões de que nenhum outro aliado dos EUA dispõe.

Diferente é o comportamento dos interlocutores no processo de paz. A posição das FARC é transparente. Está expressa em textos assinados pelos representantes do seu Estado Maior Central e em documentos que tiveram divulgação internacional.

Não acontece o mesmo com o Estado colombiano. O Governo tem sabotado o andamento do processo. Para salvar a imagem, Pastrana desejava chegar a um entendimento com as FARC e com a guerrilha, menor, do Exército de Libertação Nacional - ELN. Mas tem as mãos atadas. Washington e as Forças Armadas obrigam-no a actuar como simples instrumento de uma engrenagem voltada para a guerra.

No ano passado, foi possível superar os impasses de 98 e chegar-se à aprovação da chamada Agenda Comum para a Mudança Rumo a uma Nova Colômbia. Por si só o nome atribuído à Agenda deixa entrever as dificuldades do diálogo.

Mas a pressão popular e o temor do regresso à estaca zero permitiram que a ala mais moderada do governo aceitasse em princípio as propostas das FARC para uma primeira troca de prisioneiros doentes. Era um passo positivo.

A interrupção do diálogo impediu que a troca se concretizasse.

Este ano, a questão dos prisioneiros foi a primeira a ser discutida quando os dois interlocutores voltaram à mesa das negociações.

As FARC tinham informado que, unilateralmente, libertariam mais umas centenas de prisioneiros, além dos previstos pelo acordo.

Entretanto, dias antes da data estabelecida para a concretização das decisões tomadas, as Forças Armadas tornaram pública a sua oposição. Invocaram argumentos jurídicos. O acordo equivalia ao reconhecimento das FARC como força beligerante, e para o Exército a guerrilha é um bando de gente fora da lei...

Ao travar mais uma vez o andamento do diálogo, o Exército deixou transparecer o seu desejo de intensificar a guerra (os combates, aliás, nunca foram suspensos) porque está persuadido de que pode aniquilar as FARC. Obviamente essa ilusão mirífica é estimulada pelos falcões do Pentágono. Insensíveis às lições da história, os gene-

rais norte-americanos e colombianos acreditam que nas montanhas e selvas da pátria de Nariño vão alcançar a vitória que na Argélia e no Vietname fugiu à França e aos EUA. Aniquilar a mais poderosa guerrilha que a América Latina já conheceu é hoje, para o imperialismo norte-americano, uma prioridade estratégica; para a oligarquia colombiana, uma questão de sobrevivência.

Uma agenda ambiciosa

O povo da Colômbia conhece bem hoje os objectivos básicos pelos quais as FARC se batem desde a sua criação.

Essas metas foram sintetizadas nos 10 Pontos da Plataforma para um Governo de Reconciliação e Reconstrução nacional, divulgada em Abril de 1993.

Nos encontros que manteve com o comandante Manuel Marulanda, antes da oficialização do Diálogo para a Paz, o presidente Andres Pastrana compreendeu que as FARC defendem no fundamental o projecto condensado nesses 10 pontos.

Tão justas são essas reivindicações e expressam tão bem o sentir do povo que o governo não conseguiu evitar que o núcleo delas figurasse nos 55 itens da Agenda Comum aprovada em Machaca, a 6 de Maio de 99, pelos seus representantes e pelos três comandantes que ali falavam pelo Estado Maior Central das FARC.

O bloco de 12 temas principais a serem discutidos inclui questões tão candentes

como a responsabilidade do Estado, a redistribuição das terras improdutivas no âmbito de uma reforma agrária integral, a substituição dos cultivos ilícitos e o desenvolvimento alternativo, a revisão do modelo económico, a democratização do crédito, a participação social na planificação, a reforma da justiça, a reforma dos partidos e dos movimentos políticos, a reforma das forças militares e o combate aos grupos de autodefesa (os paramilitares), a dívida externa, as garantias à oposição.

Por si só essa síntese da Agenda é reveladora das concessões feitas pelo governo. A simples hipótese de uma discussão séria do seu conteúdo alarmou, entretanto, a oligarquia e as Forças Armadas, pois o debate teria implicações revolucionárias.

A primeira reacção da direita (civil e militar) foi uma escalada de violência. Uma vez mais os paramilitares de Carlos Castaño actuaram como instrumento do exército, multiplicando as chacinas de camponeses.

As FARC responsabilizaram o governo. Na sua passividade identificaram uma forma de cumplicidade. Após sucessivas advertências decidiram suspender o diálogo sobre o processo de paz. A própria Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Mary Robinson, afirmou numa declaração oficial que a acção do governo no combate ao paramilitarismo é «muito débil», insuficiente. Os desmentidos oficiais carecem de credibilidade. No princípio deste mês de Abril, a agência France Press informou que três majores, onze capitães e três sargentos,

expulsos do exército após inquiridos disciplinares, se haviam imediatamente integrado nos grupos paramilitares de Castaño. Há muito que estavam clandestinamente ao seu serviço. A notícia suscitou uma onda de indignação; veio confirmar as acusações das FARC sobre as ligações entre o paramilitarismo e as Forças Armadas.

No segundo semestre do ano passado, coincidindo com a visita de Clinton a Cartagena e com o início de execução do Plano Colômbia, que ficou a assinalar o reforço da intervenção indirecta dos EUA, as FARC desencadearam em múltiplas frentes uma grande ofensiva contra unidades militares, infligindo grandes perdas ao Exército e à polícia.

Que ia acontecer?

Ao aproximar-se, no início de 2001, o fim do prazo relativo à existência da Zona Desmilitarizada, Pastrana decidiu, à última hora, prorrogar por decreto a vigência da referida área, na qual o Exército não pode penetrar. O acordo então estabelecido fez regressar as FARC à Mesa Nacional de Negociação.

A paz difícil

Nunca a palavra paz foi tão pronunciada e escrita na Colômbia por aqueles que ostentam as insígnias do poder político. E, no entanto, elas não somente não acreditam



A Colômbia no gume da história

na paz social como se tornam cúmplices das forças oligárquicas que tudo fazem para manter no país um estado de guerra endêmica.

No dia 8 de Março pp, membros do Estado Maior Central das FARC, num encontro com representantes de governos estrangeiros reunidos em Los Pozos, na Zona desmilitarizada, procederam a uma análise da trágica situação do país após 53 anos de violência ininterrupta.

Na Colômbia - salienta-se no documento então distribuído - desde 1948 (o ano do Bogotazo) «foi desencadeada uma violência oficial sistemática para esmagar a partir do poder o adversário político e simultaneamente expulsar os camponeses das suas terras, arrebatando-lhes os títulos de propriedade. Para isso, os governos, conservadores ou liberais, utilizaram a força pública. (...) Massacres, incêndios, terror e expropriações de quintas, destruição, assinalaram desde esse momento trágico a nossa história em nome da defesa das instituições e da civilização cristã».

Ao longo desse meio século o Estado agitou com frequência o ramo de oliveira da Paz para mais facilmente aniquilar os que contra ele se haviam levantado em armas.

No documento citado as FARC recordam os obstáculos que impedem a reconstrução de um país onde o poder real tem sido exercido pelos cartéis do narcotráfico, pelas mafias que controlam os negócios de armas, o petróleo, as negociações das privatizações, a posse da terra e a agressão à biodiversidade. Por si só, o projecto de um canal interoceânico que substitua o do Panamá, hoje muito insuficiente, desperta em Washington um inconfessável apetite de dominação imperial. A região fronteiriça com a Venezuela, no Nordeste, esconde no subsolo um mar de petróleo.

O discurso que pretende justificar o Plano Colômbia, e com ele a intervenção estrangeira, assenta aliás numa mentira grosseira. Até hoje a guerra que Nixon declarou ao narcotráfico somente produziu resultados negativos. Transcorridos 30 anos, o consumo de cocaína e heroína aumentou muito nos EUA. A CIA e a DEA, oficialmente empenhadas no combate ao narcotráfico, mantêm uma suja rede de ligações subterrâneas com as mafias que o controlam.

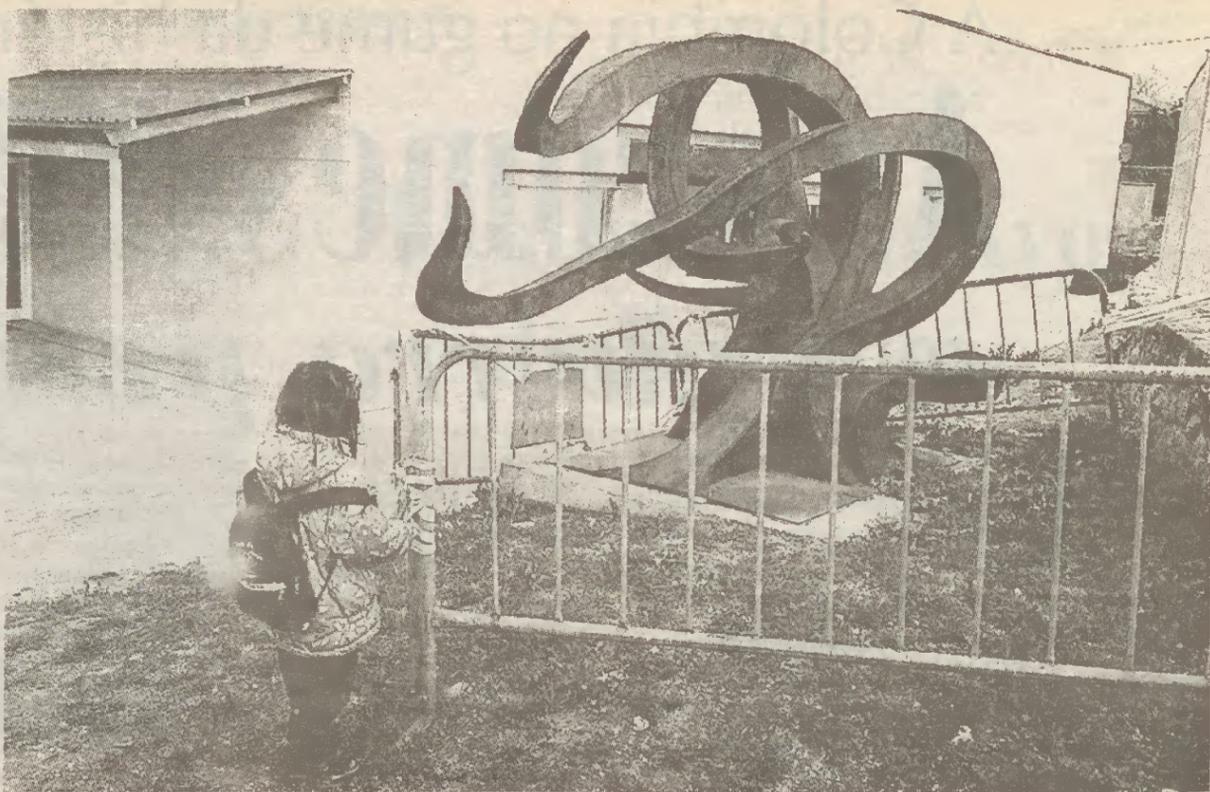
As propostas das FARC para erradicação dos cultivos ilícitos nunca foram debatidas, sequer escutadas. Incluíam, por exemplo, um plano-piloto de substituição de culturas no município de Cartagena de Chairá (produtor de 90% da cocaína do departamento), que custaria apenas 10 milhões de dólares. Esse projecto foi elaborado com a participação e o acordo das populações da região. O governo ignorou-o. Preferiu aplicar o Plano Colômbia, que está envenenando por muitos anos as águas da Amazônia e ameaça a sobrevivência dos habitantes das áreas fumigadas com herbicidas tóxicos.

Sustentam as FARC que o Estado colombiano é um doente incurável na sua forma actual. Um terço do Orçamento nacional é absorvido pelo pagamento do serviço da dívida.

As FARC propõem uma moratória de cinco anos para que essa quantia seja investida na reconstrução do tecido social.

A agricultura, com excepção do sector agro-exportador, foi arrasada pelas políticas impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial. O país importa actualmente oito milhões de toneladas de cereais, isto é, um total equivalente ao que deixou de produzir depois da Política de Abertura económica do governo de César Gaviria.

Os observadores estrangeiros coincidem num ponto: as coisas não podem por muito tempo continuar como estão. A sociedade civil agoniza. Somente nos últimos cinco anos dois milhões de camponeses foram expulsos das suas terras.



A violência é filha da prepotência

• Zillah Branco

Nero decidiu incendiar Roma, Bush quer poluir o mundo inteiro. Não é uma dedução a que se chega assistindo à escalada de crueldades iniciada neste novo mandato (que o povo não quis, mas aceitou) do Governo norte-americano. A imprensa divulgou a frase transmitida pessoalmente ao presidente do Brasil por Bush Filho: «O meu país é o maior poluidor do planeta, mas é melhor para todo o mundo suportar a poluição que uma recessão da economia norte-americana.»

Tal afirmação é feita com o mesmo ar brincalhão com que disse tratar-se de uma operação de rotina o ataque ao Iraque (com destruição e morte) e a espionagem aérea na China (com destruição e morte). O ar irónico acentua a realidade da prepotência e do cinismo que hoje impregna a conduta de toda a elite e recebe aplausos da moderna diplomacia. Dizem que Nero estava louco, mas foram estas loucuras que destruíram o Império Romano porque os subordinados nada fizeram para repor o equilíbrio do comando. Dizem que Bush Filho é divertido, nada mais. Esperemos.

Não é preciso ser especialista em psicologia para saber que o autoritarismo que não admite discordância, a prepotência, o cinismo de quem manipula o sistema económico, social e político como bem entende fazendo uso da Justiça como arma contra os opositores, produz desesperados violentos. Experiências com ratos, gatos, cães, mas também com seres humanos subordinados aos regimes ditatoriais e às práticas repressivas, provam isto. Porquê então a surpresa com as chacinas escolares que se multiplicam nos Estados Unidos, os actos de terrorismo que se espalham como epidemia no mundo oprimido, esmagado por um modelo cultural e económico que destrói o dos povos, a fuga da juventude para as cavernas da droga e das fortes emoções que espoletam a adrenalina?

O problema da marginalidade e do aumento da criminalidade é gravíssimo no Brasil, mas também no Peru, na Colômbia, no México, em toda a América Latina. Será diferente nos Estados Unidos, na África, na Ásia, mesmo na rica Europa? Se ainda há diferenças, algumas ilhas de tranquilidade, deixará de haver em consequência da globalização que, ao contrário do idílico propósito de organizar um comando equilibra-

do para toda a humanidade, aceitou que Nero se tornasse imperador com poderes absolutos de vida e morte traçados num jogo rotineiro.

David contra Golias

Enquanto os bem intencionados analisam o problema da violência, sobretudo entre *meninos de rua*, mostrando que lhes faltam condições essenciais como família, casa, escola, emprego, e que as formas de repressão necessárias à manutenção da ordem pública devem ser humanizadas, a globalização espalha as suas mais diversas formas de poluição física e mental que anulam qualquer esforço em defesa da humanidade.

Nos Estados Unidos surgiu uma associação de empresários - Coalizão Global do Clima - que desenvolve a tese de que a poluição será controlada pelas novas tecnologias, ao contrário do que pretendem os ambientalistas com a protecção da natureza. Com ar doutoral (autoritarismo disfarçado) recomenda aos países em desenvolvimento que «cresçam melhor investindo na tecnologia» (importada dos países desenvolvidos, é claro). Omite o facto de que, dessa forma, além de provocar aumento da dependência económica (que cada vez aprofunda mais o subdesenvolvimento), os países ricos exportam a sucata que retiram de circulação (camiões poluidores, motores sem controlo da emissão de gases, etc.). Fica claro que a frase de Bush não é apenas uma ideia egoísta de um Nero, é a mensagem elaborada por assessores formados pela economia globalizante que defende uma elite mundial contra os interesses da humanidade em geral.

O divórcio entre a ambição do poder e a preocupação humanista com o desenvolvimento dos povos chegou a um ponto crucial de ruptura que nos leva a procurar caminhos que não estejam condicionados pelo sistema responsável pela dicotomia: elite x populações. A propaganda de uma suposta «democracia», oculta o autoritarismo subjacente. É necessário constatar que os princípios humanistas, a partir da ética, da solidariedade, do respeito pelos direitos humanos, do amor incondicional, são considerados pela elite como ridículos traços de romantismo do passado.

Diante do ritmo avassalador do crescimento económico e da corrida desenfreada pelo poder, os valores cultivados são o cinismo, a prepotência, o desprezo pelos

dependentes, a crueldade. Brandir as armas da solidariedade humana e reivindicar migalhas para garantir a sobrevivência não contraria este sistema organizado pelos donos do mundo. Atenuar a violência e distribuir esmolas a quem morre de fome não leva à descoberta das raízes de tais misérias e disfarça as causas reais das injustiças.

No entanto, os benefícios de uma política generosa não podem ser negados. No Brasil multiplicam-se as ONGs, os grupos de solidariedade, os «amigos», que organizam os voluntários condescidos com uma miséria alarmante que afecta a maioria da população. Com o seu esforço têm provado ser possível salvar crianças condenadas ao banditismo, resgatar artistas e bons profissionais que estavam perdidos no meio de uma população marginal sem instrução. Têm o grande mérito de contrariar preconceitos racistas e classistas que separam a elite do resto da humanidade com base no *berço*, como antes era no *sangue* e no *nome de família*. O resultado dessa estratégia é como o dos laboratórios onde se produzem vacinas e medicamentos importantes para a saúde, a aplicação generalizada vai passar pela indústria com todos os inconvenientes da preocupação com o lucro. Sem contrariar o sistema, os voluntários da solidariedade necessitam recursos económicos (que as empresas oferecem mediante uma legislação que lhes perdoa os impostos, *pagos pela população*) e servem-se das escolas onde supostamente é proporcionada a *educação* (ensino + formação de cidadão).

Que consciência resta ao cidadão se o direito à cidadania, à sua participação democrática, é atropelado pela truculência de um Bush qualquer? Um jornalista brasileiro da TV Globo, em entrevista internacional, não escondeu o seu próprio desânimo ao afirmar: «Hoje existe uma contradição insuperável entre o indivíduo, que precisa se defender para sobreviver, e o cidadão, que se preocupa com os demais.» É pensando assim que a elite empresarial defende o seu direito de poluir o planeta para reduzir os custos da sua indústria. E que se dane a humanidade, inclusive os seus próprios filhos e netos.

Será assim enquanto aceitarmos o sistema elitista e nos satisfizemos com as migalhas dos banquetes, culpando as novas gerações que se desinteressam do jogo político e alimentam o entusiasmo com a produção de adrenalina por qualquer meio de exaltação, seja o risco de vida, a exacerbção do sexo, a violência e a crueldade.

Artes Plásticas

• Manuel Augusto Araújo

O Memorial do Convento segundo Santa-Bárbara

Na história do convento de Mafra, dos anos da sua concepção e construção, há um antes e um depois e essa datação, essa precisão, é feita pelo *Memorial do Convento*.

José Saramago coloca esse marco quando observa a condição humana a partir de uma perspectiva histórica que questiona ideologicamente o que a historiografia oficial dava como adquirido, deslocando o centro da acção para um colectivo, tipificado em personagens, Baltasar Sete-Sóis, Blimunda, João Milho, Bartolomeu Gusmão, Julião Mau-Tempo, etc., que emergem de uma multidão anónima que, assim, fica nomeada.

Os episódios, ocorridos de facto na realidade, adquirem uma nova significação por se tornarem relevantes as forças materiais que de facto fazem a história, que mostram os indivíduos agindo à base dos interesses de classe e dos seus dramas pessoais.

Esta insubordinação contra a história oficial, que já existia em *Levantados do Chão* e que irá agregar outros episódios e períodos históricos na subsequente produção literária de Saramago, adquire uma depurada sagacidade em *Memorial do Convento*, plasmada num discurso literário de uma criatividade fulgurante.

Ler e adivinhar as caras dos personagens. Ler e descobrir onde decorriam as acções. Ler e decodificar sentimentos, desejos, caprichos. Ler e penetrar nas labirintos do texto. Ler e ser perseguido anos e anos por imagens que se iam transformando tumultuosamente foi, certamente, o que sucedeu a José Santa-Bárbara no prazer adquirido ao percorrer uma narrativa resplandecente, no conhecimento que ia travando com os novos sujeitos daquela odisséia, no encantamento de conhecer o novo convento de Mafra, na adesão à trama ideológica do texto.

Teria José Santa-Bárbara que emprestar o seu corpo ao *Memorial do Convento* para transmutar o *Memorial do Convento* em pintura. Empreendimento de dificuldades não escassas dada a densidade e a magia do texto e os riscos de, sobre um imaginário, construir outro imaginário para, sem ilustrar, sem descrever, compreender o



«... há pintores que transformam o sol numa pinta amarela, mas há outros que, graças à sua arte e à sua inteligência, transformam uma pinta amarela no sol».
Picasso

texto como um todo, contribuindo para o seu entendimento e fazer com que a compreensão da pintura como um todo contribua para o entendimento do texto, de modo a que a visibilidade do texto e a visibilidade da pintura se transmutassem, mantendo-se autónomas.

Passaram-se anos.

Muitos, poucos, os necessários para que José Santa-Bárbara considerasse completo o seu empreendimento.

O resultado é surpreendente. Estamos frente a outro *Memorial do Convento*. As cores são as mesmas, as do texto e as da pintura. Nas singularidades de um reconhecem-se as singularidades do outro. A desmistificação

do passado, reapropriando-nos da história que nos pertence, passa das linhas do texto para as pinceladas da tela, mas agora começam a (co)existir dois Memoriais do Convento.

O resultado é tão assombroso que no final de vermos todos os quadros que constituem o Memorial do Convento de Santa-Bárbara estamos à beira de uma descoberta extravagante, impossível. O deste *Memorial do Convento* poder ter sido uma criação anterior ao *Memorial do Convento* de Saramago, o que mais que uma improbabilidade seria completamente irrealizável, porque sem a magia que se liberta do texto, sem o brilho estelar da narrativa as telas continuariam a ignorar os voos da passarola, os incidentes da ara de cheleiros, os passatempos de el-rei, a música de scarlatti, os sete-sóis sete-luas, o cheiro da carne chamuscada nas fogueiras da inquisição, a recusa de blimunda em olhar para o interior de baltasar, o convento de Mafra. Não teria sido possível, mas...

Santa-Bárbara, o pintor deste *Memorial do Convento*, com a plasticidade das imagens, com a força das ideias que se plasmam neste conjunto de quadros põe, e põe muita justamente em causa, o indiferentismo pós-moderno, demonstrando que compreender é pintar, porque, como Giacometti, o que lhe interessa na pintura é a semelhança, o que a semelhança lhe faz descobrir do mundo exterior, no caso, investigado e efabulado por Saramago, reinventando-o noutra mundo, sem que o sentido da história se perca.

VONTADES

– Uma leitura do *Memorial do Convento*

Pintura de José Santa-Bárbara
BIBLIOTECA NACIONAL
de 19 de Abril a 31 de Agosto

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Versos em Abril

Aquele dia

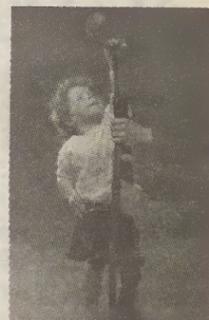
Aquele dia
foi o instante puro
em que o futuro
nascia.

Lembrá-lo
é montar a cavalo
subir o monte e ver
o sol nascer
(o grito, a prece
sobre a nossa aridez)
como se tudo acontecesse
pela primeira vez.

Outra forma de ser cravo

Para quem neste dia
um cravo não achou
se inventou
esta poesia.

No desfile quem for
leve estes versos ao peito.
Em lugar de uma flor
neste dia
uma poesia
faz sempre jeito.



Familiar

O neto no joelho.

Sinto que o tempo foge.
É de Abril que lhe vou
falar, sem falta, hoje.
– Conta, avô!

Discurso engatilhado
logo posto de lado
(eu, velho,
envergonhado
de parecer
um pobre que não sabe agradecer
com as palavras certas a esmola...)

Acabamos por ir jogar a bola
no pátio largo e brando.
Ele não sabe, ali, no entretém,
que é Abril que estamos festejando
sem segredos no escuro, sem alarme.

– Não sabe? Ainda bem!
(vem Abril segredar-me).

Abril

Pelos velhos, pelas crianças
pela paz das horas mansas
pelas águas, pelo trigo
Abril vos digo.

Pela janela sobre o mar
pelo amor de trabalhar
pela palavra de amigo
Abril vos digo.

Pelo ficar mudo de enlevo
por este verso que escrevo
pelo amor que está contigo
Abril vos digo.

Pelo sabor do porvir
por estar e resistir
pela certeza de um abrigo
Abril vos digo.

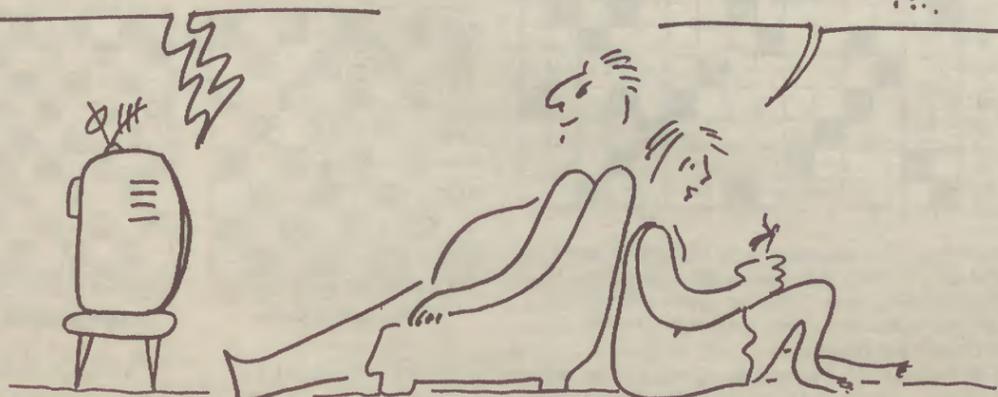
E pois que é a nossa lei
Abril disse, digo e direi.

Cartoon

• Monginho

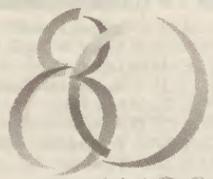
O MINISTRO DO TRABALHO
E DA SOLIDARIEDADE
AFIRMA QUE EM CADA
DOIS DIAS MORRE UMA PESSOA
A TRABALHAR (...) É MAU
PARA AS PESSOAS ... E PARA
A ECONOMIA !?

Ó SR. MINISTRO,
NUNCA OUVIU A EXPRESSÃO
DE QUE AS "PESSOAS" EM PORTUGAL
SE MATAM A TRABALHAR
PRECISAMENTE POR CAUSA
DA "ECONOMIA" ?!!!



Ming -

PCP 1921 > 2001



ANOS

a fazer história
a construir futuro**ALMADA**

Espectáculo comemorativo do 80.º aniversário do PCP com Edmundo Silva e Luísa Basto

Sexta-feira, 20, às 21h, na *Incrível Almadense*.

VILA FRANCA DE XIRA

Debate com Domingos Abrantes
Dia 27 às 21h

Pavilhão do PCP

na Festa das Chagas, em Sesimbra
De 21 de Abril a 7 de Maio

Almoço-convívio em Palmela

Sábado, 21, às 13h, na Soc. Filarmónica União Agrícola

Lanche-convívio em Lisboa

promovido pelo O.D. da Zona Centro da Cidade com a participação de **Duran Clemente**
Sábado, 21, às 15h30, no Centro de Trabalho Vitória

Lanche-convívio na Bairrada

promovido pelas organizações de Anadia, Mealhada e Oliveira do Bairro com intervenção de um dirigente do PCP
Domingo, 22, às 15h30, no Parque de Merendas de Mogofores (Anadia)

**Teatro na AMADORA «... até à Revolução!»**

Peça de teatro pelo Grupo de Teatro Ypsilon, que actua a convite da JCP da Amadora no «Rubros Bar», CT da Amadora, terça-feira, 24, às 21h30.

Juventude CDU de CORROIOS Torneio de Futebol de 5

Dia 21 a partir das 21h, no CT do PCP
(Inscrições até 16/4, tel. 212537606)

Excursões a Baleizão

no dia 20 de Maio, promovida pela Comissão de Freguesia de Amora do PCP
(Custo: 2.200\$00.
Inscrições no CT de Amora)

CARLOS CARVALHAS na VIDIGUEIRA...

A convite da Escola Profissional Fialho de Almeida, na Vidigueira, Carlos Carvalhas participa na iniciativa «Mês de Abril», dando ali hoje, quinta-feira, a partir das 10h30, «uma aula sobre Abril».

... e na CHAMUSCA

Na próxima terça-feira o Secretário-geral do PCP desloca-se à Chamusca, distrito de Santarém, onde será recebido na Câmara Municipal e participará num curto programa de contactos orientados para as políticas de apoio à juventude e à infância, visitando a Escola EB 2-3, a colectividade «União Desportiva», a Ludoteca e o Jardim de Infância «Coelhinho»

Cerca das 18h15, Carlos Carvalhas estará presente na inauguração do novo Centro de Trabalho do PCP na Chamusca.

Plenários e outras reuniões da Organização do PCP

BAIXA DA BANHEIRA – Plenário de militantes para discussão da situação política e tarefas do Partido, designadamente eleições autárquicas, com entrega do novo cartão do Partido: domingo, 22, às 15h, no Centro de Trabalho local, com a participação de Valdemar Santos.

LISBOA – Reunião de bancários reformados: dia 26, às 14h30, no Centro de Trabalho Vitória. **Reuniões do Sector Intelectual da ORI**, todas no Centro de Trabalho Vitória: do **SAPAD** (Sector Artes Plásticas, Arquitectos e Designers) – hoje, dia 19, às 19h; da célula do **Património Cultural e Natural** – dia 23 às 18h30; do **OD do Sector** – dia 23 às 21h.

MAIA – Reunião da organização concelhia sobre as eleições autárquicas e outras tarefas do Partido: sexta-feira, 20, às 21h30, no Centro de Trabalho de Pedrouços.

SANTA MARINHA – Plenário de militantes da freguesia sobre questões da organização (das quais a preparação da próxima Assembleia Concelhia) e sobre as eleições autárquicas: sábado, 21, às 15h, no Centro de Trabalho de Gaia.

SESIMBRA – Debate com Ilda Figueiredo sobre a revisão da Política Comum de Pesca: sexta-feira, 20, às 16h30, a Sociedade Musical Sesimbrense.

25 de Abril

O 25 de Abril é mais uma vez objecto de um sem-número de iniciativas das mais diversas origens. Aqui se referem apenas algumas das que são promovidas pelo PCP, a CDU, colectividades ou comissões locais, chegadas em tempo útil ao conhecimento da Redacção do «Avante!»:

Em BRAGA • Jantar comemorativo em Barcelos, durante o qual será feita a apresentação dos cabeças de lista da CDU às freguesias de Arcoselo, Barcelos, Barcelinhos e V. N. São Martinho: dia 24 às 20h, restaurante «Muralha 2», com animação musical de Miguel Magalhães

• Almoço em Braga, no «Restaurante Raul», no Sameiro, com a presença de Agostinho Lopes: dia 25 às 13h

• Almoço em Esposende, no «Restaurante Carioca», em Belinho, com a presença de Agostinho Lopes: dia 24 às 20h

• Jantar em Pafe, no restaurante «D. João» (junto ao Estádio Municipal: dia 24 às 20h30)

• Jantar em Oliveira de S. Mateus, no café «S. José» (Centro Residencial), com a presença dos candidatos CDU ao município de Famalicão: dia 23 às 20h

• Almoço em Famalicão, no restaurante «Solar da Rocha», (Arnos, Sta. Eulália), com a presença dos candidatos CDU: dia 25 às 13h

• Jantar na Zona do Basto, no restaurante do Clube «Tiro de Arco», em Baúlhe: dia 24 às 20h30

Em LISBOA • Confraternização de membros das organizações de JUVENTUDE do Partido com jantar-convívio na Voz do Operário

Dia 20 às 20h

(Tels.: F. Bárbara – 218862155 / 919972201

Brás Neves – 914760936)

• Jantar promovido pelo Sector da Saúde da ORI do PCP no Centro de Trabalho Vitória, com a participação de Bernardino Soares: dia 24 às 20h

• Exposição «As Portas que Abril Abriu» no Grupo Sportivo Adicense (Rua de S. Pedro, 20, em Alfama) Inauguração no dia 20, às 20h (até 2 de Maio)

Em LOURES • Exposição de fotos de Eduardo Gageiro Inauguração no dia 20, às 15h, no CT do PCP em Sacavém

No MONTIJO • Jantar comemorativo: no dia 24, restaurante «Aldeia Gallega» (R. Conde Paçõ Vieira)

Em OEIRAS • Jantar promovido pelo Sector de Empresas de Oeiras do PCP no Centro de Trabalho de Algés, com a participação de Dinis de Almeida e José Ernesto Cartaxo: dia 21 às 19h30.

• Jantar promovido pela Comissão Concelhia do PCP, no Centro de Trabalho de Tercena: dia 24 a partir das 20h

Em OLIVEIRA DE AZEMÉIS • Jantar comemorativo promovido pela CDU, no restaurante «Judite», em Cidacos: dia 24 às 20h, com a participação de Américo Costa

Em SETÚBAL • Encontro de Democratas, um tradicional jantar-convívio comemorativo do 25 de Abril promovido por um grupo de democratas: no restaurante «O Quintal»: dia 24 às 20h

(Mais iniciativas e o Apelo da Comissão Promotora do desfile do 25 de Abril em Lisboa: pág. 24)



PCP-PEV

**CDU****apresenta candidatos**

com a participação do Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas:

MARINHA GRANDE Jantar CDU

com apresentação do cabeça de lista à Câmara Municipal
Sábado, 21, às 20h, na sede da Ordem.

PORTO

Apresentação dos cabeças de lista à Câmara Municipal e à Assembleia Municipal do Porto
Segunda, 23, às 11h30, no Hotel Portus Cale (Av. da Boavista).



ALCÁCER DO SAL – Apresentação da recandidatura de Rogério de Brito à presidência da Câmara Municipal
Sábado, 21, às 13h, na Albergaria da Barrosinha, com a participação de Agostinho Lopes.

ALHANDRA – Jantar de apresentação do cabeça de lista da CDU à Freguesia de Vila Franca de Xira
Sexta-feira, 20, com a participação de José Neves.

LOURES – Apresentação do cabeça de lista da CDU à Freguesia de Apelação
Sexta-feira, 20, às 21h, na sala da Assembleia de Freguesia com a participação de Adão Barata e Carlos Luz.

REUNIÕES**EM CORUCHE**

Sobre a actividade autárquica, com a participação de eleitos na Câmara e Assembleia Municipal e na Junta de Freguesia:

Sexta-feira, 20, em Santo Antonino

– às 21h, na Escola Primária;

Sábado, 21, em Vale Mansos e em

Azervadinha – às 18h, nas escolas primárias respectivas.

JORNADA**NA COVA DA PIEDADE**

Visita de eleitos e activistas da CDU à freguesia – domingo, 22.

INICIATIVAS**EM LOURES**

Hoje, quinta-feira, às 17h30: debate com os trabalhadores do município, no Refeitório Municipal, com a participação de Adão Barata.

Sexta-feira, 20, às 21h: plenário CDU da freguesia de Loures, com a presença de José Manuel Abrantes

Sábado, 21: Acção sobre

Saúde/Encontro com a população da freguesia de Camarate, com a presença de

Carlos Luz: às 16h. Acção de contacto com a população no Largo 4 de Outubro, em Loures: a partir das 10h, com a participação de José Manuel Abrantes.

JUVENTUDE CDU**EM LOURES**

Forum CDU sobre Juventude, Cultura, Desporto e Tempos Livres: na colectividade Corações de Vale Figueira, em Vale Figueira, com a presença do vereador Rui Pinheiro (sábado às 15h).

Concerto «Abril a Abrir» (com bandas de garagem) promovido pela Juventude CDU: sexta-feira, 20, a partir das 21h30, na Quinta de S. José, em Sacavém.

DEBATE**NO MONTE ABRAÃO**

«Soluções de qualidade para uma vida melhor» é o lema da série de debates CDU em curso. Esta semana, com a presença do vereador eng. Baptista Alves, estarão em discussão acessibilidades, urbanismo, saúde, segurança e outras questões que afectam as populações: na Esc. Básica n.º 1 de Monte Abraão, dia 21 às 16h.

SÃO PEDRO DA COVA

Apresentação do cabeça de lista da CDU à Freguesia, no decurso de um plenário da Organização da Freguesia do PCP sobre as eleições autárquicas.

Entrega dos novos cartões do Partido

Sábado, 21, às 21h, no Centro de Trabalho.

ATVer

Gato Preto, Gato Branco, uma comédia tresloucada e desconcertante passada na Jugoslávia

Acto dos Feitos da Guiné

(Quinta-feira, 19 de Abril, RTP-2)

Este filme/documentário foi feito por **Fernando Matos Silva** e a RTP afirma tratar-se de «um ajuste de contas cinematográfico com o colonialismo em geral», num filme «onde o sarcasmo e a ironia se fundem com sequências reais dos horrores da guerra». A descobrir.

A Fonte da Virgem

(Sexta-feira, 20 de Abril, RTP-2)

Num esplendoroso preto e branco, **Ingmar**



Capitães de Abril, um filme comovente e exaltante reconstituindo o grande dia da Revolução dos Cravos, a 25 de Abril de 1974

Bergman põe de pé uma história de crime e vingança na Suécia medieval do século XIV, inspirada numa balada da época. A filha de um rico agricultor é violada e assassinada na floresta por dois pastores que, posteriormente, pedem hospitalidade ao pai e se denunciam ao procurarem vender-lhe o vestido da própria filha. Este deduz a terrível verdade e prepara uma vingança sanguinária onde não poupará, sequer, o garoto que acompanha os dois assassinos. Verdaderamente de antologia o amanhecer da vingança onde **Max von Sydow**, num desempenho portentoso, aguarda imóvel num trono de luz que os assassinos acordem para os despenhar nas trevas do castigo. Mas todo o filme é fabuloso.

Fim-de-Semana Alucinante

(Sexta-feira, 20 de Abril, RTP-1)

Fim-de-Semana Alucinante, que **John Boorman** realizou em 1972, é simplesmente um *thriller* magistral e insólito. Conta um fim-de-semana de quatro sofisticados cidadãos que resolveram descer um rio em canoa antes que este e os seus rápidos desapareçam engolidos por uma barragem prevista a jusante, numa aventura que pretendiam estimulante e descontraída pelo contacto com a natureza e que se transforma numa brutal e primitiva luta pela sobrevivência no confronto com montanhesees que, após os atacarem selvaticamente e sem qualquer razão ao acampamento da floresta, os perseguem ferozmente rio abaixo para vingar a morte de um dos atacantes. Um confronto com várias leituras e interpretações à altura de **Jon Voight**, **Burt Reynolds**, **Ned Beatty** e **Ronny Cox**, num filme com muito cinema dentro.

Gato Preto, Gato Branco

(Sábado, 21 de Abril, RTP-2)

Se ainda não viu, não perca esta comédia tresloucada do talentoso realizador jugoslavo **Emir Kusturika**. Só para ter uma ideia, trata-se de uma história de *gangsters* falhados numa Jugoslávia de esroques à beira do Danúbio, onde se chega ao ponto de se congelar no sótão os velhos que morrem repentinamente para não prejudicar o casamento entre os filhos de dois



Fim-de-Semana Alucinante, um passeio que se transforma numa luta brutal e primitiva pela sobrevivência



bandidos locais, por sinal um enlace não desejado pelos próprios noivos... Com o mundo dos ciganos em pano de fundo, a história prossegue com muitas histórias dentro, cada vez mais desconcertantes e surreais.

O Fio do Horizonte

(Sábado, 21 de Abril, RTP-2)

Numa co-produção luso-francesa, **Fernando Lopes** ergue, em plena Lisboa, um *thriller* fantástico, enigmático e bizarro onde um patologista da morgue se confronta com a própria morte através de um cadáver que parece ele próprio 30 anos antes. Grande interpretação de **Claude Brasseur**.

Speed 2 - Perigo a Bordo

(Domingo, 22 de Abril, SIC)

Sandra Bullock continua lá, os efeitos



Papá para Sempre vale, sobretudo, pela poderosa interpretação de **Robin Williams** a fazer de mulher

especiais também, o duelo com o «mau» realiza-se com desastres em alta velocidade, **Willem Dafoe** compõe um vilão convincente mas esta sequela do célebre **Speed** não chega aos calcanhares do original. Falta-lhe **Keanu Reeves** e a magia da história fundadora.

Papá Para Sempre

(Domingo, 22 de Abril, SIC)

Esta comédia à americana de um pai separado que se disfarça de mulher/ama dos filhos para poder continuar a conviver com eles vale, sobretudo, pela poderosa interpretação de **Robin Williams**, bem acompanhado por **Sally Field** e **Pierce Brosnan**. A história segue o caminho banal em casos que tais, onde não nos livramos do mais óbvio «final feliz» - a reconciliação do casal.

Capitães de Abril

(Quarta-feira, 25 de Abril, RTP-1)

Capitães de Abril reconstitui, quase em registo de documentário, os acontecimentos do 25 de Abril de 1974, centrando-se na marcha da Escola Prática de Cavalaria de Santarém comandada pelo capitão Salgueiro Maia para o Terreiro do Paço, articulada com a tomada do Rádio Clube, a rendição de Marcelo Caetano no Quartel do Carmo e a explosão vitoriosa da Revolução nas ruas. Dispondo de meios de produção invulgares em Portugal, **Maria de Medeiros** ergue um filme comovente e exaltante onde não falta a ironia, evidenciando uma notável maestria a gerir e a operacionalizar com eficácia cinematográfica os meios de que dispôs. A todos os títulos, um filme notável, onde se destacam as excelentes interpretações de **Stefano Accorsi** (como Salgueiro Maia), **Joaquim de Almeida** e **Luís Miguel Cintra**.

Quinta, 19

VRTP1

07.00 Infantil/Juvenil
10.00 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.35 Quem Quer Ser Milionário?
18.00 Quebra Cabeças
18.30 Ajuste de Contas
19.40 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Moda Lisboa
21.15 Quem Quer Ser Milionário?
21.45 Elsa, Uma Mulher Assim (Estreia)
22.15 Grande Informação
23.30 Bull
24.25 24 Horas
24.55 «Os Filhos de Fierro» (de Fernando Solanas/França/Alemanha/1977. Ensaio Político)

VRTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.20 Boletim Agrário
13.00 Loja do Cidadão
14.00 Portugal sem Fim
15.00 Por Outro Lado
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.40 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 Andamentos IV
19.30 Circus Behind Scenes (Estreia)
20.10 Viver no Campo
20.40 2010
21.50 RTP Economia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Artigo 37
00.30 «Acto dos Feitos da Guiné» (de Fernando Matos Silva, Portugal/1980, com José Gomes, Virgílio Massinge. Ver Destaque)

VSIC

08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.40 Malhação
17.40 Um Anjo Caiu do Céu
19.00 O Cravo e a Rosa
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Minha Família é um Desenho Animado
22.00 Ganância/Porto dos Milagres
23.30 Noites Marcianas
02.00 Noites Longas: Endgame
03.50 Portugal Radical

VTVI

08.30 Animação
10.00 Tic Tac Milionário
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother II Extra
14.30 Chiquititas
15.30 Batatoon
18.15 As Pupilas do Senhor Doutor
19.00 Olho Video
19.30 Big Brother II
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 Big Brother II
23.05 As Pupilas do Senhor Doutor
23.50 A Bola é Nossa
01.20 Última Edição
02.10 Doido Por Ti (Estreia)
02.40 O Vingador

Sexta, 20

VRTP1

07.00 Infantil/Juvenil
10.00 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Emoções Fortes
15.30 Vidas Cruzadas
16.30 Ramona
17.35 Quem Quer Ser Milionário?
18.00 Quebra Cabeças
18.30 Ajuste de Contas
19.40 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Moda Lisboa
21.15 Quem Quer Ser Milionário?
21.45 Moda 21-II
22.15 Os Bordalos- Prémios da Imprensa 2000
24:00 Histórias da Noite
24.30 24 Horas
01.00 «Fim-de-Semana Alucinante» (de John Boorman, EUA/1972, com Jon Voight, Burt Reynolds, Ned Beatty. Ver Destaque)

VRTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Espaço Infantil-Juvenil
12.10 Euronews
12.30 A Caça e a Conservação da Fauna
13.00 Livres e Iguais
15.00 Conversa Privada
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.40 Espaço Infantil
18.30 Informação Religiosa
19.00 100.000 Porquês
19.30 Circus Behind Scenes
20.30 Viver no Campo
20.55 O Tal Canal
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.00 Dharma e Greg
23.50 A Outra Face da Lua
01.30 «A Fonte da Virgem» (de Ingmar Bergman, Suécia/1959, com Max Von Sydow, Birgitta Vahlberg, Gunnel Lindblom. Ver Destaque)

VSIC

08.00 Buééré
10.00 Sic 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.30 A Viagem
16.40 Malhação
17.40 Um Anjo Caiu do Céu
19.00 O Cravo e a Rosa
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
22.00 Ganância/Porto dos Milagres
23.30 Noites Marcianas
02.00 Jogo Limpo
04.00 Portugal Radical
04.30 Vibrações

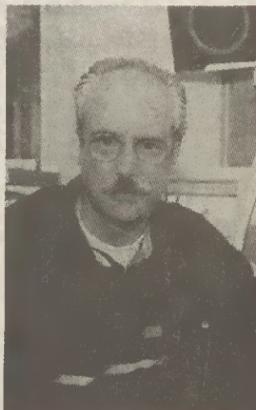
VTVI

08.30 Animação
11.10 Tiro e Queda
11.30 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
14.00 Big Brother
14.30 Chiquititas
15.30 Batatoon
18.15 As Pupilas do Senhor Doutor
19.00 Olho Video
19.30 Big Brother
20.00 Jornal Nacional
21.00 Olhos de Água
22.00 Big Brother II
23.05 «Fantasias de Amor» (de Arthur Egeli, EUA/1995, com Elizabeth Wagner, Steve Keasomel, Jennifer Wolf. Drama)
01.05 Última Edição
02.00 «Sem Rasto» (de Nigel Dick, EUA/1994, com Michael Madsen, Lisa Bonet, Gary Stretch. Thriller)
04.00 Doido por Ti
04.35 O Vingador

Sábado, 21

VRTP1

07.00 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 Bandas Fabulosas
15.40 Sem Filtro
17.10 Felicity
18.05 Futebol (Antevisão)
19.00 Futebol:
Boavista/Sporting
21.00 Telejornal
22.05 Sábado à Noite
23.40 Alves dos Reis
24.40 Lei Marcial
01.40 24 Horas
02.00 Máquinas
02.35 «O Último Registo» (de Stefan Avalos e Lance Weiler,



«2010» programa dedicado às noivas tecnológicas de comunicação

EUA/1998, com David Beard, Jim Seward, Stefan Avalos. Terror)

VRTP2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Parlamento
15.00 Desporto 2
19.00 «O Fio do Horizonte» (de Fernando Lopes, Port/Fran/1993, com Claude Brasseur, Andréa Ferreo, Ana Padrão. Ver Destaque)
20.45 Horizontes da Memória
21.20 Bombordo
22.00 Jornal África
22.30 Jornal 2
23.00 A Rota da Seda
24.30 Briteom («A Família Royles» «Meu Herói»)
02.00 «Gato Preto, Gato Branco» (de Emir Kusturica, Fran/Alem/1997, com Bajram Severdzan, Srdan Todorovic, Sabri Sulejmani. Ver Destaque)
04.15 Prazeres

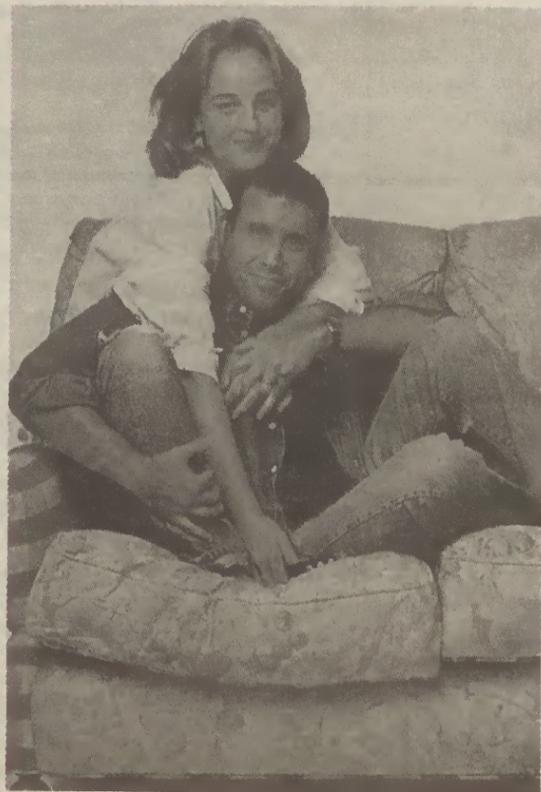
VSIC

07.00 Zip Zap
11.15 Dá-lhe Gás
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Malucos do Riso
14.30 «Kalidor, a Lenda do Talismã» (de Richard Fleischer, EUA/1985, com Arnold Schwarzenegger, Brigitte Nielsen, Sandahl Bergman. Acção)
16.30 «Jack o Relâmpago» (de Simon Wincer, EUA/1994, com Paul Hogan, Cuba Gooding, Beverly d'Angelo. Aventura)
18.30 Mundo Vip
19.00 Cravo e a Rosa
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Minha Família é uma Animação
22.00 Malucos do Riso
23.00 Herman Sic
01.30 «O Homem da Lua» (de Robert Mulligan, EUA/1991, com Sam Waterston, Tess Harper, Gail Strickland. Drama)
03.30 Portugal Radical

VTVI

08.00 Animação
11.15 Top Rock
12.00 Big Brother II
13.00 TVI Jornal
13.45 Contra-Ataque
15.00 4ª a Fundo
15.15 Caras Lindas
17.00 «Austin Powers» (de Jay Rouch, EUA, com Mike Myers, Elizabeth Hurley, Michael York. Acção)
19.00 Big Brother II
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Olhos de Água
23.00 Hora Lá Marina
23.50 112
24.30 Lux
01.15 «Lágrimas de Família» (de Jody Podolsky, EUA/1999, com Alanna Ubach, James Rebhorn, Lesley Ann Warren. Drama)
03.15 «Anatomia do Golpe» (de Stephen Frears, EUA/1990, com Angelica Huston, John Cusack, Annette Bening. Drama)
05.15 Mistério em Família

«Doido por Ti» Comédia americana sobre a vida de um casal



Domingo, 22

- VRTP1**
 07.00 Infantil/Juvenil
 13.00 Jornal da tarde
 14.00 Made In Portugal
 15.15 JAG Em Nome da Justiça (Estreia)
 16.15 «Astérix Contra César» (de Paul e Gaetan Brizzi, França/1985. *Desenho Animado*)
 18.00 Agora é Que São Eles
 20.00 Telejornal
 21.10 Alves dos Reis
 22.10 O Rosto da Notícia
 23.15 Domingo Desportivo
 24.50 Magazine Liga dos Campeões
 01.40 24 Horas
 02.00 «Utu, O Último Guerreiro» (de Geoff Murphy, Nova Zelândia/1983, com Anzac Wallace, Kelly Johnson, Bruno Lawrence. *Drama Histórico*)

- VRTP2**
 07.00 Euronews
 09.00 Atletismo: Maratona de Londres
 11.30 Missa
 12.30 Palácio de Cristal
 13.30 Quem Sai aos Seus
 14.00 Desporto 2
 18.30 Uma Gota para a Vida
 19.30 Uma Mulher de Branco
 20.30 Onda Curta («O Sábio», «Duelo», «Plympania», «Faded Roads», «Boney D», «Cinema Surpresa», de Bill Plympton. *Curtas Metragens*)
 21.00 Futurama (Último)
 21.30 Artes e Letras - Rafael Bordalo Pinheiro

Segunda, 23

- VRTP1**
 07.00 Infantil/Juvenil
 10.00 Praça da Alegria
 12.25 Regiões
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Emoções Fortes
 15.30 Vidas Cruzadas
 16.30 Ramona
 17.30 Quem Quer Ser Milionário?
 18.10 Quebra Cabeças
 18.45 Ajuste de Contas
 19.40 Regiões
 20.00 Telejornal
 21.00 Moda Lisboa
 21.25 Quem Quer Ser Milionário?
 22.00 Luís de Matos ao Vivo
 23.10 Jogo Falado
 24.50 24 Horas
 01.20 «B. Monkey» (de Michael Radford, Ita/Rei. Uni/EUA/1999, com Asia Argento, Jared Harris, Rupert Everett. *Drama*)

- VRTP2**
 07.00 Hora Viva
 09.45 Espaço Infantil-Juvenil
 12.10 Euronews
 12.30 100.000 Porquês
 13.00 2010 (R)
 14.00 A Europa das Ilhas: Ilha dos Açores
 15.00 Parlamento
 16.00 Euronews
 22.30 Parlamento
 16.30 Informação Gestual
 17.40 Espaço Infantil
 18.30 Informação Religiosa
 19.00 Rotações
 19.30 Circus Behind Scenes (Último)
 20.25 Viver no Campo

Terça, 24

- VRTP1**
 07.00 Infantil/Juvenil
 10.00 Praça da Alegria
 12.25 Regiões
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Emoções Fortes
 GP Mitsubishi
 15.30 Vidas Cruzadas
 16.30 Ramona
 17.35 Quem Quer Ser Milionário?
 18.10 Quebra Cabeças
 18.40 Ajuste de Contas
 19.40 Regiões
 20.00 Telejornal
 21.00 Moda Lisboa
 21.15 Quem Quer Ser Milionário?
 21.50 Top Video
 22.15 «O Uivo do Coiote» (de John C. Avildsen, EUA/1999, com Jean-Claude Van Damme, Pat Morita, Gabrielle Fitzpatrick. *Ação*)
 23.50 «A Última Sedução» (de John Dahl, EUA/1993, com Linda Fiorentino, Peter Berg, Bill Pullman. *Policia*)
 01.45 24 Horas
 02.15 «Para Além das Nuvens» (de Michelangelo Antonioni e Wim Wenders, Ita/Fran/Alem/1995, com Inés Sastre, Kim Rossi-Stuart, Sophie Marceau. *Comédia*)

- VRTP2**
 07.00 Hora Viva
 09.45 Espaço Infantil-Juvenil
 12.10 Euronews
 12.20 Boletim Agrário
 12.30 Rotações
 13.00 O Lugar da História

Quarta, 25

- VRTP1**
 07.00 Infantil/Juvenil
 10.00 Praça da Alegria
 12.25 Regiões
 13.00 Jornal da Tarde
 13.55 Emoções Fortes
 14.55 Futebol: Portugal/Noruega
 16.55 «Marte Ataca» Longa Metragem
 18.55 Quem Quer Ser Milionário?
 19.30 Futebol: França/Portugal
 21.35 Telejornal
 22.30 Moda Lisboa
 22.40 Maiores de 20
 23.10 «Capitães de Abril» (de Maria de Medeiros, Fran/Port/1999, com Stefano Accorsi, Maria de Medeiros, Joaquim de Almeida. *Ver Destaque*)
 01.00 Ciclismo: G.P. Mitsubishi
 24.55 Liga dos Campeões
 01.15 24 Horas
 01.45 «Marius e Jeannette» (de Robert Guédiguan, França/1996, com Ariane Ascaride, Gérard Meylan, Pascale Roberts. *Comédia*)

- VRTP2**
 07.00 Hora Viva
 09.45 Espaço Infantil-Juvenil
 12.10 Euronews
 12.30 Andamentos
 13.00 O triunfo dos Porcos
 14.00 Travessa do Cotovelo
 15.00 Euronews
 15.30 Informação Gestual
 16.30 Ciclismo:

TVisto
 Correia da Fonseca

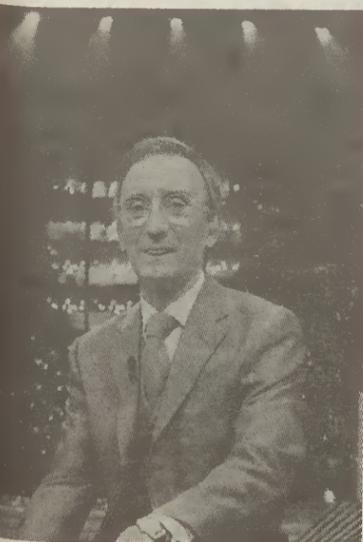
Caraça e o projecto adiado

Parece óbvio que o programa foi transmitido para que a RTP não deixasse de se associar à comemoração do centenário de Bento de Jesus Caraça, mas na verdade o telefilme entrou em antena sem que ninguém tivesse vindo dizer uma única palavra sobre isso. Não era um trabalho muito recente: trazia a data de 95 e é claro que se tratava de uma repetição, o que reforçaria, se tanto fosse preciso, a intenção comemorativa. A realização era de Cristina Antunes; Diana Andringa havia sido a autora. Diana parece ter-se especializado, aliás, em biografias que a RTP há muitos anos devia ter feito e não fez, e não tenho a menor ideia de que nesta tarefa alguma vez eu tenha visto a sua assinatura em programa que não tenha merecido os nossos olhos e o nosso tempo. Talvez por isso, e também porque Caraça não é um tema qualquer, esta revisita ao telefilme deixou-me um vago sabor de desamparamento: esperava mais, calcule-se, esperava melhor. Pelos vistos tinha armazenada na memória uma recordação mitificada de quanto agora revê. E, contudo, o programa não foi de modo nenhum medíocre, longe disso. Contou-nos Bento de Jesus Caraça, os pais alentejanos e trabalhadores rurais, a obra, a participação activa na resistência ao fascismo, a fidelidade ao povo, a perseguição de que foi alvo e que foi porventura decisiva para a morte prematura, a opção partidária. Pergunto-me: que mais poderia eu esperar? Respondo-me que talvez uma aproximação mais calorosa, uma vibração interior que ali terá faltado. Nem sequer me poderia queixar, se o disparate da queixa me apetece, de que o programa não deu o relevo adequado ao que me parece ter sido talvez o mais importante em Bento de Jesus Caraça: o seu entendimento de que a cultura há-de ser um património de todos os homens e não um território fechado a que só alguns têm acesso; de que é inaceitável a pretensa distinção entre cultura e saberes de ordem científica. É sua não apenas a convicção mas também o ensinamento de que «a cultura integral do indivíduo é o problema central do nosso tempo». De então para cá passou-se mais de meio século, e esta verdade só se tornou mais evidente com o acentuar do desequilíbrio entre o progresso científico/tecnológico e o míngua do entendimento do mundo e da vida por parte da generalidade das gentes. Desequilíbrio que, bem se sabe, não é ingénua nem casual: tem sido desenfreadamente agravado pela acção das classes dominantes através dos poderosos meios de intervenção social de que dispõem. É neste quadro que se alarga à actualidade o que Álvaro Cunhal, um dos deponentes no programa, disse referindo-se especificamente ao tempo em que Bento Caraça viveu e combateu: «A cultura era o grande adversário do fascismo.» A justiça do diagnóstico mantém-se hoje porque a questão é que o fascismo não foi tão vencido como por vezes parece: metamorfoseou-se, «adoçou», alargou-se para novas frentes, mascarou-se com sinais exteriores de democraticidade.



A dúvida do doutor Mário

Foi também Álvaro Cunhal que prestou um testemunho que é capaz de ter resultado no mais proveitoso momento do programa no plano do esclarecimento do telespectador português: quando, não só com a força da credibilidade que toda a gente de boa-fé lhe reconhece mas também com o relato de circunstâncias históricas factuais, disse da militância de Bento de Jesus Caraça no Partido Comunista. Não creio que alguém que o tenha ouvido tenha ficado com dúvidas quanto a esse ponto. Ora, logo a seguir vimos Mário Soares a dizer do seu suposto convencimento de que Bento Caraça não seria, não senhores, militante do Partido, quando muito apenas um «compagnon de route» (o que este homem gosta de exhibir o seu tão peculiar domínio da língua francesa!). A gente entende, é claro: o doutor não quer admitir que um espírito tão fulgurante e superiormente culto como Caraça pudesse ser comunista convicto e militante. Contudo, por muito que lhe convenha a negação, ele não entenderá que ainda mais lhe conviria não fazer figura de descarado, de manejador de um inteiro inescrupuloso que nem sequer é convincente? Ele estará mesmo convencido de que conseguiu injectar dúvidas em muita gente? Como dizem os brasileiros: ele não se enxerga? Curiosamente, um outro convidado a depor tentou insinuar o mesmo mas com muito maiores cuidados, tantos que a insinuação quase chegou cifrada: é que este dava-se inteira conta de que a negação directa era inviável e inoperante. Quanto às outras presenças, todas em maior ou menor grau foram no sentido de lembrar a rara grandeza científica, humana e cívica de Bento de Jesus Caraça, com relevo para o seu trabalho no sentido de uma verdadeira democratização da cultura mesmo nas difíceis e perigosas condições do fascismo português que, na circunstância, obteve uma vitória transitória que ainda hoje se mantém. Que tornou o objectivo de Caraça num projecto adiado por cuja consecução continuam a lutar os seus camaradas do Partido Comunista Português.



«Herman Sic»
 «Talk how»
 apresentado pelo humorista Herman José



«Agora é que são Eles» Concurso apresentado por Júlio Isidro

- 22.30 Jornal 2
 23.00 Travessa do Cotovelo
 24.10 «O Mistério de Emma Sachs» (de Joyce Chopra, EUA/1999, com Gene Wilder, Mike Starr, Cherry Jones. *Policia*)

- VSIC**
 07.00 Zip Zap
 12.00 BBC Vida Selvagem
 13.00 Primeiro Jornal
 14.00 Big Show Sic
 16.30 «Papá para Sempre» (de Chris Columbus, EUA/1993, com Robin Williams, Sally Field, Pierce Brosnan. *Ver Destaque*)
 19.00 Grande Jogo: Benfica/Guimarães
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Popstars
 22.30 «Speed 2: Perigo a Bordo» (de Jan De Bont, EUA/1997, com Sandra Bullock, Jason Patric, Willem Dafoe. *Ver Destaque*)
 24.00 Esta Semana
 02.20 «Desejos Finais» (de Phil Joanou, EUA/1992, com Richard Gere, Kim Basinger, Uma Thurman. *Suspense*)
 04.50 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Animação
 10.50 Angelus
 11.15 Misen
 12.30 8.º Dia
 13.00 TVI Jornal
 13.30 Dawson's Creek
 14.30 «Debaixo d'Olho» (de John Badham, Brasil/1987, com Richard Dreyfuss, Emilio Estevez, Aidan Quinn. *Ação*)
 17.00 «Tudo Por um Sonho» (de Tom Hanks, EUA, com Tom Everett Scott, Liv Tyler, Jonathon Schaech. *Ação*)
 19.00 Super Pai
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Super Pai
 22.00 Big Brother
 23.20 112
 24.00 «A Lei do Fogo» (de D.J. Caruso, EUA/1998, com Peter Greene, Patrick Muldoon, Amelia Heinle. *Ação*)
 02.00 «Mais Vale Tarde do Que Nunca» (de Brian Forbes, Grã-Bretanha/1982, com David Niven, Art Caney, Maggie Smith. *Suspense*)
 04.00 Os Alquimistas

- 20.50 Por Outro Lado
 22.00 Acontece
 22.30 Jornal 2
 23.00 Snoops
 24.00 Artes de Palco: O Aniversário no Banco
 24.50 Andamentos

- VSIC**
 08.00 Buêrére
 10.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.10 A Próxima Vítima
 15.30 A Viagem
 16.40 Malhação
 17.40 Um Anjo Caiu do Céu
 19.00 O Cravo e a Rosa
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Malucos do Riso
 22.00 Ganância/Porto dos Milagres
 23.30 Noites Marcianas
 02.00 «Mãe Precisa-se» (de Fabrice Cazeneuve, França/1999, com Béatrice Dalle, Julien Rochefort, Christiane Cohendy. *Drama*)
 04.00 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Animação
 11.25 Tiro e Queda
 12.10 Big Brother II
 13.00 TVI Jornal
 14.00 Big Brother II
 14.50 Chiquititas
 15.20 Batatoon
 19.15 Big Brother II Extra
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Super Pai
 22.00 Olhos de Água
 23.00 Big Brother
 24.00 Pretender
 01.05 Até que a Lei nos Separe
 02.10 Última Edição
 03.00 Mercy Point
 04.00 Doido por Ti
 04.30 O Vingador

- 14.00 A Europa das Ilhas: Ilhas Canárias
 15.00 Artigo 37
 16.30 Informação Gestual
 17.40 Espaço Infantil
 18.30 Informação Religiosa
 19.25 Andebol: Madeira/F.C.Porto
 21.00 O Triunfo dos Porcos
 22.00 Acontece
 22.30 Jornal 2
 23.00 Conversa Privada
 24.00 «O Tédio» (de Cécile Kahn, França/1998, com Charles Berling, Sophie Guillemin, Arielle Dombasle. *Drama*)
 02.00 Rotações

- VSIC**
 08.00 Buêrére
 10.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.10 A Próxima Vítima
 15.30 A Viagem
 16.40 Malhação
 17.40 Um Anjo Caiu do Céu
 19.00 O Cravo e a Rosa
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Mulher não Entra
 22.00 Ganância/Porto dos Milagres
 23.30 Noites Marcianas
 02.00 Noites Longas
 04.00 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Animação
 11.00 Tiro e Queda
 11.30 Big Brother II
 13.00 TVI Jornal
 14.15 Big Brother II Extra
 14.30 Chiquititas
 15.30 Batatoon
 19.00 Olho Video
 19.30 Big Brother II Extra
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Big Brother
 24.40 Ally McBeal
 01.35 Última Edição
 02.25 Doido por Ti
 02.55 O Vingador

- G.P. Mitsubishi
 18.00 Hugo
 18.30 Informação Religiosa
 19.00 Onda Curta
 19.30 Anatomy of na Avalanche
 20.10 Viver no Campo
 20.40 Livres e Iguais
 22.00 Acontece
 22.30 Jornal 2
 23.00 Fenómeno
 24.00 Sinais do Tempo
 01.00 Departamento de Homicídios

- VSIC**
 08.00 Buêrére
 10.00 SIC 10 Horas
 13.00 Primeiro Jornal
 14.10 A Próxima Vítima
 15.30 A Viagem
 16.40 Malhação
 17.40 Um Anjo Caiu do Céu
 19.00 O Cravo e a Rosa
 20.00 Jornal da Noite
 21.00 Programa da Maria
 22.00 Ganância/Porto dos Milagres
 23.30 Noites Marcianas
 02.00 Noites Longas
 04.00 Portugal Radical

- VTVI**
 08.30 Animação
 11.00 Tiro e Queda
 11.30 Big Brother II
 13.00 TVI Jornal
 14.15 Big Brother II Extra
 14.30 Chiquititas
 15.30 Batatoon
 19.00 Olho Video
 19.30 Big Brother II Extra
 20.00 Jornal Nacional
 21.00 Big Brother
 24.40 Ally McBeal
 01.35 Última Edição
 02.25 Doido por Ti
 02.55 O Vingador

Nota:
 A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

A talhe de foice

• Anabela Fino

O retrato

Dois em cada três dos sete mil alunos de 14 anos inscritos nos 8.º e 9.º anos das escolas portuguesas pouco ou nada sabem sobre o 25 de Abril. Uns relacionam a data com a independência de Portugal, outros com a instauração da República, outros ainda com a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Este facto, revelador de mais ignorância do que a respeitante à Revolução dos Cravos, foi apurado na parte portuguesa de um estudo internacional subordinado ao tema «Cidadania e Educação em 28 países». O resultado final confirma os piores receios: no respeitante ao conhecimento cívico demonstrado, Portugal ficou em 21.º lugar. Um pouco melhor do que os adultos, apesar de tudo, que em termos de literacia se encontra em penúltima posição. Fraca consolidação, sem dúvida, num país cujo primeiro-ministro diz ter uma paixão pela educação, e onde a cidadania é palavra em moda para falar de tudo sem dizer nada. Falemos sem rodeios. Se as nossas crianças aprendem hoje que os descobrimentos portugueses foram «uma maneira de fazer comércio», fruto do «espírito aventureiro dos portugueses» ou uma forma de «aproximar os povos entre si», e não sabem o que foi o 25 de Abril, não será certamente porque este acontecimento está para eles «tão distante como a implantação da República», como refere no Público de sábado passado a coordenadora do estudo, Isabel Menezes. Se a memória não nos falha, os descobrimentos – por idealizada que seja a sua percepção – estão muito mais distantes. O que se passa é que dos descobrimentos fala-se muito, embora nem sempre bem, e do 25 de Abril, da revolta dos capitães, do derrube do fascismo, do fim da guerra colonial, da Reforma Agrária, da democracia, pouco ou nada se diz. Porque o 25 de Abril foi sobretudo a tomada de consciência de um povo do direito a tomar nas próprias mãos o seu destino, e isso é perigoso, muito perigoso, para ensinar às crianças. Faz pensar, e já se sabe que «não há machado que corte a raiz ao pensamento». Bom mesmo é que as meninas e meninos aprendam o «politicamente correcto». O que passa por lhes transmitir que os políticos, todos os políticos, não merecem confiança; que a militância em partidos políticos já não se usa; que para ser bom cidadão basta cumprir as leis e votar nas eleições; que as apetências de participação na vida colectiva se satisfazem numa qualquer organização cívica ou obra de caridade. Os resultados desta prática estão à vista. As crianças confiam mais nas notícias de televisão do que nos governos, a esmagadora maioria do total de 90 mil alunos inquiridos nos 28 países (70 por cento) não se interessa por política, e 80 por cento afirma a intenção de votar quando o puder fazer. Um verdadeiro retrato da democracia burguesa. Não é pois de estranhar que a coordenadora nacional deste estudo afirme que «a questão dos conhecimentos deve ser muito relativizada, pois não são determinantes na acção». O que importa, diz, são as atitudes, e nesse aspecto os nossos meninos até nem se saíram nada mal. Quanto às «expectativas de participação», acrescenta, «estamos, para o melhor e para o pior, dentro do que seria de esperar, atendendo ao desinteresse pela vida política registado nas actuais democracias». Democracia, já agora, significa governo do povo. Mas isso é como o 25 de Abril, não se aprende na escola.

António Filipe é o candidato da CDU à Câmara Municipal da Amadora

«É a Amadora que ganha com a vitória da CDU»

António Filipe foi apresentado ontem como cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal da Amadora. A sessão decorreu nos Recreios da Amadora pelas 19 horas e contou com a presença do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas.

Honrado como «amadorense e como comunista» pela proposta de encabeçar a lista da CDU à presidência da autarquia da Amadora, perdida em 97 para o PS, António Filipe assumiu o seu fazer tudo o que estiver ao seu alcance para ser digno da confiança depositada. O candidato da CDU afirmou não esperar facilidades na «luta que temos pela frente», mas considerou encarar a com a tranquilidade de quem sabe que não está só, «porque íntegro, na CDU, um grande colectivo de homens e mulheres de que me posso justamente orgulhar», pois não estão na política à procura de benesses e vantagens pessoais. Para o deputado comunista, a este «grande colectivo» deve a população da Amadora o melhor de tudo o que o poder local democrático construiu.

Como exemplos, António Filipe lembrou que, quando a Amadora foi elevada a cidade e a município, em Setembro de 1979, «não passava de um dormitório suburbano quase sem vida própria, a braços com problemas urbanísticos inacreditáveis», tendo uma única escola secundária sem quaisquer condições, um caminho de pedras e lama pelo meio das terras onde hoje fica o Parque Central e que a Brandoa era o maior bairro clandestino da Europa e não tinha mais do que um único arruamento alcatroado. «Foram

os comunistas e outros democratas que integraram a APU e a CDU que, a partir da estaca zero, deitaram mãos à instalação do município e das suas freguesias e transformaram aquele que era um triste subúrbio, na cidade que hoje conhecemos», disse o candidato.

A erradicação das barracas é um dos principais objectivos da CDU

António Filipe afirmou ainda dever-se aos comunistas e à CDU a criação de uma vasta rede de estabelecimentos de ensino, a conquista de um estabelecimento de Ensino Superior, um conjunto significativo de equipamentos desportivos, o lançamento do estádio do Monte da Galega, a aquisição e recuperação do teatro D. João V e dos Recreios da Amadora, iniciativas culturais como as bienais de escultura e gravura, o festival de música popular portuguesa ou o festival internacional de banda desenhada.

O pior momento

Para António Filipe, este é o pior momento do concelho da Amadora desde a sua elevação a concelho em 1979. Esta avaliação resulta da análise de que a Amadora, gerida, na opinião do candidato, por uma coligação de facto entre PS e PSD, mudou para pior.

Desde casos de favorecimentos pessoais até à violação do PDM para permitir ao mandatário do presidente a viabilização de um negócio imobiliário de

milhões de contos, António Filipe falou também da destruição da Amascultura, do adiamento constante da conclusão da CRIL e da não construção de novas infra-estruturas desportivas, como algumas das características da actual gestão PS.

Os realojamentos, uma das principais bandeiras do PS – que prometia acabar com as barracas – continuam, nas palavras do deputado do PCP, adiados por decisão política. «Não podemos aceitar que estejam construídos na Boba centenas de fogos ao abrigo do PER e que as famílias a realojar continuem a ter de viver em bairros de barracas em condições inaceitáveis», disse.

Para resolver estes problemas e para «reencontrar a Amadora com a sua história», o candidato considera que a «Amadora precisa de voltar a ter uma Câmara de maioria CDU».

Comó linhas programáticas, o candidato avançou a ambição de «erradicar os bairros de barracas deste município», alargar a rede da educação pré-escolar e dotar o município com mais e melhores infra-estruturas desportivas.

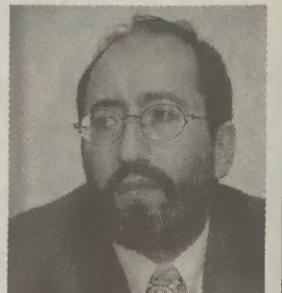
«Não é a CDU que precisa de ganhar a Amadora, é a Amadora que precisa de ganhar com uma vitória da CDU nas próximas eleições autárquicas», concluiu António Filipe.

Experiência e dinamismo

O candidato da CDU à Câmara Municipal da Amadora tem 38 anos e é deputado à Assembleia da República. Licenciado em Direito e pós-graduado em Ciência Política, Cidadania e Governação, António Filipe é membro do Conselho Consultivo da Escola Prática de Administração Pública Luís Sá.

Actualmente, para além de deputado – função que exerce desde 1989 –, é membro da direcção do Grupo Parlamentar, membro da Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, da Comissão de Ética e da Comissão de Inquérito à Fundação para a Prevenção e Segurança. Membro do Comité Central do PCP, termina este ano o seu segundo mandato como membro da Assembleia Municipal da Amadora.

Tendo iniciado a sua actividade no movimento associativo do ensino secundário na Escola Secundária da Amadora, prosseguiu a actividade



António Filipe

associativa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Também enquanto jovem, foi membro da Direcção do Conselho Nacional de Juventude e membro dos organismos executivos da Direcção Nacional da JCP entre 1986 e 1995.

Na Assembleia da República exerceu já variadas funções como sejam a de membro da Comissão Parlamentar de Juventude, da Comissão de Educação, Ciência e Cultura ou de presidente da Comissão Parlamentar sobre Toxicoddependência e Tráfico de Droga, entre muitas outras

Litoral Alentejano

PCP contra atitude arrogante

A Direcção da Organização Regional do Litoral Alentejano do PCP, reunida a 16 de Abril para analisar a decisão do Governo PS de instalar em Santiago do Cacém uma unidade de pré-tratamento de resíduos tóxicos perigosos, concluiu pela exigência da suspensão imediata das obras da referida unidade. Esta estrutura regional do PCP decidiu também na referida reunião pedir explicações ao Partido Socialista, que iniciou todo o processo à revelia das autarquias da região, nomeadamente Sines e Santiago do Cacém.

A DORLA, em comunicado, entende ser necessário «deixar claro à população do Litoral Alentejano que o PS e o seu governo, em vez do propagandeado diálogo, revelou desta forma, e na pessoa do ministro José Sócrates, o seu carácter autoritário e arrogante do «eu

quero, posso e mando»». «Esta medida avulsa demonstra que o PS não tem uma política integrada de tratamento de resíduos industriais, no qual seja definido, entre outros aspectos, a hierarquização dos vários processos de intervenção e actualização de tecnologias



O PCP discorda da imposição de uma Unidade de Pré-Tratamento de Resíduos sem a realização de estudos de impacto ambiental

nas unidades industriais, o inventário e caracterização dos resíduos industriais», acusa a DORLA que considera inaceitável que se «queira impor uma Unidade de Pré-Tratamento de Resíduos Industriais perigosos sem a realização de qualquer estudo de impacto

ambiental». Esta estrutura do PCP «saída a imediata mobilização da população do concelho de Sines, que numa atitude responsável e cívica soube dizer não às intenções do Partido Socialista no Governo» e manifestou a sua solidariedade com as populações do Litoral Alentejano e a sua disponibilidade para «participar em todas as acções que visem a inversão do processo em curso dando o seu incondicional apoio à concentração convocada pelas câmaras municipais de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines».

